

# PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 12, Maio/Junho, 2005

**Lagoa de Velhos**

A terra do "poeta da liberdade"

**Ensaio fotográfico**

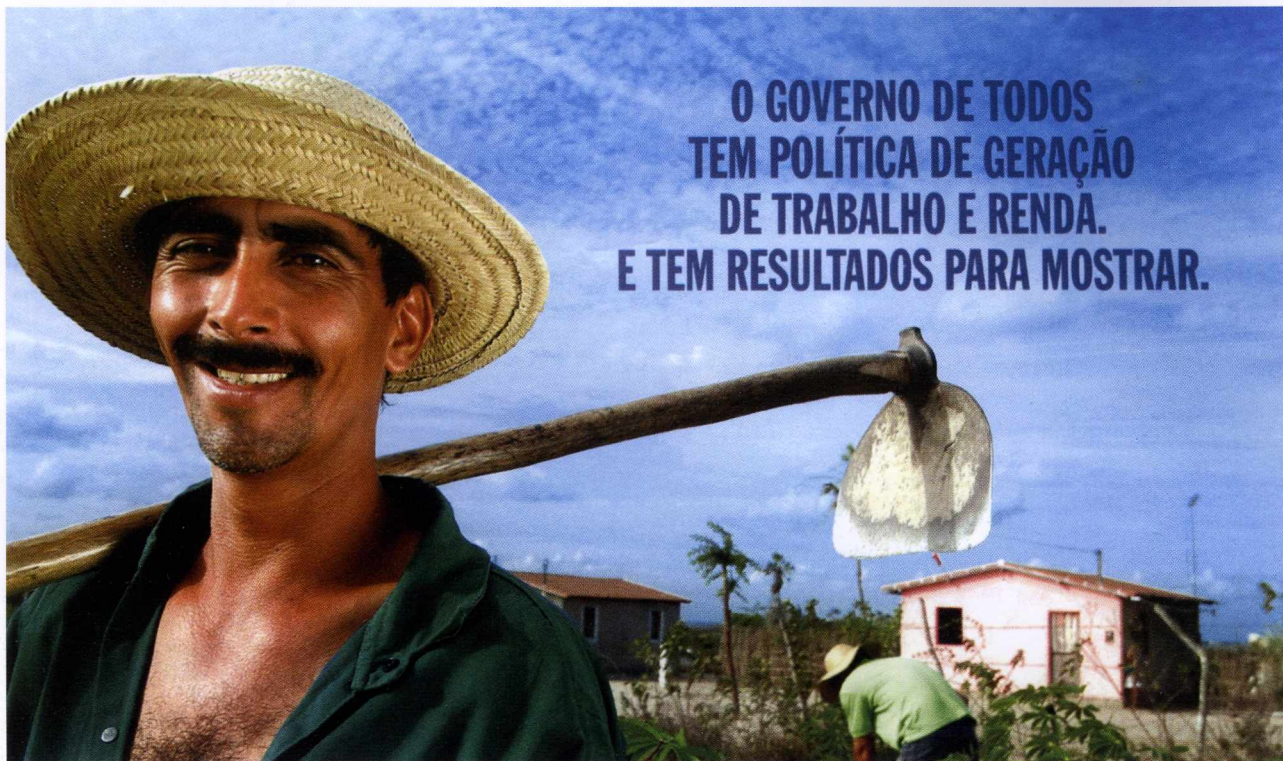
Mandioca: uma raiz brasileira

**Timbaúba dos Batistas**

A capital do bordado potiguar

## Fernando Morais

*Jornalista e escritor fala sobre a censura ao seu novo livro, jornalismo, política, Governo Lula, cultura, Fidel Castro e Hugo Chávez*



**O GOVERNO DE TODOS  
TEM POLÍTICA DE GERAÇÃO  
DE TRABALHO E RENDA.  
E TEM RESULTADOS PARA MOSTRAR.**

O direito ao trabalho é tão sagrado quanto o direito à saúde, à segurança, à educação, à moradia. Por isso, o Governo do Estado não pára de investir na criação de oportunidades de trabalho e renda, em todas as regiões. E o faz de muitas maneiras. O Governo de Todos gera empregos através de programas como o Primeira Chance, que abre o mercado para jovens sem experiência profissional; com as obras e os programas sociais que realiza; com os programas de qualificação profissional e de intermediação de contratações pelo setor privado; e criando condições (infra-estrutura, crédito, incentivos) para atrair empresas ou expandir as já existentes. Em dois anos, as ações articuladas criaram oportunidades de ocupação e renda para 146.349 pessoas, como você pode ver abaixo. Esses investimentos ajudaram a fazer do Rio Grande do Norte o estado nordestino com o melhor desempenho na criação de empregos formais (de carteira assinada), nos últimos doze meses. Foram abertas 20.112 vagas, um crescimento de 8,37% sobre igual período anterior. Estamos crescendo e gerando oportunidades para muitos, como você vai ver a seguir. E isso é muito bom para todos.

Programa Primeira Chance:

**5 mil**

Programa Aprendiz Cidadão:

**1.800**

Programa do Leite:

**4 mil**

Turismo:  
**36.390**

Sine-RN:  
**13.145**

Proadi:  
**3.408**

Agricultura:  
**26.026**

Programa de Microcrédito:  
**3.927**

Programas de Habitação:  
**15.600**

Obras de infra-estrutura:  
**20.079**

Programa  
Desenvolvimento Solidário:  
**14.974**



**FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO**

Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120

Fone/fax: (84) 232.5327/232.5304

**Governadora**

Wilma Maria de Faria

**Presidente**

François Silvestre de Alencar

**Diretor**

José Antônio Pinheiro da Câmara Filho

**PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO  
RIO GRANDE DO NORTE**

ISSN 1679-4176

ANO III Nº 12

MAIO/JUNHO/2005

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

**PERIODICIDADE**

BIMESTRAL

**EDITOR**

TÁCITO COSTA

[tacitocosta@estadao.com.br](mailto:tacitocosta@estadao.com.br)

**EDITOR ASSISTENTE**

GUSTAVO PORPINO DE ARAÚJO

[gporpino@hotmail.com](mailto:gporpino@hotmail.com)

**ESTAGIÁRIOS**

DAVID CLEMENTE E MICHELLI PESSOA

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

LUCIO MASAACKI

[infiniteimagem@bol.com.br](mailto:infiniteimagem@bol.com.br)

(84)8805-1004

**ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO**

VIRGINIA HELENA LINS MAIA

**REVISOR**

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

**CAPA**

FOTO: ANCHIETA XAVIER

# A palavra da casa

## François Silvestre


Mais duas Casas de Cultura Popular prontas para inauguração. Lajes e Apodi. É um programa inovador e consolidado. Há problemas? Há. Dificuldades na manutenção, radicalismos políticos e paroquiais; uma coisa aqui, outra ali. Porém, são problemas sanáveis que não comprometem a grandeza do programa. Convido os críticos de "ouvir dizer" a uma visita de "ver de perto" para poder "contar de certo".

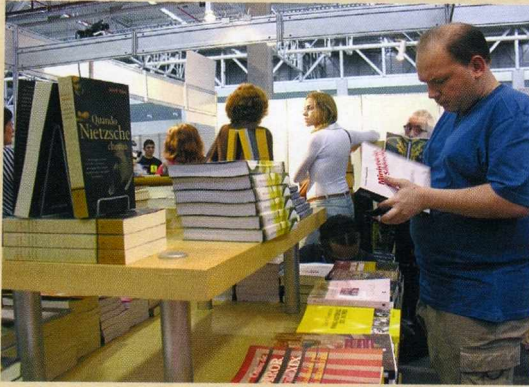
O Governo oferece o equipamento, a coordenação e a manutenção. Mas a vida da Casa depende da vontade e da integração da comunidade. O patrimônio é da cidade e o uso dele, da população. Nós não podemos nem devemos fazer mendicância com a cultura.

Outra obra que estamos em fase de conclusão é o Teatro de Cultura Popular. Um equipamento novo que o Governo, através da FJA, estará presenteando ao mundo artístico de Natal. Será o segundo maior teatro da cidade, enquanto não for construído o maior de todos. E não será apenas o espaço para o Teatro, com platéia e palco. Não. Todo o conjunto compreende o Teatro, uma biblioteca especializada em teatro e cinema, um café-bar, quatro camarins, banheiros, sala de administração e praça ao lado da rampa de acesso.

Ao custo de menos de quatrocentos mil reais, nós aproveitamos o espaço do antigo auditório, que estava abandonado, com a construção de uma laje unindo este a outro prédio, também abandonado, pertencente à Fundação; conseguindo um aproveitamento de espaço que nos ofereceu condições de prover um palco de boa dimensão com uma platéia de aproximadamente duzentos lugares.

Além disso, haverá uma tela embutida que fará o teatro virar cinema. Será portanto, cinema e teatro. Tudo com a orientação técnica da Funarte, em matéria de som, palco, cores, climatização e iluminação.

Há um elenco de outras obras imaginadas e em processo de planejamento. Contarei na próxima Preá. E por falar na Revista, quando da inauguração do Teatro, estaremos entregando os prêmios do Concurso Preá de Dramaturgia do Nordeste. Quase sessenta peças concorrendo. Tá a Preá doze. Mesmo no doze. 



*Durante dez dias, cerca de 190 mil pessoas passaram pela 3ª Bienal do Livro de Natal, que contou com participação de escritores de destaque no país, como Carlos Heitor Cony, Silviano Santiago, Edson Nery e Frederico Pernambuco, entre outros*

*Entre os bairros do Tirol e de Petrópolis resiste um dos últimos redutos da boemia de Natal: o bar Azulão*



e c i p u í	<u>Expediente / A palavra da casa</u>	<u>3</u>
	<u>Cartas</u>	<u>6</u>
	<u>Bienal - Livro ganha dez dias de evidência</u>	<u>8</u>
	<u>Bar Azulão - Catedral da boemia</u>	<u>12</u>
	<u>Leonor Amarante - Artes plásticas passam por transição</u>	<u>15</u>
	<u>Agenda / 13 por 1</u>	<u>18</u>
	<u>Mandioca - uma raiz brasileira</u>	<u>20</u>
	<u>O Santuário do professor de Física</u>	<u>26</u>
	<u>O São João antigo</u>	<u>30</u>
	<u>Alma alimentada musicalmente</u>	<u>32</u>
<u>A voz serena de uma cantora que arrebatou</u>	<u>34</u>	
<u>O Carroceiro e o chicote</u>	<u>37</u>	



*Os fotógrafos José Frota e Maurício Camargo voltam suas lentes para registrar as farinhadas de Tabatinga-RN*



*O poeta Carlos Gurgel escreve sobre o CD “Braseiro” da cantora Roberta Sá, “reluzente voz dessa imensa nação”*

*Pesquisadoras descobrem em Carnaúba dos Dantas, uma das raras mamulengueiras do Esado: Maria Iêda de Medeiros, a “Dadi”*



<b>Sobre ferros de marcar gado e patrimônio cultural</b>	<b>38</b>
Foco Potiguar	41
<b>Dadi - uma face feminina no teatro de bonecos</b>	<b>42</b>
Riobaldo - Misto de cavaleiro andante e de herói moderno	44
<b>A original ficção de Ronaldo Correia de Brito</b>	<b>48</b>
Poesia Potiguar	51
<b>Cansado de correr na direção contrária</b>	<b>55</b>
Só para estilistas	58
<b>Lagoa de Velhos - A terra do “poeta da liberdade”</b>	<b>59</b>
Entrevista - Fernando Morais	69
<b>Timbaúba dos Batistas - A capital do bordado potiguar</b>	<b>77</b>
Livros	89
<b>PS</b>	<b>90</b>



# CARTAS

## Senhor editor

Tomei conhecimento da PREÁ através da amiga, poeta e escritora Iracema Mendes Régis, que me emprestou a edição número 9. Achei a revista bem diagramada, artisticamente colorida, com belas fotos e excelentes entrevistas com escritores, artistas plásticos, músicos; matérias interessantes sobre folclore e arte popular, além da inserção de belos contos de natal e inspiradas poesias. Gostaria de passar a recebê-la. Sou jornalista, escritor e contista.

*Hildebrando Pafundi*

(Escritor - Santo André-SP)

\*\*\*\*\*

## Senhor editor

Agradeço a valiosa remessa da PREÁ, enfatizando o grande trabalho desenvolvido por toda equipe, aliado ao ótimo material de impressão. O nome PREÁ julgamos de grande valia, porque remete e identifica nossas origens. A revista vem contribuindo de maneira destacada com nossa cultura, principalmente nos atualizando com os destaques culturais do nosso querido Rio Grande do Norte.

*Vicente de Paula Pinto*

(Escritor - Goiânia-GO)

## Prezado editor

Estamos interessados em completar nossa coleção da revista PREÁ. Solicitamos enviar-nos um exemplar de cada número indicado. Gostaríamos de receber estes exemplares em doação ou em permuta. Entretanto, se somente for possível adquiri-los por compra, favor notificar-nos os preços das publicações solicitadas, bem como das assinaturas anuais enviadas por via marítima. Agradecendo antecipadamente a sua amável atenção, subscrevo-me.

*Calla Smith-Dowling*

(Library Assistant II - Benson Latin American  
Collection Serials -University of Texas at  
Austin - Austin, Texas-USA)

\*\*\*\*\*

## Caro Gustavo

Armei a arapuca para um bicho pequeno e o que peguei superou o esperado: foi um preazão. Recebi a revista PREÁ 10 e está maravilhosa. Bem apresentada e bem escrita. Aqui na minha terra, temos uma semelhante: Continente Multicultural. Pois é, sou de Pernambuco. Gostaria de continuar recebendo a revista e estreitando os laços. Alimentem esse PREÁ, para que ele cresça robusto e bonito, como os preás de seu Alexandrino (pág.19).

*Joelson Gomes*

(Vitória de Santo Antão-PE)

## Senhor editor

Sou professor no bairro de Vila Rica, na cidade de Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana do Recife. Escrevo para relatar que várias matérias publicadas na PREÁ foram transformadas por mim em plano de aula. As fotos são lindas e inspiradoras. Enriquece qualquer aula de Literatura e de Língua Portuguesa. Continue na teimosia que eu, e certamente todos que têm contato com você, o apoiamos e o apoiaremos. Energia!

*Solano Magalhães*

(Professor - Jaboatão dos Guararapes-PE)

\*\*\*\*\*

## Senhor editor

Acho fundamental a proposta da revista: ser um veículo que informa e instrui ao mesmo tempo e, além de tudo isto, ainda tem como finalidade atingir as mais variadas camadas da população. Vocês estão de parabéns! Como educadora também sinto que o grande desafio é despertar o interesse pela leitura nos jovens e também nos "não tão jovens". Há uma luta também para que não prevaleça apenas a leitura de entretenimento, mas ao lado, leituras que os façam refletir.

*Maria da Conceição Oliveira Guimarães*

(Professora de Literatura e Doutoranda pela UFRN  
- Natal-RN).



### Senhor editor

Como potiguar sinto-me orgulhoso de constatar que a nossa fundação cultural edita uma revista (PREÁ) que, além de primar pela divulgação da nossa cultura, distingue-se, também, por um design de fazer inveja a qualquer periódico nacional, além de apresentar excelentes reportagens. Lembro que a memória de um povo é a razão maior da sua história. Sem memória não há conhecimento. E a sua divulgação é a causa maior da erradicação da ignorância. Parabéns a toda equipe da FJA e da revista PRÉA.

*Luiz Lopes de Oliveira Filho*

(Procurador de Justiça - Natal-RN)

\*\*\*\*\*

### Caro editor

Em primeiro lugar, quero expressar os meus parabéns à Fundação José Augusto pela edição da PREÁ. Tive o prazer de ler o exemplar número 7. O conteúdo expressa o que é de mais importante no cenário cultural do nosso Estado, pela excelente qualidade, textos sóbrios e objetivos, e pelo ótimo trabalho gráfico.

*João de Deus Bezerra de Medeiros*

(Professor - Currais Novos-RN)

### Caro Gustavo

Quero cumprimentar a todos pelo excelente trabalho realizado sobre Pau dos Ferros (PREÁ 11). Fiquei satisfeita e emocionada quando li o artigo "Do carvão aos pincéis". Foi um sonho que realizei com ajuda de vocês. Fiquei honrada em "figurar" nas páginas desta revista, tão rica e bem elaborada em todos os aspectos: apresentação plástica, conteúdo excelente e preocupada em difundir a cultura, sobretudo do nosso Estado, de nossa gente. Gostaria de ficar recebendo a PREÁ tanto por ser uma leitora compulsiva, como por ser professora. A revista é também um excelente material didático.

*Josefa Dantas de Paiva Medeiros Sousa*

(Professora - Pau dos Ferros-RN)

\*\*\*\*\*

### Senhor editor

Venho através desta parabenizar a PREÁ pelas excelentes matérias publicadas na décima edição, que retrata de modo fiel a cultura do Rio Grande do Norte e divulga de forma magnífica o jeito e a sabedoria do nosso povo. Tive o prazer de conhecer esta revista e adorei o seu modo simples e elegante de ser.

*Elanderson Lima Duarte*

(Paraná-RN)

### Senhor editor

Conheci a revista PREÁ através do historiador Gilson Clementino da Silva e adorei a entrevista com o escritor e jornalista Nilson Patriota. Essa revista faz um brilhante trabalho ao divulgar os encantos literários e culturais do nosso Estado.

*Maria de Lourdes Paz Bezerra*

(Estudante de História da Universidade Potiguar - João Câmara-RN)

\*\*\*\*\*

### Sr. editor

Prazer da molesta! Meu nome é Diógenes Pires, mas sou conhecido pelo apelido de "Colorau". Morei em Natal no ano de 1972. Foram os melhores momentos vividos por mim, como músico que sou. Tocava nos The Jetson e tinha aquela grande briga, muito saudável, por sinal, com o grupo do Etelvino, o Impacto 5. Mas deixando o saudosismo de lado, gostaria de agradecer a atenção de vocês em me enviar a PREÁ, que eu acho sensacional e, principalmente, quando fala sobre as cidades que outrora fiz alguns bailes... Boas lembranças tenho de Caicó e seu Carnaval, no Corinthians, Parelhas, Pau dos Ferros, Mossoró do meu amigo João de Deus, etc. O meu sincero e forte abraço para todos da redação e peço que continuem com este trabalho.

*Diógenes Pires (Colorau)*

(Músico - Paulista-PE)

# B I E N A L

*Livro ganha dez dias de evidência*



**Por Sérgio Vilar**

Fotos: Anchieta Xavier

**A** variedade dos assuntos, das estéticas, as promoções e lançamentos de livros e a presença de estrelas da literatura nacional, como Fernando Morais, Marina Colasanti e Carlos Heitor Cony, atraíram crianças, jovens e adultos à III Bienal do Livro de Natal, realizada de 3 a 12 de junho, no Midway Mall. Nem a polêmica acerca da cobrança de ingresso, depois revista – em parte – impediu que cerca de 190 mil pessoas visitassem, durante dez dias, os 1.500 metros quadrados em que estavam montados os 75 estandes do evento, que contou também com música ao vivo, manifestações artísticas e muita discussão literária.

O ciclo negativo que perpassa o mercado editorial (pouca procura = menor tiragem de exemplares = maior preço) não influenciou na venda dos livros. De acordo com a assessoria do evento, foram negociados R\$ 2 milhões em títulos. Apenas o Cheque-Livro – iniciativa do Governo do Estado para equipar bibliotecas das escolas públicas – contribuiu com R\$ 600 mil.

O “Grande Ponto Literário” ficou lotado nos debates entre jornalistas, escritores, poetas e interessados em literatura. Já na “Praça de Autógrafo” – novidade para esta Bienal –, o público dividia seu reconhecimento entre o livro e seu escritor; e na “Hora do Conto” as crianças acompanhavam encantadas os contadores de histórias.

Portugal, como país convidado, trouxe mostra com painéis que retrataram a literatura portuguesa desde Luís de Camões à expressões artísticas atuais.

Os homenageados nesta Bienal, pela contribuição cultural prestada ao Rio Grande do Norte, foram: Deífilo Gurgel, José Xavier Cortez, Manoel Onofre Júnior, Olavo de Medeiros Filho, Oswaldo Lamartine e Vingt-un Rosado.

## GRANDE PONTO LITERÁRIO

Nas cidades antigas de Grécia e Roma, as chamadas Ágoras eram espaços voltados às discussões dos assuntos mais importantes da cidade. Na III Bienal do Livro de Natal, o “Grande Ponto Literário” reuniu intelectuais locais e nacionais para debates em torno da literatura.



**Fernando Morais** abriu o debate do Grande Ponto Literário, na sexta-feira (03.06). A tônica da palestra foi a censura sofrida pelo escritor ao seu livro “Na Toca dos Leões”, embargado pela Justiça de Goiânia. A polêmica discussão sobre as fronteiras do jornalismo literário também foi abordada por Morais, que deu continuidade ao debate acalorado sobre o tema na seção anterior, “Leituras do RN”, com os jornalistas Vicente Serejo, Tácito Costa e Nelson Patriota.

**José Nêumanne Pinto** passeou por muitos assuntos no sábado, mas sempre estacionava na poesia de seu sertão. A simpatia de seu jeito bonachão arrancou risadas do público com a contação de “causos” e do processo de elaboração de sua última obra, lançada na Bienal: “O Silêncio do Delator”. Nêumanne comentou sobre a luta constante que travou com seus personagens para o desfecho do livro. “Um escritor que inicia sua obra já sabendo do fim, não é escritor”, disse. Sobre poesia, o Nêumanne poeta desabafou: “A poesia é a loucura que preciso para ser lúcido”.

**Humberto Hermenegildo** recebeu, no domingo, os escritores Bartolomeu Correia de Melo e Aldo Lopes, no Painel sobre Literatura do RN. O gênero conto predominou no debate, pela própria influência dos cordéis na obra dos dois convidados. “O conto não é uma forma menor de literatura. Sou um contador de histórias”, desabafou Bartolomeu.

**Marina Colasanti** veio em seguida e também teceu comentários sobre gêneros literários. “A crônica vive um momento turbulento. Confundem-na com comentários interligados. Há a crônica textual, de Paulo Mendes Campos e Rubens Alves e a crônica narrativa, de Fernando Sabino. Hoje, o estilo mais usual é a crônica circunstancial, ligada aos fatos do momento, como os textos de Carlos Heitor Cony. Premiada em seus contos infantis, Colasanti disse que os contos de fadas servem para qualquer idade, pois possibilitam infinitas leituras. “Em todos eles há um sentido mítico”, e completou: “ao contrário da poesia, com os contos de fada não quero nada, senão ouvi-los”.

**Afonso Romano de Sant’Anna**, mesmo tendo depois falado sobre questões sociais e culturais do Brasil, como a problemática dos analfabetos funcionais e sua atuação à frente da Biblioteca Nacional do Livro, o poeta iniciou sua pales-



tra pedindo ao público que fechasse os olhos, pois ao leitor, disse o poeta, nada interessa sobre o autor senão seus escritos. E recitou alguns dos poemas transparentes, fluidos, carregados de interrogações, de diálogos com as incoerências da vida. Todos os poemas lidos estão em “Vestígios”, seu novo livro.

### **Frederico Pernambucano de Mello**

trouxe o drama e o primor estético do universo épico do cangaço, ao auditório do Grande Ponto Literário, na terça-feira, 7 de junho. Dos maiores estudiosos do tema, Pernambucano discorreu sobre a importância do cangaço para os valores da cultura nordestina. Segundo ele, a resistência e violência do movimento cangaceiro expressou o desejo do bando de Lampião em manter a tradição de seus costumes, que encontrava-se ameaçada pelo progresso. “Eles não queriam vencer, mas apenas viverem isolados no sertão retentivo, em um sistema de vida pri-

mitivo onde eram felizes sem rei e nem lei”, disse. O escritor comentou ainda sobre o caráter universal do cangaço e as peculiaridades que fizeram do movimento uma subcultura nordestina, através da influência que exerceu na música, nos valores e até no vestuário do povo nordestino, através de indumentárias como alparcatas de rabicho, bornais, perneiras ou calças de culote.

**Raimundo Carrero** proferiu uma palestra didática na Oficina da Escrita, na tarde de quarta-feira, 8 de junho. Romancista premiado nacionalmente, o pernambucano procurou ensinar a arte da escrita através de técnicas objetivas e exemplos, como as “sutilezas narrativas” presentes em “Dom Casmurro” de Machado de Assis. “Não existe inspiração nem talento. Toda frase ou palavra pode vir a ser um romance. Todos nós somos escritores”.

**Zeca Camargo** também esteve presente à Bienal, na quarta-feira, para o lançamento de seu primeiro livro, “Fantástica Volta ao Mundo”. O livro, escrito em 20 dias, narra as aventuras do apresentador nas viagens que fez durante quatro meses, em 45 países, pelo programa Fantástico, da Rede Globo. Zeca Camargo falou da universalidade dos costumes e valores que viu nos quatro cantos do mundo: “As comidas são exóticas, os sons são diferentes, mas os sentimentos e os desejos são iguais em todas as pessoas que vi”.

**Edson Nery da Fonseca:** “Os homens que não nasceram com a sorte de serem poetas são os que mais sentem necessidade da poesia. Sou um pobre prosador”. O “prosador” Edson Nery da Fonseca – presente à Bienal, na quinta-feira, dia 9 de junho – é tido como maior conhecedor da obra de Gilberto Freyre. “Um dos valores supremos, para Gilberto Freyre, era a verdade contida nos paradoxos”, disse. Também dos mais importantes bibliotecários do país, tendo fundado, inclusive, o curso de biblioteconomia no Estado do Rio Grande do Norte, Edson Nery aconselhou: “O bom bibliógrafo é aquele que considera a bibliografia uma atividade interdisciplinar e dedica-se mais ao estudo da literatura. O curso deveria ser uma biblioteca cercada de salas, e não o contrário como ocorre nas universidades”.

**Carlos Heitor Cony** falou sobre seu livro, “Quase Memória”, na noite de sexta-feira, 10 de junho. Na verdade, como explicou, é uma quase-biografia ou um quase-romance. As cenas contidas na obra recriam lembranças do autor, mas que somadas a outras, nunca formam a memória do que foi ou do que outros foram para ele. Cronista e romancista

consagrado, Cony usou de metáfora para traçar um paralelo entre dois dos gêneros literários que o levaram à Academia Brasileira de Letras: a crônica e o romance: “Os cronistas são peixinhos de aquário: têm que ser bonitinhos, ter várias cores, são obrigados a fazerem brincadeiras e vivem em um palco iluminado onde um dono, de tempos em tempos, joga uma farinhazinha para alimentá-los; ninguém discorda de um peixinho de aquário. Já o escritor é peixe de mar aberto; não vive num palco iluminado e, por vezes, nem mesmo a luz do sol chega para ele. O escritor não faz brincadeira nenhuma e precisa correr atrás de seu alimento. Mas, ele tem o oceano a sua disposição: tudo para ele é válido, enquanto o peixinho do aquário não pode ultrapassar a parede do vidro e ainda depende da farinhazinha de seu dono”.

**Silviano Santiago** ocupou o espaço do Grande Ponto Literário no sábado, 11 de junho, onde desvendou segredos de seus romances e das “verdades” de que faz uso para se tornar um dos mais respeitados críticos literários do Brasil. “Nenhuma história bem contada gera ficção. Romance nunca teve lei. Imaginem se descobríssemos, ao final do livro, o mistério de Dom Casmurro? O livro perderia o sabor”, referiu-se Silvano à fidelidade questionável da personagem Capitu, na obra de Machado de Assis. Também poeta, contista e romancista, autor de “Em Liberdade”, considerado um dos dez melhores romances brasileiros dos últimos 30 anos, Silvano desfiou algumas críticas à escassez de personagens intelectuais e o abuso da figura nordestina e pobre na literatura contemporânea. Ainda assim, profetizou: “O século XXI é o século da palavra, por mais contraditório que pareça”, e ressaltou a necessidade de “alargar o sentido da literatura”, não resumindo-a aos romances, contos e poesias. “Os blogs, ao seu modo, também podem

ser considerados literatura; também conheço compositores que lêem muita poesia para escreverem suas músicas”.

**Zuenir Ventura** fechou as palestras do Grande Ponto Literário na noite de domingo, 12 de junho. No exercício do jornalismo há mais de 40 anos, Zuenir dialogou com a platéia acerca de seu best-seller “1968 - O ano que não terminou”, e sobre as mudanças do panorama social, do regime militar à democracia de hoje, que mudaram a maneira do fazer jornalístico. “Antes, se valia de tudo para derrubar o inimigo (a ditadura). Hoje, a imprensa tem um papel mais difícil que é o de informar com ética e exercer,

modestamente, a tarefa de testemunhar seu tempo”. O termo “modestamente”, empregado por Zuenir, quis alertar sobre o caminho desvirtuado que o jornalismo tem tomado nos últimos anos, de julgamento e investigação policial. “Prefiro o termo ‘apurar’, do que ‘investigar’. Não podemos julgar, prender ou condenar; somos jornalistas! Temos que olhar e depois contar. Somos uma testemunha crítica e independente dos acontecimentos”, disse. Para ele, hoje é mais difícil ser rebelde: “lutamos contra o mercado e as desigualdades sociais. Mas o jornalismo ainda pode ser feito com emoção, sentimento e ética”.



## CINCO PONTOS ALTOS E BAIXOS DA BIENAL

### ALTOS

*Realização em si;  
Nível dos convidados e palestras;  
Estande do Senado Federal;  
Participação dos sebos;  
Local do evento.*

### BAIXOS

*Cobrança de ingresso;  
Ausência do estande de livros portugueses;  
Atraso no início das palestras;  
Pobreza dos acervos literários expostos;  
Definição tardia dos participantes. ■*

# Bar Azulão



## Por Gustavo Porphino

Fotos: Anchieta Xavier

Os *shoppings centers* e os *malls* estão por toda parte. A globalização, ou “miamização” de Natal como preferem alguns boêmios, é celebrada por uns e condenada por outros. A velha guarda do Bar Azulão, reduto da boemia natalense, não parece preocupada com a chegada dos novos tempos. As horas ainda passam devagar entre as paredes do boteco da cada vez mais sofisticada avenida Afonso Pena. “A catedral da boemia”, como defi-

ne Luís Carlos de Farias, o Lula Padeiro, freqüentador assíduo do bar, é uma espécie de quartel da resistência. Ninguém ali admite trocar o bate papo descontraído, entre um gole e outro de cerveja, pelo requinte dos lugares da moda.

O som toca Nelson Rodrigues e outros ícones da boemia. Axé e música eletrônica não atravessam a porta. O compositor de “A volta do boêmio”, falecido em 1998, está eternizado numa moldura pendurada na parede, próxima ao balcão. Algumas piadas, versos e um artigo sobre o Azulão, publicado pelo dentista Lenilson Carvalho, no *Jornal de Hoje*,

também dão vida à parede do bar. O ambiente é simples, mas acolhedor.

Atrás do balcão, José Patrocínio Amorim, o Dequinha, dono do bar, recebe os pedidos, mas também senta com os clientes para conversar. Por vezes, parece um psicólogo. As discussões sobre política e futebol transformam o ambiente numa verdadeira bolsa de apostas. “Têm as apostas em época de eleição e também de futebol. Campeonato alemão, italiano, brasileiro, ABC, América... tudo”, comenta o dentista Lenilson Carvalho, 64 anos.

Se o centro da cidade tem a calçada do Café São Luiz, ponto de encontro de aposentados e intelectuais, e palco de discussões acaloradas, o Azulão também congrega muitos e não deixa por menos. Até o presidente do Tribunal de Contas do Rio Grande do Norte, Alcimar Torquato de Almeida, arranja um tempinho para prestigiar o bar da velha guarda. Os freqüentadores, a maioria com curso superior, fazem uso de todo tipo de argumento para ganhar as discussões. “Na tentativa de convencimento, utilizam definições, comparações, estatísticas, pesquisas, estudos científicos, ilustrações, teorias e estudos técnicos”, atesta Lenilson.

Tamanha complexidade parece aumentar a cada gole de cerveja ou uísque, as bebidas mais consumidas no Azulão. Alguns aumentam a voz, gesticulam e xingam,

# Catedral da boemia

mas tudo dentro do clima de brincadeira que impera no bar e seguindo as normas da confraria. A retórica dos boêmios não termina em agressões físicas. “Nunca houve briga”, destaca Dequinha. “É a família Azulão, e também não pode beber sem camisa, nem de sunga de praia”.

O “espaço da amizade Tio Ney”, uma homenagem ao advogado Ney Aranha Marinho, falecido em 1999 e cliente do bar por muitos anos, exemplifica o clima de irmandade do local. A área no pátio do bar serve para as serestas dos finais de semana. As manhãs de domingo são reservadas para os clientes que gostam de cozinhar. “Às vezes, acontece um verdadeiro festival gastronômico variando de pratos refinados a comidas típicas regionais”, conta Lenilson.

A catedral da boemia tem muitos fiéis. Dentistas, advogados, secretários de estado, políticos e aposentados fazem parte da “irmandade” descrita por Lula Padeiro. Boêmio há 17 anos, Lula não esconde que chegou ao bar pela primeira vez “todo desconfiado”. A primeira impressão era de um lugar elitista e restrito a poucos abastados. “Com o decorrer do tempo vi que a catedral da boemia é uma irmandade”, salienta. Desde então, Lula Padeiro chega ao bar quase diariamente às nove da manhã. “O papo, o violão, a boemia em si, é que determinam a hora de ir.”

## 35 anos de história

O Azulão presenciou muitos casos curiosos ao longo de sua história. Numa noite do final dos anos 80, Dequinha já havia fechado o bar e estava em casa, deitado. O telefone toca. Do outro lado da linha, um freqüentador assíduo diz com a voz pausada de quem já tomou algumas doses a mais – “Ô Dequinha, venha abrir o bar!”. Dequinha, sonolento e sem entender o motivo de abrir o bar à meia noite, questiona – “Isso é hora, homem?”. Foi aí que veio a surpresa. O cliente respondeu sem mostrar muita preocupação – “É pra sair, né pra entrar, não...”. Dequinha conta que o boêmio havia ficado dentro do banheiro.

Dequinha abriu seu primeiro bar em 1970 em parceria com o irmão João Nobre. O estabelecimento inicial, localizado nas proximidades do bar atual, não tinha nome. Dois anos depois, os irmãos transferiram o bar para um prédio de paredes azuis na esquina da rua Apodi com a Afonso Pena. A clientela passou a chamar o bar de Azulão e o nome foi adotado. O bar funciona no endereço atual, vizinho ao antigo prédio de paredes azuis da esquina, desde 1996.

Os 35 anos administrando o bar não foram suficientes para Dequinha mostrar cansaço. O dono do Azulão gosta do que faz e sente prazer em receber os clientes. Para atender o gosto dos fregueses, ofe-

rece vários tira-gostos. Tem kibe, queijo de coalho assado, provolone, bife acebolado, salaminho e lingüiça de frango. O queijo do reino, tradicional nos bares do Recife, foi incluído para agradar ainda mais a clientela.

## Carrapicho

O Azulão também tem seu personagem folclórico. Carrapicho, 65 anos, nasceu em Pedro Avelino. Moreno, forte e quase sempre de chapéu, o boêmio mais polêmico do bar diz não ter nome próprio. “Se quiser botar meu nome, é Carrapicho. Tem outro não, é no Brasil inteiro assim”.

Carrapicho já fez de tudo. Foi companheiro de farras de Zé Areia ainda na adolescência, trabalhou em fazendas de Goiás, foi taxista por muitos anos e trabalhou para várias gerações de políticos. “Era um vigia do queijo, pro rato não comer”, diz, sobre os anos em que prestou serviços para Dinarte Mariz (ex-senador) e Djalma Maranhão (ex-prefeito de Natal).

As muitas idas aos antigos cabarés da Ribeira também não saem da lembrança. Carrapicho fez muitas amizades nas mesas das casas de recurso. José Antônio Areia Filho, o Zé Areia, natalense das Rocas, famoso por servir aos americanos na época da Segunda Guerra, parece ter sido o professor de Carrapicho. “Eu com

17, 18 anos, já bebia com Zé Areia”. Segundo contam, Zé Areia, falecido em 1972, chegou a vender urubu como papagaio a um oficial americano. “Morávamos na mesma rua, a Rodrigues Dias, na Praia do Meio”.

Carrapicho escolheu o Azulão para beber por considerar a catedral da boemia “um ambiente com 90% de vantagem em relação aos bares de shopping”. O boêmio folclórico gosta mesmo é de jogar conversa fora e contar causos. Fofoqueiro assumido, Carrapicho coloca em prática os ensinamentos deixados por Zé Areia. “Não me chame pra trás da porta pra contar segredo, nem os meus eu guardo”.

## Fiado no “Zé Buchudo”

Certo dia, Carrapicho, morador das Rocas, passava em frente ao boteco do conhecido Zé Buchudo. Sem titubear, foi logo entrando no ambiente e perguntando – “Seu Zé Buchudo, dava pro senhor me vender três cervejas até sábado?”

O dono, sem medir as conseqüências, atendeu o pedido. Passados três meses a conta continuava pendurada e lá vinha Carrapicho de novo passando em frente ao boteco. Zé Buchudo, reconhecendo a figura de longe, grita: “Ei Carrapicho, tem três cervejas suas aqui!”. Malandro, Carrapicho respondeu de imediato: “Bote no congelador que mais tarde eu tomo!”

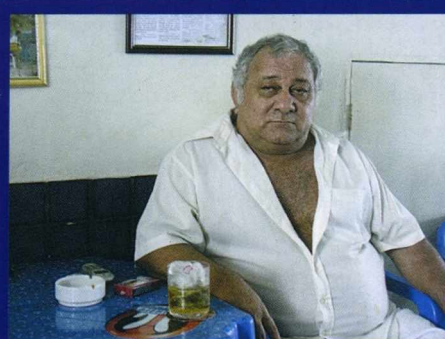
Dequinha, o dono, comanda a “família Azulão”



Carrapicho se diz discípulo de Zé Areia



Lula Padeiro: freqüentador assíduo



# Leonor Amarante



**Por Sérgio Vilar**

**A**s artes plásticas e visuais do Rio Grande do Norte estiveram mais uma vez sob a ótica crítica da curadora paulista Leonor Amarante. Com mais de três décadas de militância no campo das artes visuais, Leonor esteve pela quarta vez em Natal, a convite do Movimento 8 de Maio (um núcleo que reúne artistas com a proposta de informar, fomentar, discutir, enfim, chacoalhar as artes visuais no RN) em comemoração aos festejos do Dia do Artista Plástico (8 de maio),

quando participou de uma série de palestras, mostras, performances e instalações.

Com a propriedade de quem já atuou no caderno de cultura do jornal O Estado de São Paulo e foi editora adjunta de cultura da revista Veja, além de trabalhos em curadoria na Bienal do Mercosul, de 2001, e representante do Brasil na Bienal de Havana, em 2003, Leonor Amarante teceu comentários sobre a efervescência do cenário artístico potiguar e o espaço que a arte contemporânea brasileira desfruta no circuito internacional.

Analisar a arte empreendida em qualquer local não é fácil, afinal, cada um de nós acredita em um conceito de beleza particular e único. E se a arte for vista como uma expressão do sentir humano, simbolizada através das várias expressões artísticas, o significado conceitual da arte torna-se ainda mais distante, pois a arte deve ser sentida e não pensada. Dentro dessa perspectiva, Leonor Amarante analisou o momento das artes plásticas no Brasil e o intercâmbio dos artistas potiguaros com o cenário nacional sem, no entanto, conceituar a qualidade dos artistas e suas obras.

“As artes potiguaras estão se organizando com o Movimento 8 de Maio. No ano passado, ele se compôs melhor e este ano está se consolidando. É um movimento de expressão, que tem uma força. Você ver artistas engajados: há festas nas ruas, performances (uso de teatro ou dança em conjunto com as obras), discussões... Manifestações como essas lidam com toda uma comunidade artística e mobilizam o cenário cultural de uma cidade. E eu acho que esse é o caminho”, afirmou a curadora.

Para Leonor, o momento atual das artes plásticas no país é de transição, com tendências às instalações (utilização de tecnologia para promover uma interação entre obra e espectador) e com um contingente muito grande de artistas jovens

*Artes plásticas passam por transição*

que estão sendo chamados para exposições; artistas que se organizam entre eles e fazem suas próprias curadorias, até mesmo dentro de alguns movimentos, como a mostra - itinerante - Heterodoxia (reúne trabalhos de artistas plásticos brasileiros e latino-americanos e passou por Natal em abril do ano passado) e o M8M.

Se o cenário das artes visuais no RN ainda carece de maior intercâmbio com outros Estados e, por isso, ainda esteja “engatinhando”, como afirma Leonor, a projeção dos artistas brasileiros no mercado internacional tem se firmado. Admiradora do trabalho do artista pernambucano Tunga, além de Cildo Meireles, Guto Lacaz e Beatriz Milhazes, que tem sido bastante solicitada internacionalmente, Leonor Amarante considera que hoje é difícil falar sobre o sucesso de um artista com nível internacional. “Acho que isso não existe. O que existe são artistas que estão mais constantemente em evidência. O Tunga é um artista que há duas décadas participa de exposições. Mas o Brasil é hoje um país que tem uma produção com artistas que são constantemente convidados pra completar a leitura de exposições contemporâneas”.

Para a nova safra de artistas, a curadora aconselha: “É preciso buscar conhecimento sobre estilo, linguagem técnica, temas e, claro, produzir muito. Como

qualquer outra atividade, a arte plástica se aprende fazendo; mostrando. Eu acho que o artista plástico jovem tem que se preocupar em fazer seu portfólio, ter sempre um material livre para disponibilizar ou exibir para um crítico. É importante também a forma como mostrar. Eu acho que isso conta muito. Não é necessário ter um ateliê, mas sim um trabalho organizado”, explica.

Segundo Leonor, os referenciais artísticos contemporâneos sumiram a partir da década de 60, quando o quadro saiu da moldura e a escultura saiu do pedestal. Mas, nem tudo são espinhos aos iniciantes na arte, que procuram algumas influências para se situar nesse universo múltiplo e contraditório, sem amarras, que é a arte. “Eu acho que esses artistas não precisam ter referências ou se preocupar com o que é ou não é arte. Eles têm que produzir aquilo que têm em mente, que têm vontade de fazer. É como um compositor: ele pode inventar um outro som, pode mesclar rock com coco. É música! Ele não fica questionando o conceito: se é rock ou música regional. Se todo mundo pensasse assim não avançaríamos. O artista simplesmente faz e mostra. Existem muitos que inovam e abrem novos caminhos. Eu acho que arte é justamente isso: experimentação”.

Embora a curadora afirme não haver referências, a trajetória do artista plás-

tico potiguar Guaracy Gabriel é um bom exemplo para os jovens que estão começando. Em outra oportunidade que esteve em Natal, Leonor Amarante o chamou, juntamente com a também potiguar Sayonara Pinheiro, para participar da Bienal do Mercosul, em 2001, e da Bienal de Havana, dois anos depois. “É um artista que começa a projetar-se internacionalmente, mas é diferente falar que é um artista internacional. São muito poucos os artistas brasileiros considerados internacionalmente. Há muitos artistas que fazem exposições importantes e completam a leitura de uma exposição. É o caso do Guaracy Gabriel e da Sayonara. É um começo”.

Um fator que tem desestimulado a produção artística, não só potiguar como em todo território nacional é o mercado voltado para as artes plásticas. Se para o artista que já possui alguma projeção, a venda de sua obra anda estagnada, talvez pela complexidade da grande massa em entender e valorizar a arte contemporânea, para aquele artista do interior que precisa procurar as galerias dos grandes centros a situação se afigura ainda pior. Embora Leonor Amarante lembre que há na história grandes nomes que se firmaram sem sair de suas regiões, a realidade nacional hoje é outra.

Como lembra a curadora, os governos precisam ter sensibilidade para disponi-

*Artes plásticas passam po*

bilizar material de pesquisa ligado à arte, abrir espaços e oportunidades para os artistas que se encontram mais afastados dos grandes centros se manifestarem, porque torna-se absolutamente desanimador se produzir algo e ficar entre quatro paredes. “São necessárias políticas culturais. Como diz a música, eu quero comida, diversão e arte. As pessoas querem ser inventivas, produzir, mudar, transformar. As pessoas não querem apenas pagar suas contas no final do mês. E a arte é um caminho, é um mote, é um fazer”.

A individualidade como uma das características desse novo milênio, parece não ter mesmo contagiado o universo das artes visuais contemporâneas. Talvez por ser a arte uma forma de transgressão e reflexão contra os paradigmas sociais, vários artistas têm se unido em “coletivos” para disseminar suas obras sem intervenções hierárquicas. A pesquisadora do Grupo de Estudo para o Pensamento Complexo (Gecom), Sânzia Pinheiro, comentou a importância dessa tendência: “O conjunto das artes visuais no RN não tem um movimento que possibilite uma mobilização cultural, e essas manifestações estão ocorrendo no mundo. Aqui, não vemos discussões sobre a arte contemporânea. O M8M veio para suprir essa necessidade. É uma atualização da década de 70: a desmaterialização da arte; a arte vista não como produto, mas como processo”.

## Chaves defende popularização

Também presente em Natal para a programação dos festejos ao Dia do Artista Plástico, o diretor do Centro de Artes Visuais da Funarte, Chico Chaves, afirma que a falha não está apenas na falta de parceria governamental, que destina sempre os menores percentuais de sua receita para a cultura, mas nos processos de difusão, de discussão, de levar essa arte para as ruas e torná-la mais popular. “Aqui no Brasil as pessoas passam em frente ao museu e não entram, acham que precisa pagar, que é um lugar muito sofisticado, um palacete do rei. Não existe a tradição de contemplar as obras artísticas como ocorre em outros países. Falta popularizar, elaborar planos educativos, levar a arte para as escolas novamente, discutir novas idéias, a educação artística precisa dar um salto”, disse Chico, que brinca se auto-intitulando um artista “prático”.

É notório um marchand dizer que o comprador precisa estar informado sobre quais as tendências atuais e sobre os artistas que estão em evidência, para saber comprar e valorizar a obra que está em sua parede. No entanto, a integração entre a produção e sua comercialização, hoje, está muito atrelada à intermediação de instituições e especialistas, o que torna este empreendimento mais custoso e atesta o pensamento de Chico Chaves,

quando ele diz que há uma necessidade de popularizar a arte e dar possibilidades aos artistas interioranos de se sustentarem com suas obras.

Há algum tempo as artes migraram do campo regionalista, exótico, para o universal, com idéias e propostas que têm a ver com nossa realidade e ao mesmo tempo com as coisas que acontecem no planeta. Dentro dessa assertiva, a produção dos artistas regionais tem também um potencial, se incentivado, para ganhar espaços mais abrangentes. Afinal, desde que não represente plágio ou falsidade ideológica, toda arte é arte.

Marcel Duchamp, pai da arte conceitual e considerado um dos mais influentes artistas do século XX, dizia que a arte pode ser ruim, boa ou indiferente, mas qualquer que seja o adjetivo empregado, temos de chamá-la de arte. “A arte ruim é arte, do mesmo modo como uma emoção ruim é uma emoção”, analisou.

Precursora do transfigurativismo, a artista plástica potiguar Zaira Caldas, homenageada este ano pelo M8M, no alto de seus 77 anos e talvez inspirada pelas palavras de Duchamp, disse que “tudo que se faz em arte é maravilhoso, sejam as instalações, sejam as pinturas; eu não discrimino nada. Para mim, todos os artistas têm alma e, quando têm alma, têm vida, e quando têm vida tem arte”. ■

transição

### **III Semana do Teatro Nordestino**

Será realizada de 1º a 6 de agosto, em Natal, a III Semana do Teatro Nordestino, que a partir deste ano incorpora à sua programação a entrega do Prêmio PREÁ de Dramaturgia, resultado de concurso de textos teatrais que reúne mais de 50 autores de todo o Nordeste; e o lançamento da Antologia do Teatro Nordestino, uma publicação em quatro volumes de 20 textos de autores de todos os Estados do Nordeste. A Semana, promovida pela Fundação José Augusto, homenageará o escritor Ariano Suassuna, pelos 50 anos do “Auto da Compadecida”.



### **Cineclube Natal**

Foi criado em maio o Cineclube Natal, associação cultural que visa disseminar o gosto por filmes de qualidade. Os interessados em participar podem enviar e-mail para cineclubenatal@grupos.com.br ou obter mais informações pelos telefones (84) 8832-2112/9402-8610.

### **Oficinas de teatro**

O Centro de Formação e Pesquisa Teatral, da Fundação José Augusto, promove em julho, Oficinas de Iniciação Teatral, nos turnos vespertino e noturno; Espaço Livre de Criação, com ensaios apresentando os espetáculos “Alguém Lá Fora”, de Clotilde Tavares, e “Barra/Shopping”, de João Junior; Pesquisa e Montagem com a Cia. de Teatro Atores Infames e o Grupo Teatral Família Marmota; e Cinema, com encontro da Associação Brasileira de Documentaristas e Curtametragistas do Rio Grande do Norte. Informações: (84) 3212 1663.

### **Exposição itinerante**

A Fundação José Augusto, o Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e as Prefeituras Municipais de Cerro Corá, Acari e Florânia promovem a exposição itinerante “Populário”, do Grupo Universitário de Aquarela e Pastel – GUAP/UFRN. A mostra será aberta no dia 28 de maio, em Cerro Corá, e poderá ser visitada até 26 de junho; em Currais Novos, a abertura será dia 08 de julho, com visitação de 11 a 29 de julho; em Acari, a abertura será dia 12 de agosto, com visitação de 13 de agosto a 02 de setembro; em Parelhas, a abertura será dia 16 de setembro, com visitação de 19 de setembro a 07 de outubro; em Caicó, a abertura será dia 14 de outubro, com visitação de 17 de outubro a 04 de novembro e em Florânia, a abertura será dia 18 de novembro, com visitação de 21 de novembro a 16 de dezembro.

### **Livro “15 Poetas Novos”**

O livro “15 Poetas Novos”, com os poemas vencedores do III Concurso de Poesia Luís Carlos Guimarães, foi lançado em junho, durante a Bial do Livro de Natal. Participam do livro os poetas João Andrade (1º lugar), Adriano Gray Caldas (2º lugar), Carlos Magno Pereira Fernandes (3º lugar) e outros doze que receberam menções honrosas: Ana Mara Alves de Freitas, Antônio Clauder Alves Arcanjo, Fábio Rodrigo Barbosa da Silva, João Quintino de Medeiros Filho, Julieta Carmelita da Silva, Maísy de Medeiros Freitas, Michelle Ferret Badiali, Nadja Cristina Tavares, Paulo de Araújo, Paulo André Benz, Sílvia Maria Nunes Dantas e Kathirine Kelly Gomes. Esses poetas poderão receber os livros a que tem direito na sede da FJA.

### *“Vestes e Arreios” na Pinacoteca*

A artista plástica Eloísa Faria está com a exposição de cerâmicas “Vestes e Arreios” aberta na Pinacoteca do Estado até o dia 15 de julho. A mostra consiste em quinze trabalhos, sendo sete esculturas de centro e o restante concebido para a parede, trazendo desenhos de Oswaldo Lamartine. Os trabalhos que compõem a exposição retratam o cotidiano do vaqueiro no Seridó, especificamente as vestimentas e arreios, aliando à cerâmica a um dado cultural do sertanejo. Informações: (84)3232-9727.

### *Lançamentos do Sebo Vermelho*

O Sebo Vermelho lançará entre julho e agosto, os livros “Homens e Fatos do Seridó Antigo”, de Dom Adelino de Brito Dantas; “Contribuição Indígena a Fala Natalense”, de Protásio de Melo; “Desenhistas Potiguares”, de Anchieta Fernandes; “A Penúltima Versão do Seridó - Espaço e história no regionalismo seridoense”, de Murakytan de Macedo; e em co-edição com a Capitania das Artes: “A Vaquejada Nordestina e Sua Origem”, de Luís da Câmara Cascudo; “Xico Santeiro”, de Veríssimo de Melo e Zila Mamede e “Cascudo - Mestre do Folclore Brasileiro”, de Djalma Maranhão. Mais informações no Sebo Vermelho: Av. Rio Branco, 705 – Centro - 59025-002 - Telefone (84)9401-9008.

### *A arte Naif de Ivanise*

A artista plástica Ivanise Lima do Vale abre no dia 13 de julho, no restaurante Maturi, exposição em arte Naif. Serão mostrados 20 novos trabalhos da artista.

### *Teatro de Cultura Popular*

A Fundação José Augusto inaugura em agosto, em Natal, o Teatro de Cultura Popular, que funcionará no prédio da instituição, ocupando o antigo auditório Hélio Galvão, mais o terreno lateral da instituição. Com 680 metros quadrados de área construída e capacidade para 210 lugares, o TCP contará com dois camarins e quatro banheiros, um bar-café, uma bilheteria, banheiros, um salão de exposição, um hall de entrada e biblioteca. A obra custará ao Governo do Estado R\$ 389 mil.

### *“Transfigurativismo e Vida”*

Está aberta no Espaço Cultural Odilon Ribeiro Coutinho, na Fundação José Augusto, a exposição “Transfigurativismo e Vida”, do artista plástico Eduardo Alexandre.

### *Concurso de Poesia*

As inscrições para o Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães se encerram no dia 15 de julho. O regulamento pode ser acessado no site da Fundação José Augusto.

### *As galáxias de Haroldo*

Será aberta no dia 7 de julho, às 19 horas, no Centro de Convivência da UFRN, a exposição “Haroldo de Campos, um poeta de várias galáxias”, reunindo fotos, poemas, livros e vídeos sobre o escritor. A promoção é do NAC - Núcleo de Arte e Cultura da UFRN e poderá ser visitada até o dia 25 de julho. Mais informações: (84) 3215-3240, nac@reitoria.ufrn.br

13 POR 1

## Lívio Alves (Poeta)

**Romancista:** Guimarães Rosa (“Grande Sertão Veredas”)

**Poeta:** Fernando Pessoa (“Mensagem”)

**Livro:** O Grande Mentecapto (Fernando Sabino)

**Filme:** La Dolce Vita (Federico Fellini)

**Diretor/Cinema:** Federico Fellini (todos os seus filmes são mágicos)

**Ator/Atriz:** Marlon Brando (“O Poderoso Chefão”), Fernanda Montenegro (“Central do Brasil”)

**Artista plástico:** Marcelus Bob e Newton Navarro

**Cantor/Cantora:** Paul McCartney/Marisa Monte

**Música:** Let It Be

**Compositor:** Chico Buarque de Hollanda

**Peça Teatral:** É... (Millôr Fernandes)

**Intelectual do RN:** Luís da Câmara Cascudo

**Personalidade Cultural do RN:** Tarcísio Gurgel e José Dias

# MANDIOCA

## Uma raiz brasileira

*Esse ensaio é fruto de uma conversa entre José Frota, 39, fotógrafo, e Maurício Camargo Panella, 31, artista e fotógrafo. Visitando e registrando as farinhaças de Tabatinga ao longo de dois meses, José e Maurício retratam o processo sócio-econômico, auto-sustentável e artesanal desta prática de importância centenária na cultura do Brasil — a farinhaça.*

*Esta colaboração segue na mesma linha temática dos ensaios fotográficos anteriores de José por seu caráter sócio-cultural. Vai também ao encontro do trabalho de Maurício por seu caráter educativo, artístico e cultural, como o projeto Casa Mãe Terra (esculturas), localizado no Parque das Dunas de Natal, e o projeto “Memorial do Litoral de Parnamirim”.*



### Lenda

Conta-se que há muitos anos, entre os Índios Manaú, chefiados pelo Tuxaua Ambori, severo guerreiro da palavra, a filha de Ambori, de nome Itaci, veio a engravidar causando-lhe grande mágoa.

O que mais intrigava os índios da tribo era o fato de a moça não ter marido, não sair da aldeia e nem ter pretendentes. Foi tão grande o escândalo que o Tuxaua pressionou a filha na tentativa de saber quem a engravidara. Mesmo tendo apanhado muito, a moça dizia não saber como engravidara.

Envergonhado com o fato, o Taxaua Ambori tomou a decisão de matar a própria filha. À noite, em sonho, apareceu-lhe um caruana (gênio, benfazejo e serviçal que os indígenas crêem habitar o fundo dos rios e igarapés) que lhe afirmava ser a moça inocente, ameaçando com um castigo terrível se viesse a sacrificá-la porque ela havia engravidado.

Impressionado com o sonho, o Taxaua perdoou a filha e esclareceu aos índios tudo o que estava acontecendo.

Decorridos nove meses, a moça veio a dar a luz a uma linda menina, muito branca e cujos traços eram bem diferentes aos da sua raça. A criança recebeu o nome de Mani.

Índios de várias tribos foram ver Mani, que com pouco menos de um ano andava e falava com muito desembaraço. Mani passou a ensinar aos índios o plantio de alimentos destinados a subsistência da tribo.

Ao completar um ano de vida, misteriosamente, sem ter qualquer sinal de doença, Mani faleceu. Uma cova foi cavada no interior da maloca e o seu corpo colocado numa içaçaba (pote de barro de boca larga) e naquela cova foi sepultada.

Diariamente os índios regavam a sepultura, onde a mãe de Mani derramava suas lágrimas. Tempos depois sobre a sepultura de Mani brotou uma planta desconhecida. Quando a planta deu flores e frutos os pássaros que vinham comê-la ficavam embriagados.

Lembrando do sonho que tivera, o Tuxaua recomendava respeito à planta.

Certo dia, os índios notaram que a terra estava fendida ao pé da planta aparecendo algumas raízes. Essas raízes foram arrancadas e partidas revelando-se tão brancas como o corpo de Mani.

Acreditando ser milagre de Tupã, os índios comeram algumas raízes e outras foram amassadas. Delas extraindo um líquido delicioso que passou a ser usado nas reuniões festivas da Aldeia.

Daí por diante os índios passaram a se dedicar ao cultivo da planta e deram-lhe o nome de mandioca ou mandioca, que na lenda quer dizer corpo de Mani.

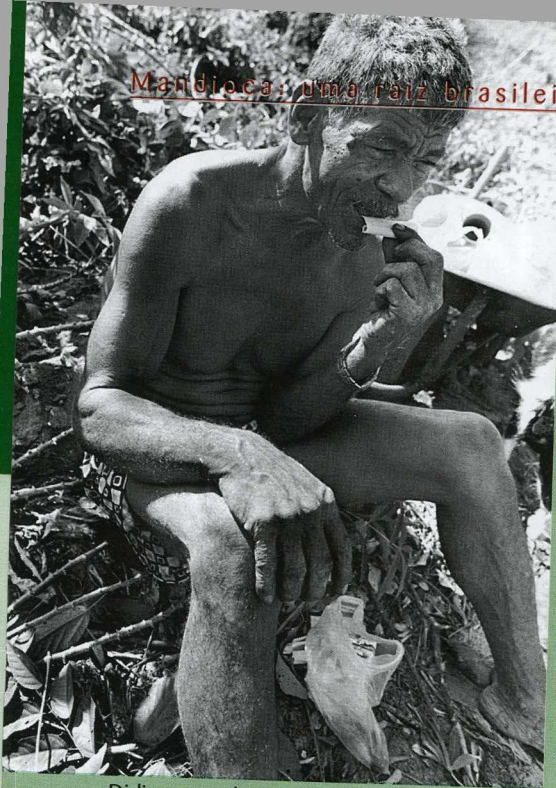


Dona Maria Carneiro, descendente indígena e natural de Extremoz, fundou a Casa de Tapioca de Tabatinga, nos anos 50

No litoral do município de Nísia Floresta, na comunidade de Tabatinga, há uma casa de palha com um forno de barro. Nela ainda mantem-se acesa uma das chamas de nossa milenar história. Nesta casa de farinha todos os anos, entre agosto e novembro, muitas famílias se reúnem para comemorar uma das mais antigas tradições alimentares herdada da cultura indígena brasileira: a Farinhada.

**Ensaio fotográfico: José Frota e Maurício Camargo Panella**

**Emails: zefrota@digizap.com.br - anisestrelado@hotmail.com**

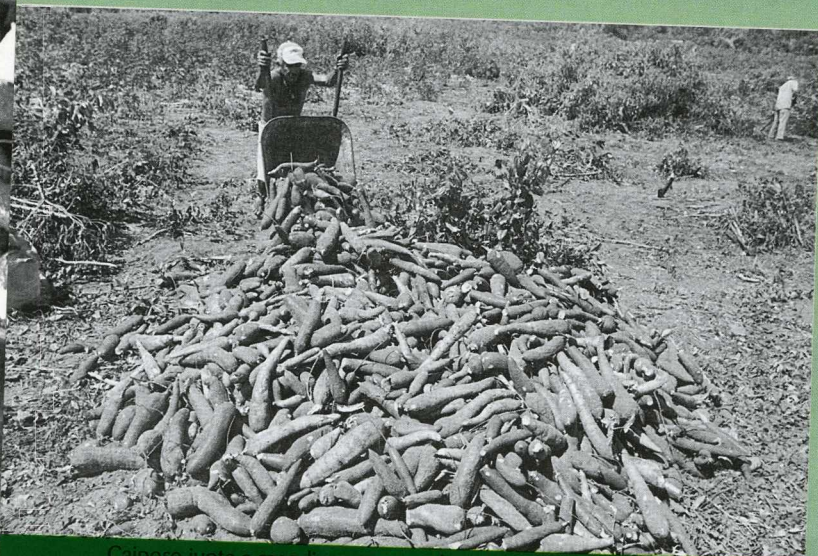
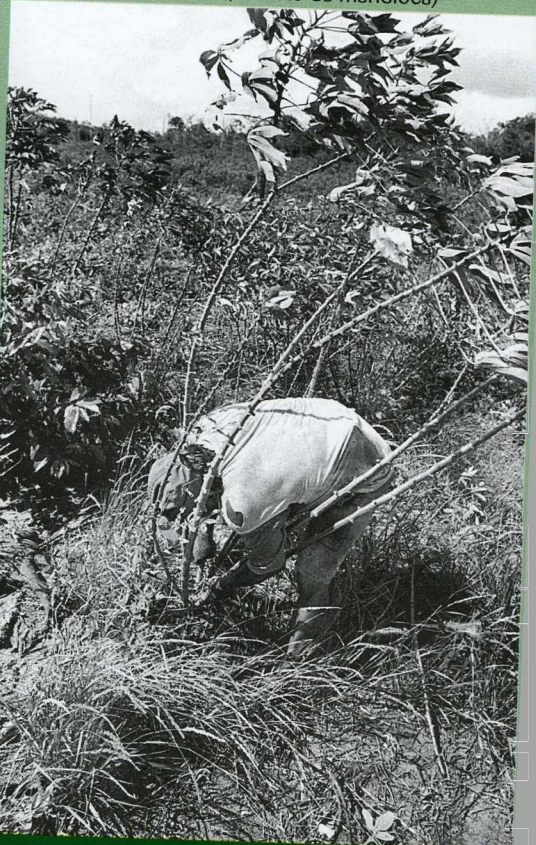


Didi no roçado enrolando seu habitual cigarro



Didi com a filha Solange e a neta

Albino entre a Maniva (arbusto da mandioca)



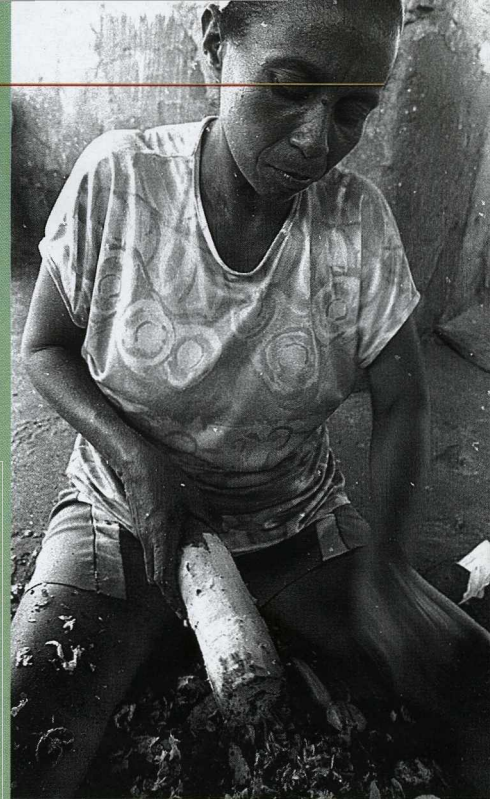
Caiporo junta a mandioca para ser levada à casa de farinha.



Cuiá e medidor são alguns dos instrumentos usados na fabricação artesanal da farinha

*“A fabricação da farinha entre os “mestres” do Nordeste ainda está mais próxima do século XVI que do XX. Descascadas as rãztes e lavadas vão ao cevador-rodete armado de dentes de ferro para a ralação. Os indígenas rala-vam-nas pelo atrito de espinhos, dentes de animais, cascas de ostras. Espremem a mão. As cunhãs que usavam o tipiti tornavam a massa quase seca pela compressão daquele cilindro de palha. A sertaneja leva a massa a prensa primitiva para esgotar o resto do caldo que é a manipoeira, com o ácido cianídrico. No Nordeste o caldo, quando extraído manualmente na primeira operação, é posto num alguidar para serenar 24 horas. E aí a goma, que não dizem tapioca no sul, concentra-se depositando-se finíssima.”*

**Câmara Cascudo**



Raspadeira Dona Ana. As raspadeiras recebem pelo seu trabalho uma porcentagem da goma produzida, que usam para fazer o beiju ao final da farinha-da. O beiju, guardado em lugar fresco, pode durar até 6 meses

Seu Luís administra a casa de farinha; é ele quem agenda as farinhadas e recebe a taxa pelo uso da casa de farinha. Aqui ele opera o rodete na farinhada de Dodó



As raspadeiras em volta de uma pilha de mandioca

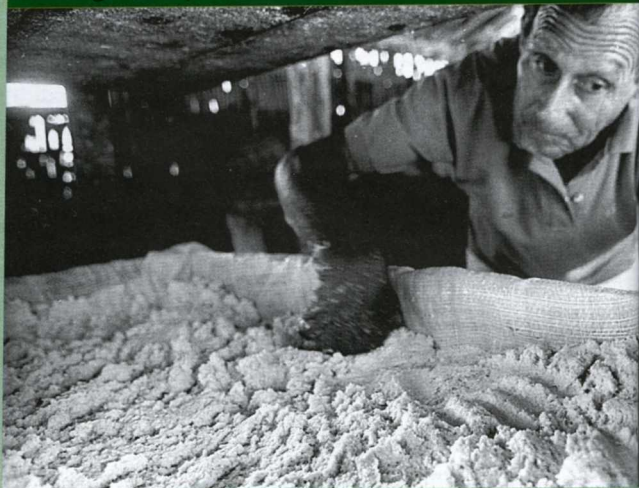


## Mandioca, uma raiz brasileira

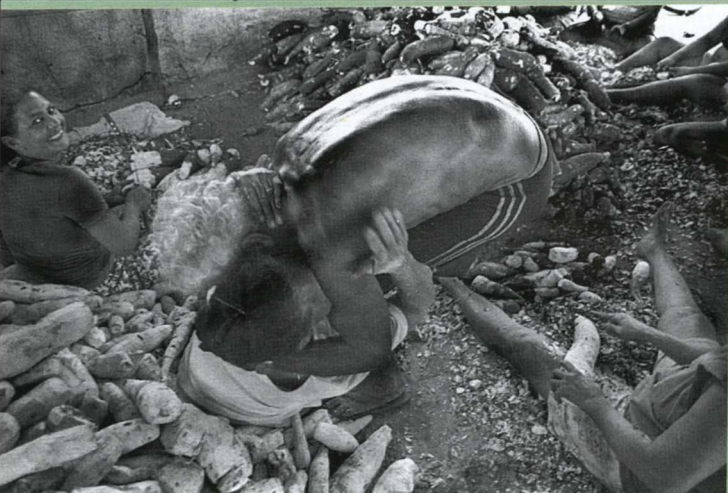
Raspadeiras se divertem simulando uma guitarra com uma mandioca



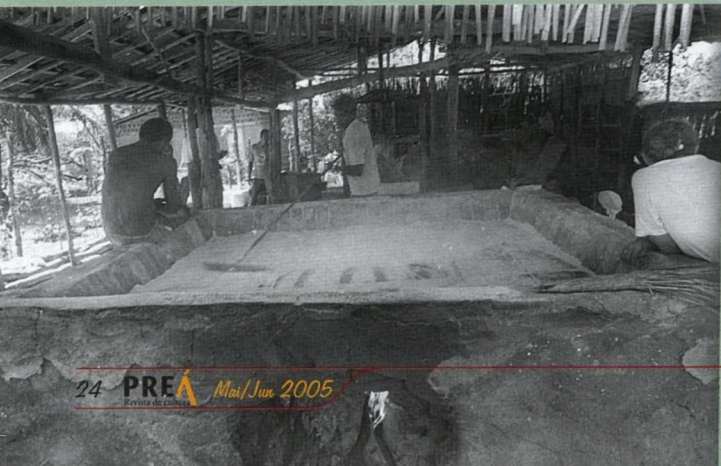
Dodó prepara a massa da mandioca para ser prensada a fim de tirar a água (manipueira)



Didi num abraço brincalhão com uma das raspadeiras



Didi assa a farinha no forno à lenha da casa de farinha de Tabatinga. São 4 trilhos de trem que suportam as pedras do forno



*Mandei fazer uma casa de farinha  
Bem maneirinha que o vento possa levar  
Oi passa o sol  
Oi passa a chuva  
Oi passa o vento  
Só não passa o movimento  
Do cirandeiro a rodar*

**Ciranda de Domínio Popular**

*“A farinha é a camada primitiva, o basalto fundamental na alimentação brasileira. Todos os elementos são posteriores, assentados na imobilidade do uso multicentenário, irredutível, primário, instintivo.”*

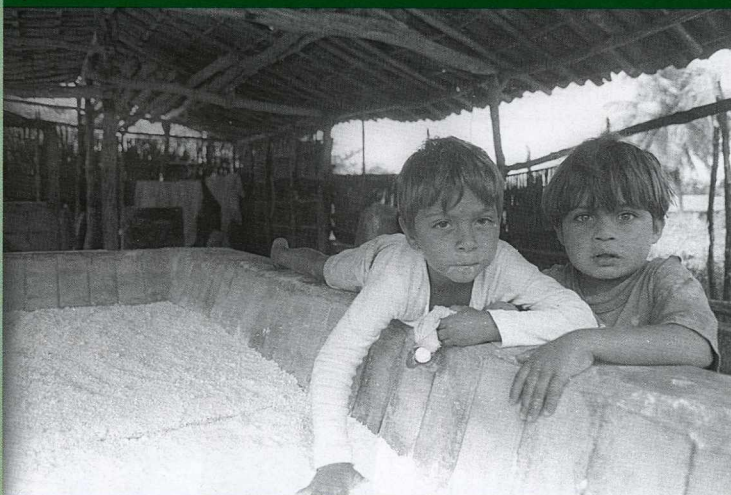
**Câmara Cascudo**

# “Um céu sem

O forneiro é tipicamente daqueles que ajudam na farinhaada, o único que é remunerado em dinheiro.



Meninos da vizinhança vêm brincar com a goma que foi deixada para secar no forno ainda morno



Maria preparando uma Tapioca com coco na Casa da Tapioca de Tabatinga. Essa tradição começou na família com Dona Maria Carneiro, nos anos 50, e hoje quem dá continuidade são a filha Maria, a Neta Solange e outros familiares, que além da tapioca produzem grude e cocadas de varios sabores



*Câmara Cascudo*  
**farinha seria inadmissível.”**

# O santuário do professor de Física

Por David Clemente

Fotos: Gustavo Porpino

Um dos heróis mais famosos da ficção não tem músculos de aço e nem superpoderes, não tem um fiel escudeiro com porte atlético e nem é charmoso e jovem. Pelo contrário. Este ano ele comemora nada menos que 400 anos de existência e continua impressionando a quem o conhece. Trata-se do protagonista que dá nome a um dos livros mais importantes da história da literatura e que inaugurou o romance moderno. “Dom Quixote de La Mancha” consagrou Miguel de Cervantes como um dos autores mais traduzidos e lidos no mundo.

Assim como todo grande artista, Cervantes tem fãs espalhados por todo o globo terrestre. Um deles mora em Natal, capital do Rio Grande do Norte, e algumas vezes assina “O engenhoso Fidalgo Dom João da Mata”. Seu nome completo é João da Mata Costa, tem 50 anos de idade e quase 40 como leitor da obra. O apreço do professor, que leciona Física na Universidade Federal do RN, pela obra de Cervantes é tão grande que ele construiu em sua residência uma riquíssima biblioteca. O lugar, que ele chama de santuário, fica ligeiramente escondido



na casa. Para chegar lá é preciso passar pela sala, cozinha, pelo corredor que leva aos quartos e atravessar o closet. Depois do último cômodo basta subir alguns degraus e já se dá de cara com uma estátua de um cavaleiro macérrimo, que recepciona os visitantes com uma simpática feição. “Dom Quixote está guardando a casa”, explica o professor.

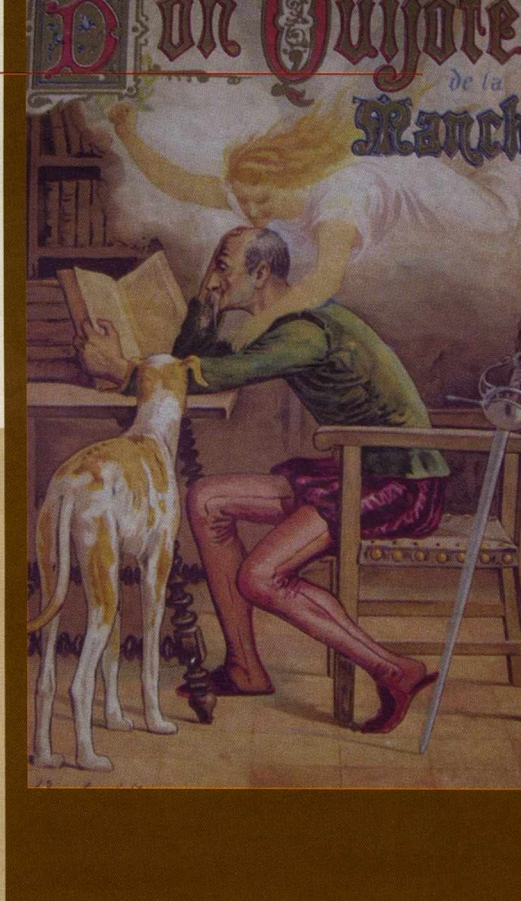
Dentro da biblioteca, de aproximadamente 50 metros quadrados, estão cerca de 500 livros que têm alguma relação com o Quixote. Desse número, quase 400 estão divididos em outros escritos de Cervantes, catálogos, livros que o personagem lê no enredo, publicações com estudos sobre a obra e alguns são inteiramente com desenhos inspirados no personagem. Os mais de cem livros restantes são exatamente “Dom Quixote de La Mancha”. Porém, em mais de 15 idiomas diferentes e muito mais nacionalidades (considerando que nações diferentes usam o mesmo idioma). A última aquisição veio da Bulgária, presente conseguido através da embaixada do país no Brasil. “Escrevi para mais de 30 embaixadas. Uma me conseguiu o livro. Outras não puderam atender e algumas nem responderam”, conta João da Mata.

O acervo do professor tem desde edições do século XVII, incluindo uma publi-

cação de 1780 que, segundo ele, é uma das originais. Também conta com uma cópia exata da primeiríssima edição e com uma versão infantil adaptada por Monteiro Lobato, que está na biblioteca há mais tempo que as demais, pois foi a responsável por inserir Dom Quixote na vida de João da Mata. Para o professor, um dos livros mais belos é o de uma Edição Monumental Portuguesa, ilustrada pelo francês Gustave Doré, famoso por ter produzido imagens para “A Divina Comédia”.

Em se tratando de ilustração, é tão difícil precisar o número de artistas que desenharam e pintaram Dom Quixote, quanto avaliar quantas vezes suas ilustrações já foram admiradas pelo mundo. O fato é que até o surrealista Salvador Dalí e o modernista Portinari já pintaram o macérrimo cavaleiro e seu corpulento amigo Sancho Pança.

O objetivo que o professor João da Mata tem para com seus livros supera o mero ato de colecionar, ele já se considera um bibliógrafo. Apesar de sua coleção já estar bastante extensa, é um projeto infinito, pois João da Mata busca para si também as obras que faziam parte da biblioteca do personagem. Inclui-se neste caso, o livro “Amadís de Gaula” (um dos que Dom Quixote mais lia, segundo



o professor), “Orlando Furioso” e “A celestina”.

Imaginar a biblioteca de João da Mata (ou seria de Dom Quixote?) não é difícil. O espaço tem estantes que cobrem as paredes, livrando apenas as janelas e alguns quadros (em uma das molduras está o diploma de confrade efetivo da Confraria dos Bibliófilos do Brasil, sediada em Brasília-DF), um tapete quadrado no centro do chão, uma mesa redonda e um birô. Difícil é imaginar como ele consegue localizar cada livro com uma habilidade fenomenal. Ele não falou de nenhuma obra que tem, sem buscá-la para mostrar. Vale ressaltar que cada prateleira tem duas fileiras de livros que também estão, organizadamente, dispo-



tos nas margens do tapete e empilhados num balcão.

Para fazer companhia aos livros, diversas estatuetas. Algumas esculpidas em madeira, outras em bronze, e algumas montadas com material reciclado e pedaços de sucata, tal qual as vestimentas do cavaleiro Quixote. Há também filmes sobre o personagem, histórias em quadrinhos, discos compactos com a ópera e canções inspiradas na obra.

João da Mata conta que desde a primeira vez que pôs os olhos nos escritos de Cervantes, passou a repetir essa ação regularmente. Hoje em dia ele não lê o livro inteiro como fazia há tempos. Abre-o aleatoriamente e se deleita com a parte da história que encontrar. Essa dedicação já o fez perceber as interpretações dadas pelos diferentes tradutores ao transcrever o livro do espanhol para o português. “As obras vêm se adaptando à época. As edições mais antigas usavam português arcaico e as de hoje, um português mais acessível. Mas nada que altere a natureza do texto”, adverte o professor.

Para saber onde buscar mais e mais livros, o professor se serve dos catálogos. Ele possui catálogos de muitos países.

Dessa forma, já encontrou importantes edições suecas, finlandesas, gaélicas e até em esperanto. Sempre que viaja, principalmente para a cidade de São Paulo, freqüenta sebos. Quando João da Mata esteve na Espanha, percorreu vários locais de “La Mancha”, dos quais ele destaca Madri, por causa do grande monumento dedicado ao seu personagem preferido. A edição que lamenta não ter, ainda, é uma que saiu distribuída pelo Jornal do Brasil no final do século XIX, considerada uma das mais raras no Brasil. João da Mata não revelou o preço dos livros individualmente, nem quanto vale sua coleção, adiantou que o valor da sua biblioteca é mais afetivo que financeiro, mas admitiu já ter gastado até mil dólares numa única obra de Cervantes.

Conseguir comprar livros tão caros não é fácil. Ele e toda a família já tiveram que abrir mão de viagens, roupas, peças de teatro e até alimentação. Sua esposa e seus dois filhos já leram Dom Quixote de La Mancha, mas nenhum tem tanta paixão quanto o patriarca da família. Eles contestam tanto investimento, mas, segundo João da Mata, entendem. Com tanto valor sentimental assim, dá para se ter uma idéia do esmero que ele tem pe-

las obras. “O livro precisa de tanto cuidado quanto um ser humano”, diz. Todos os livros devem ser manuseados com as mãos limpas e enxutas. Não se pode entrar no aposento do Quixote calçado porque lá é um “santuário”. Comer é tarefa para ser feita em outro cômodo da casa até para o dono dos livros. João da Mata é o único que pode limpar o local, além disso, tenta conservar o ambiente em boa temperatura e sem umidade. Fala, inclusive, em comprar um desumificador. E alerta os amigos: Não pensem em pedir nenhum livro emprestado.

Para explicar o porquê de tanto amor pelo Dom Quixote, João da Mata fala da importância da obra para as pessoas. Segundo ele, Dom Quixote de La Mancha busca o bem da humanidade, fala da vida e propõe a ética. “É tão humano que quiseram comparar Quixote com Cristo”. E quando perguntado sobre a possível loucura que o protagonista homônimo sofre no enredo, ele responde: “Já foi acusado de louco. Mas é uma loucura sã, de alguém que acredita num mundo melhor e em mais justiça”. Como tradição das histórias medievais, Dom Quixote preza pelos fracos e oprimidos tentando salvar virgens aprisiona-

# O santuário do professor

das e lutando contra cata-ventos que ele pensa serem gigantes.

O dia 23 de abril é considerado o dia mundial do livro porque foi o dia em que faleceu Miguel de Cervantes. Para celebrar a data, João da Mata promoveu, na UFRN, duas semanas de um evento literário. Com palestras e, claro, muitos livros. Palestras e entrevistas sobre a obra de Miguel de Cervantes ele já deu muitas, incluindo sala de aula e feira de livros. Hoje em dia ele está à procura de vestimentas que se pareçam com as do Quixote, pois é como ele que João quer ir para as palestras que ministrará. “Já tenho o capacete que se chama elmo e a espada”, diz o professor.

Consumidor e devorador de livros, João da Mata não escapou à vontade de também ser escritor. Ele ainda não tem livros publicados, mas pretende lançar, até o final do ano, seu livro chamado “Ruídos da Máquina do Mundo”, que ainda está em fase de conclusão. O trabalho é metalinguagem pura. Fala de livros, inclusive e obviamente, Dom Quixote. 📖



de Física

# O São João antigo

(Texto publicado na revista O Bonde, em 1908)



**Ferreira Itajubá** (Poeta)

Ilustração: Ivanise Lima do Vale

Que diferença espantosa do São João atual para o de dezesseis anos passados!

No tempo em que não me alvejava os cabelos a neve da velhice e a primavera do ano não me causava inveja à primavera d'alma, os festejos em honra do Precursor do Messias deixavam, sempre, fundas recordações, tal era o fausto dos

seus esplendores, a animação das almas religiosas.

Nos anos em que a estação invernososa corria regularmente, fazia gosto ver, pelo mês de Maria, o milharal pendoado e cheio de espigas louras, esverdeando os campos úmidos, perfumados da exalação das malvas e das rosas silvestres: belas como as flores das laranjeiras.

Os campônios faziam a colheita das espigas maduras, com que preparavam a saborosa canjica, quatro dias antes das festas em louvor a João Batista, e não ha-

via uma choupana em que, na noite de 23 de junho, não se ouvisse a harmonia tradicional dos terços, acompanhada ao rojão arrastado das violas dolentes e violões magoados.

Depois que as fogueiras amorteciam, muitas vezes, à sombra piedosa de um céu recamado de estrelas, diversos boêmios, levando capelas de ramos de manjerona, adornadas de jasmim-laranja percorriam as ruas, transformadas em sítios de bananeiras e mamoeiros verdes, cantando cantigas como estas, tão apropriadas à festividade dessa noite:

*Se São João bem soubesse*

*Quando era o seu dia,  
Descia do céu à terra,  
Com prazer e alegria.*

*Capelinha de melão  
É de São João,*

*A de cravo, a de rosa  
E a de manjericão.*

Boaventura que, nesse tempo, “dava sorte”, tangendo as cordas sonoras do seu violão sentimental, não perdia essas lendárias serenatas, que o progresso contemporâneo vai afugentando dos nossos costumes, como já o fez com outras tradições que se foram na correnteza dos anos.

A última vez que o vi, numa dessas diversões sanjuanescas, foi na noite de 23 de junho de 1891.

Estávamos na residência de um velho amigo que muito me estimava por tradições de família, e que, como o desditoso boêmio a que me refiro, dorme hoje, também, o sono eterno, à sombra misericordiosa do cipreste, junto à cruz mutilada.

O terço havia terminado, as prendas prolongaram-se até alta noite, e quan-

do a madrugada acordou, alva como as fibras terníssimas do algodoeiro, ele se despediu com a seguinte balada popular, muito em voga na época:

*Adeus, parentes, amigos,  
Eu quero me despedir,  
Deixando tantas saudades,  
Adeus, adeus, vou partir.*

*Não sei, meu Deus, como possa,  
Longe da pátria existir,  
Levando tantas saudades,  
Adeus, adeus, vou partir!*

E que direi eu de Antônio Elias e José Lucas: os dois boêmios mestiços da minha terra, que, na frase de um dos nossos modernos intelectuais, divertiram, com os seus violões, uma geração inteira!

Eles que tecem nos cabelos os vestígios da velhice e os olhos marejados d’água pela inclemência dos anos, que saudades não lhes despertarei n’alma ao falar-lhes das coisas desse passado feliz!

Voltam os dias de São João, voltam os dias de Natal e não ouvimos mais o rojão das violas nos casebres humildes, nem o toque dos violões acompanhando oslunduns alegres do saudoso Lourival Açuena, como outrora muitas vezes, à sombra fresca dos cajueiros, carregados ou não de flores cheirosas ou de frutos maduros.

É que da alma do povo vão se apagando, dia a dia, os últimos reflexos da crença: vão se extinguindo os derradeiros anelos pela perseverança dos usos e costumes tradicionais.

Lamento, sinceramente, a derrubada das tradições que nos deixaram aqueles que, atualmente, descansam no silêncio augusto da necrópole, na terra embalsamada do perfume dos goivos.

Hoje em dia, não há mais quem cante o:

*Sabiá, tu bem sabias,  
Sabias que tu caías,  
Sabiá fica sabendo  
Que tu caís todos os dias;*

*Nem tampouco a:*


*Copada mangueira  
Gentil e faceira  
Que, do rio à beira,  
Se vê florear,  
Me lembras o dia  
De amor e folia  
Em que eu terno via  
Marilha cantar!*

Não há mais quem se lembre dos cajueiros antigos da Redinha!

Quantas lendas apagadas por aquelas areias saudosas, por aquelas árvores seculares, à sombra de cujos ramos, antigamente, geraram instrumentos musicais, divertiram-se boêmios apaixonados, repetindo a história dos seus amores castos, nascidos ao luar merencório das nossas noites!

Tenho tédio ao presente, gosto de remontar às eras remotas, volver ao tempo que não volta mais, conversar com os velhos: ruínas da mocidade sonhadora.

- Eles sempre nos falam de uma alegria que tiveram, de uma felicidade que acharam, de uma esperança que nutriram, de uma ilusão que perderam.

E, como tudo isso consola aquele que da velhice vai-se aproximando, sobre as ruínas dos sonhos mortos, das ilusões perdidas, como eu! 



Fotos: Rogério Vital

## Alma alimentada musicalmente

Por David Clemente

**E**ntender porque um dos maiores festivais de bandas independentes do país chama-se “Música Alimento Da Alma - TIM MADA” é fácil quando se observa cada performance das bandas no palco. Os músicos investem tudo de si, doam a alma pelo festival.

O MADA é um evento criado para dar visibilidade às bandas ainda não conhecidas em larga escala. Grupos classificados como independentes por não terem gravadora, nem grandes produtoras administrando sua carreira. A maioria é formado por estudantes universitários com faixa etária que não chega a três décadas de vida. Músicos por convicção e prazer. Dispostos a derramar muitos mililitros de suor sobre o palco para fazer um bom show. Que têm nas suas cabeças verdadeiros laboratórios capazes de criar os mais variados ritmos.

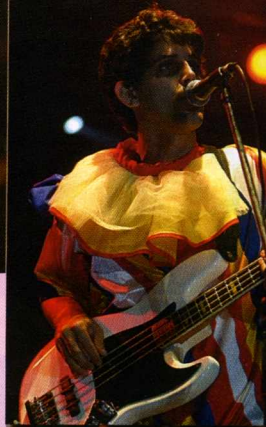
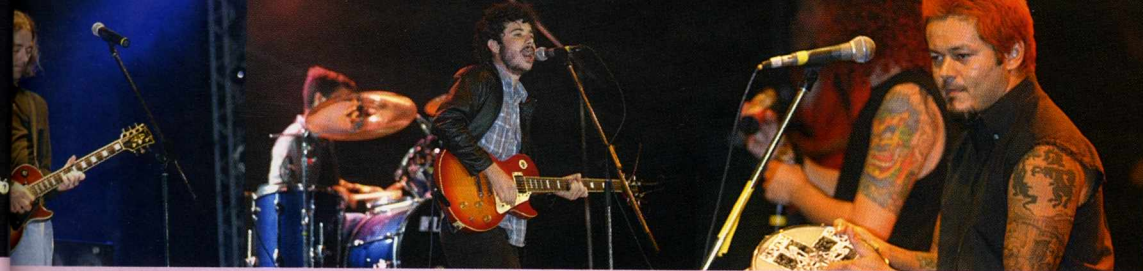
Na edição de 2005, os palcos sustentaram a euforia de 22 bandas independentes, vindas de oito Estados: RN, RJ, PE, BA, CE, MT, PB e DF. E mais as bandas Barão Vermelho, Marcelo Nova e Camisa de Vênus, Planet Hemp, Mundo Livre S/A, Paralamas do Sucesso e Plebe Rude; e os Djs Dom LV e Lady K, responsáveis por comandar a festa Ploc 80's. Bandas que apesar de serem famosas, neste caso, não eram as atrações principais.

A sétima edição do MADA recebeu a maior estrutura física de shows já montada no Rio Grande do Norte. Antes mes-

mo de adentrar o complexo instalado de frente para o mar, se via as lonas, luzes, muito movimento de pessoas na entrada e se escutava o som produzido pelas atrações. Depois do último batente da escada de acesso, era hora de pisar em areia. Já se estava na Feira Mix, o local reservado para artesãos, artistas plásticos e também expositores de gêneros ligados à música. O corredor da feira dividia espaço com a Tenda Rave, o local com as luzes em movimento e a incessante música eletrônica esteve permanentemente animado durante todo o festival. O terceiro espaço, que se notava no complexo, era a Tenda TIM de Jogos Eletrônicos. Fliperamas, mais fliperamas, o jogo Genius, famoso na década de 80, e o DJ Léo Carioca animando o público, principalmente com músicas “oitentistas”, e algumas de outras décadas, quando pedidas.

Tudo muito atraente. Mas a praça principal era mesmo a pista de dança à frente dos palcos. Dois idênticos girantes de 25 metros de largura, cada, munidos de iluminação e muita animação.

É difícil tentar eleger a banda mais irreverente que se apresentou. O vocalista da Kohbaia (CE) fez o show vestindo uma saia curta. The Playboys (PE) cumprimentou o público arremessando notas de dinheiro do palco e usaram paletó e gravata como sátira à sociedade de fachada. O guitarrista da banda Jane Fonda (RN) desceu do palco para tocar no meio do público. Os músicos da banda SeuZé (RN), vestidos como circenses (um palhaço, um pierrô, um mágico e



um bobo da corte) fizeram performance até com faca tirada da cartola do mágico. Os da banda Astronautas (PE) estavam vestidos como se fossem embarcar numa viagem rumo à lua. As bandas Zackarias Nepomuceno (PB) e Luxúria (RJ), frenéticas o tempo todo, fizeram tremer a estrutura do palco.

## Destaques 2005

Apesar de a “experiência” estar gravada no nome, a banda Experiência Ápyus (RN) - que tem apenas um ano - participou do MADA pela primeira vez, mas subiu ao palco como veterana. O vocalista Marlos Ápyus já tem outros dois MADA (2000 e 2001) no currículo, quando era da banda Brigitte Beréu. Ele e a Experiência fizeram um show discreto. Sim, discreto. O que não significa que tenha sido ruim. Pelo contrário, foi um dos melhores shows de todo o evento. Marlos disse ter a sensação de um “estranho no ninho” porque tocou bossa no meio de Rock. Mas a estranheza não foi captada pelo público que, mesmo sem conhecer as músicas, dançou e aplaudiu bastante.

Outro destaque foi para SeuZé, que não é um cantor solo. É uma banda formada por quatro músicos irreverentes que, vestidos de circenses, apresentaram canções do CD Festival do Desconcerto, sequer lançado oficialmente, mas que teve músicas cantadas pela platéia (parte dela vestida com camisa da banda, dizia formar um fã clube). A performance dos

músicos foi desde caras e bocas até uso de faca e banana que saíram da cartola do mágico. O vocalista Lipe diz que o figurino é uma crítica à política do pão e circo. O repertório de rock, samba e regionalismo cravou a marca da banda em quem a assistiu.

Quando chegou a vez da banda Alphorria (RN), o festival já estava quase no fim. Foi o momento da nostalgia. A banda lembrou o primeiro MADA, em 1998, quando a Rua Chile, no bairro da Ribeira, era um espaço suficiente para acomodar o então pequeno público. De lá pra cá, o evento ganhou tamanho, força e fama. Passou a ser disputado pelas bandas independentes por ter a função de vitrine. Projetou nomes como os Detonautas, do Rio de Janeiro, e Cabruêra, da Paraíba. Quem foi escalado para a sétima edição festejou. Um integrante da banda carioca Som Da Rua disse durante sua apresentação que há três anos tentava participar do MADA. A banda Luxúria comemorou dizendo que “é muito difícil um público parar para ouvir o que nunca ouviu na vida. E gostar. É bom ver a galera curtindo isso, mesmo sem conhecer”.

Vale o registro que boa parte do público compareceu ao complexo para ver os shows das bandas já famosas que, neste caso, faziam escada para as independentes. Mas é impossível que este mesmo público não tenha observado o desempenho das estrelas da noite. As bandas independentes, o motivo da festa. 📺

*A voz serena de uma cantora que arrebata*



## Carlos Gurgel

(Poeta - [gurgelpoesia@yahoo.com.br](mailto:gurgelpoesia@yahoo.com.br))

**Q**uem sacia a fome do samba?

É necessário dialogar com agogôs, cavaquinhos, cuícas e pandeiros. Essa cozinha sonora que retempera tímpanos e espíritos. Indivíduos e esperanças. Como se fosse um grande caldeirão disposto a requeimar folhas e quarteirões. Feijoadas e verões.

A música sambística que tem pátria, se espalha nesse imenso continente. Espalha palhas e renova o jeito de se jogar a ginga de quem desce do morro. A mania que só a morena tem de se enfeitar para a lua esperando

o amor que mora por trás do enredo de conquistas e lutas. A faceirice dos jovens e os de mais idade que se lançam em transe por entre farras nas subidas e descidas dos suores noturnos.

É assim que o samba se dança. Sim, porque quem samba, sabe que a senha é sonhar. Samba com sonhos, de jeito aberto, com passos e aquarelas. Pois onde pinta preto e pobre, pinta a madame e o esnobe.

Assim Roberta Sá se mostra, como uma reluzente voz dessa imensa nação. Decidida a entrar na fileira passarella onde reinam Cartola e Jame-lão, a divina Elizeth e os samba-canções. E é assim também que Roberta

se encanta ao redor da jovem-guarda do samba, que responde com seus desejos e calmas à história de uma escola que se fortalece.

Roberta é cantora potiguar que mora desde os nove anos no Rio de Janeiro. Ela tem consciência da raiz do samba do morro. O show dela abrindo as comemorações dos dez anos do projeto "Seis e Meia", confirma a personalidade e o domínio dela no palco.

Requebrando a poesia do povo, Roberta parece se confessar para a platéia. Além do que, o encadeamento entre uma música e outra é perfeito; existindo dessa forma, uma refinada cumplicidade no repertório, onde Roberta desfila sambas mais sambas e outros sambas.

É curioso notar essa desinibida paixão de cantoras jovens brasileiras pelos ritmos de tradição. Assim, tendo o espanto como início, o samba na voz de Roberta ressuscita o *feeling* de uma declaração de amor, a fotografia urbana de uma cidade maravilhosa, o pileque da quitanda da esquina do subúrbio carioca e a fanfarronice de beijos e súplicas que no jardim das escadarias do Cristo pede passagem.

E existe sim, com prazer e competência, um elenco de novos compositores comprometidos com esses negros batuques, como se fora uma interminável lista de linhas e mais linhas de gírias, de passeios pelos encantos da cidade; onde o suspiro do guarda, os

goles no Maracanã, a pedida para o Leblon ou as subidas nas favelas com suas imensas fivelas, é a precisa confirmação de um brevíário do albumbramento, expiação das doses de chopp ou da malemolência da malícia do requebro da mulata isoneira.

Acho pois, que é necessário se pensar mais sobre essas escolhas como parâmetro de uma poesia que atinge a alegria incontida. Ou talvez, seja assim mesmo, sem muita explicação. Pois a filosofia e felicidade do morro e o renascimento das suas origens, faz parte da grande bondade que existe nos corações dos que declaram o seu amor pelas rodas onde reinam batucadas e pileques, improvisos e paixões.

Assim, ilustrando o imprescindível dos negros batuques, a cuíca é servida como ícone do samba, retemperando e abrindo mão da maciez do seu couro (e isso é real), ficando dessa forma, espessa feito a textura de um instrumento frio e sem conexão. Igual a estilização de inúmeros grupos que não hesitam em escolher a estética da superficialidade sonora e letrística como referência dos seus trabalhos.

Sendo assim, é que Roberta com sua voz, com sua música, com a sua escolha, sabedora do valor que sua voz tem, sabedora e consciente do papel que desempenha no palco, quando desfralda a bandeira do mergulho nas

águas que limpam línguas e olhos; é que ela é capaz de entender que o mundo do samba é um moinho, que o mundo do samba é um espelho que espalha preces e canções.

Pois quando se pega talher e prato e é servido esse som, a fome do morro se desenlaça. As mãos, em vez de fazer a viagem de saciar a fome dos que com feijão e farofa se multiplicam (elas, as mãos), se dispõem a exercer e a escrever uma história repleta de interfaces onde os brincantes de franciscanos rostos, são salvos pelos sons da nossa ancestralidade: poeira, poesia e percussão.

O samba, assim, ancião e de longas costas, é servido como farol de alforria e festa, como celebração do coletivo, incansavelmente distribuído entre palmos e palmas. Entre namoros e a gravidez do mundo. Pois, sendo assim, as gerações que procederam todas essas fermentações epidérmicas, reconhecem o real valor do desprendimento do samba que não se samba só, e validaram a sua história através da cultura de atabaques e tribos de simpatizantes que surgiam como que para celebrar os ouvidos do mundo.

É como se fosse um grande terreiro com Roberta no centro, confirmando a sua grande luz. É como se fosse a forma do samba quando chega a hora de se expressar e de saciar a mente de quem deseja a cozinha dos breques e

dos sonoros temperos suburbanos. E tudo se eterniza. Pois o pra(n)to do canto quando anoitece por cima de jejuns e provações fica mais belo. É por inteiro. Uma grande esteira onde cabem foliões e boêmios e a janela da favela que renasce a cada olhar.

Roberta Sá é sã. Com o seu ritmo. Com os seus passos e pistas. Ela é porta-voz e porta-bandeira. É luz e estandarte de avenidas e botecos.

Ela descerra e encerra a poesia de quem descreve as malandragens dos breques de becas e becos. Ela encerra com os seus pés, as descidas e subidas do morro, a maciez de um sorriso e a incompletude de um giro a esmo.

Roberta, como potiguar e carioca, une o caviar do coco com o samba de roda, o carro da madame com a jangada do visionário pescador. Une o sumo da carne de caju com a nascente da cor e do sabor das paixões elétricas e efêmeras. E une os versos de um samba que se forma por entre palhoças e as troças de uma avenida que escolhe partituras e personagens, remadores e profissionais do asfalto.

Ela, como boa carioca, vai de cetim a festa que foi convidada. Compartilha novas canções sem se esquecer de cantarolar batucando na frigideira as lembranças da sua terra Natal. Ou mais que isso: o farfalhar dos coqueiros de Ponta Negra nos seus ouvidos. Ou o morro do Careca que a recebe de braços abertos.

Sendo Roberta *hípica* e luz que flui, ela compreende perfeitamente que o som que sai da gruta do Nordeste brasileiro (que é ela), é renovador. O som que emerge, que se mostra, como um vendaval de zabumbas, pandeiros e ganzás e outros que tais; assim como no Rio via cuca e tamborim,

é o som que se projeta, provocante, instigante e contemporâneo. De um baticum que tem tudo a ver com descobertas e lembranças. Paixão e promessa. Ziriguidum e lundum. E com as suas castas vocais que prenunciam a sua declaração de amor pela multidão grávida pelas suas presenças.

A presença, a revelação e a força de grupos jovens nordestinos, tais como “Tambores Falantes”, “Os Vate”, “As Bastianas”, produções recentíssimas com vigor e competência sonora inquestionáveis.

E é nessa geléia real que Roberta arrebatou. Arrasta a sua sandália maravilhosa que forma e tece a teia de quem procura pela perenidade.

E como tempo que não passa, Roberta com sua voz se deixa levar por entre murmúrios e confissões. Por entre porta-bandeiras e alegorias que declaram o seu amor pelo samba só dela, e pela vida que pede passagem, e que sobrevoa os lábios dos corações apaixonados. E pela cadência do samba que redime os inflexíveis e inconfessáveis cardápios românticos.

Assim o samba é. Como bem Roberta sabe. Disposta a ocupar os sorrisos e as pulsações da aceitação incontida. Pois Roberta é como uma Maria moderna, sem perder a classe da conquista e da simplicidade. Nobre para os notívagos corações urbanos e madrinha das súplicas dos subúrbios nordestinos. Sensível como as dores dos amores irretocáveis. E vasta como uma nuvem que multiplica os passos de quem pisou na avenida ao som da sua voz serena e eternamente vitoriosa. ■

SERVIÇO

CD “Braseiro”

Roberta Sá

MPB - Universal Music

MPB/Samba



## O carroceiro e o chicote

### Kerubino Procópio

(Promotor de Justiça, aposentado)

Ilustração: Vicente Vitoriano

Não se trata, aqui, de se reparar o que vem a ser, especificamente, as relações de um carroceiro com a sua carroça, seu cavalo, seu chicote. No caso, ele é apenas um emblema plástico do que acontece com toda a gente na diversidade das profissões na vida. O que chama atenção, no particular, é que no carroceiro todos os gestos são largos e explícitos, tanto nas chicotadas, soltas no ar, como no espancamento direto no animal. É comum que se veja exemplo disso em quase todos os homens das carroças, sobretudo, quando eles têm platéia. São atitudes que se vê aqui e ali e que pare-

cem, em certos momentos, uma agressão brutal, fria e desnecessária.

Todavia, não é bem assim. É preciso que se entenda que o ato da chicotada tem raízes psicológicas e sociais. Ela é mais, muito mais, do que mostram as feridas dos espancamentos, até mesmo porque ninguém sabe, ao certo, de onde escorre o sangue, se do carroceiro ou do cavalo. Antes de tudo, a chicotada é um ato de afirmação pessoal, como uma expressão de mando e de comando. Em nenhum momento ela visa a mutilar o animal. O que o carroceiro pretende, chicote na mão, é dizer que a sua relação com a vida é uma relação de dor, mas que ele não perdeu a dignidade. Talvez seja este o propósito, talvez não.

Entretanto, o que não se pode deixar de perceber é que, através dos gestos de es-

pancamento, o carroceiro, acima de tudo está espancando o medo, a dor, as frustrações, enfim, está espancando a vida.

Com isso, não chego a dar razão ao carroceiro nem tampouco ao cavalo que, a rigor, a briga não é com ele. A briga do carroceiro é com os fantasmas da existência e o cavalo é só um detalhe.

Ninguém pense, contudo, que este estado de espírito é condição apenas dos carroceiros. Assim como eles, todos temos, também, nos desvãos da lucidez, nossos chicotes e nossos dias de carroceiros, só que ninguém mostra os seus animais nem as estrias dos espancamentos. Por quê? Porque do lado de cá se se espanca em silêncio, também se apanha calado. Portanto, a diferença está no cavalo. ■



# Sobre ferros de marcar gado e patrimônio cultural

## Helder Alexandre Medeiros de Macedo

(Historiador e Especialista em Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo pela UFRN)

Ilustração: Hivana Macedo

Um dos *flashes* do mundo rural do Sertão do Seridó, além da habitação, alimentação e do próprio universo cotidiano do vaqueiro, diz respeito ao ofício do ferreiro e ao seu *locus* de trabalho, a tenda. Inventários *post-mortem* analisados por Olavo de Medeiros Filho e referentes ao Sertão do Seridó (*Velhos Inventários do Seridó*, Brasília, Centro Gráfico do Senado Federal, 1984) indicam que, dentre os objetos que compunham o interior da morada sertaneja, alguns eram confeccionados a partir de madeira extraída da vegetação nativa pelo oficial de carapina (ancestral do carpinteiro). Entretanto, diversos objetos e mesmo móveis de madeira encontravam sua complementaridade nas peças de ferro, como as malas (acrescidas das ferragens e dobradiças) e as portas (acrescidas, também, de dobradiças e abertas com grandes chaves).

Além disso, o trato com o gado e mesmo as atividades agrícolas exigiam a presença de determinados artefatos, cuja confecção era obra do ferreiro. Para ilustrar nossa assertiva tomemos dois pontos do Sertão do Seridó. O primeiro é a Fazenda Belém (Acari-RN), de propriedade do Sargento-Mor Felipe de Moura e Albuquerque. Em 1789, quando do inventário *post-mortem* deste último, a viúva meeira, dona Maria da Puridade Barreto, arrolara, dentre outros bens de ferro, quatro enxadas (de bom uso), três foices de roçar, dois machados, um ferro de cova (já velho), um serrrote de serrar pontas, um martelo (velho e pequeno) e duas marcas de ferrar gado. Quatro anos depois, a Fazenda das Lajes (Ouro Branco-RN), ano de grande seca, casa de morada do Capitão Domingos Alves dos Santos. No inventário realizado pelo falecimento do patriarca foram listados cinqüenta e quatro objetos no *Título de Ferro*,

dos quais destacamos seis ferros de marcar gado, três enxós, uma picareta, onze machados, onze enxadas e um facão.

Os artefatos de ferro de que necessitavam os sertanejos para seus usos do dia-a-dia eram pensados e forjados na chamada *tenda do ferreiro*. Esta era uma pequena oficina artesanal onde, ao intelecto e inteligência do homem, juntavam-se pedaços de ferro incandescidos para fazer surgir os objetos de sua necessidade. Na quentura da tenda nasciam não apenas os elementos ligados ao cotidiano das fazendas sertanejas, dos quais listamos alguns no parágrafo anterior, mas, também, toda sorte de peças. Valemo-nos novamente de Olavo de Medeiros Filho, que enumera ainda, dentre os produtos do ofício do ferreiro, algemas, cadeados de algemas e grilhões que eram utilizados no castigo aos escravos. Segundo Oswaldo Lamartine de Faria, as chamadas *armas brancas* (trinchete, peixeira, cutelo, punhal, facão, para citar exemplos) presentes nas histórias de valentia do sertão também eram produto da tenda do ferreiro, sendo costume antigo o seu uso pelos homens em bainha no cós

da calça. Voltando à tenda do ferreiro, é ainda Oswaldo Lamartine de Faria quem nos dá a descrição mais rica de detalhes do seu ambiente:

*Nasciam em paredes de taipa e prosperavam remontadas na mais singela alvenaria de tijolos e telha vã. Portas de duas folhas, divididas à altura da cintura, se fechavam em ferrolhos e tramelas. Dos caibros pendiam, em rosário-aramé, toda sorte de aros, argolas, porcas e arruelas das mais diversas bitolas. Paredes aninhando nichos e prateleiras, onde se arrumavam ou esqueciam objetos menores, peças ou pedaços, ferros e vergalhões - sobejos de trabalhos terminados ou reserva eventual de uma serventia vindoura (Apontamentos sobre a fúca de ponta. Mossoró, Fundação Ozelita Cascudo Rodrigues/Fundação Guimarães Duque, 1988, Col. Mossoroense, série C, v. CDXIV).*

Nesse espaço racionalizado em função das artes do amoldar o metal, reinava toda uma parafernália inerente ao ofício, chamada popularmente de *forja do ferreiro*. Inicialmente tínhamos a safra, espécie de bigorna, presa a um cepo, onde se malhava o ferro em brasa; a fornalha, com fogo feito a partir de lenha ou carvão, que era atizado por um fole de couro; as tenazes, em formato de tesoura, cujos longos cabos tinham a finalidade de manusear as peças na forja e malhar na safra; e os malhos, grandes martelos com os quais o ferreiro batia o ferro candente na safra, na tentativa de moldá-lo. As peças moldadas iam parar num torno, de onde seguiriam para o acabamento final, com direito a serem serradas, limadas ou polidas. Algumas, ainda, eram imersas ainda incandescentes em tinas d'água fria (ou de água com óleo), para que o banho lhes proporcionasse a têmpera desejada.

Provavelmente o ofício do ferreiro e a sua compleição na tenda devem ter sido importados do mundo ibérico quando de sua transladação para as ribeiras sertanejas. Anota Oswaldo Lamartine de Faria, a propósito, que em Évora, na Portugal

do século XIV, encontram-se os ancestrais mais antigos das tendas de ferreiro de que se tem conhecimento. Trata-se de oficinas de malhar ferro, que utilizavam similares objetos de uso e recursos humanos no seu cotidiano. Lembra ainda o etnógrafo que as tendas de ferreiro mais famosas nas redondezas do Sertão do Seridó foram as dos Cariris Novos (Ceará) e dos Cariris Velhos (Paraíba), célebres pelos afamados mestres que fabricavam facas de ponta dos mais diversos tipos. No Rio Grande do Norte as mais conhecidas teriam sido as do Mestre José Augusto (São Tomé) e Mestre Silvino (Lajes).

Curiosamente os *Apontamentos* de Oswaldo Lamartine de Faria não apontam nenhuma tenda de ferreiro no Seridó de antanho. No entanto, a tradição oral e mesmo as descrições dos bens das casas de fazenda presentes nos inventários *post-mortem* dão conta da existência de tendas de ferreiro no Sertão do Seridó. Olavo de Medeiros Filho elenca o labor do ferreiro como um dos (...) *ofícios especializados, muito necessários à vida ali desenvolvida [ nas fazendas ]*, afirmando, ainda, que os mais hábeis oficiais de ferreiro, segundo a tradição seridoense, eram negros. Não nos sentimos à vontade, portanto, para compactuar com a idéia de uma inexistência de tendas de ferreiro nas ribeiras seridoenses, a julgar pela necessidade constante do uso de artefatos e aprestos na faina diária do gado e da lavoura. Exemplar nesse sentido é um instrumento fabricado nas tendas e bastante utilizado na lide com a pecuária, o ferro de marcar gado.

Remontando ao Egito Antigo, a prática de se marcar o gado com um ferro se mostrou bastante necessária para o Seridó dos primeiros momentos da colonização, quando os pastos e tabuleiros não possuíam marcos divisórios tão bem delineados como as atuais cercas de arame farpado. Sendo o gado criado de forma extensiva, se fazia mais que indispensável identificá-lo, o que se conseguia com a aposição de uma marca à rês.

Fabricada pelos ferreiros, a marca de ferrear gado era composta de três partes: o cabo, feito, geralmente, de pinhão-bravo ou de sabugo de milho; a haste, de ferro e a marca propriamente dita, onde figurava um símbolo ou letra. Tradicionalmente se ferrava o gado com um símbolo, que representava a fazenda do proprietário e, em primeira instância, a sua própria família. Assim, a simples observação de um ferro assemelhado a um *quatro* poderia indicar, no Seridó antigo, que o mesmo pertencia a uma pessoa da família Medeiros. Assim como um *pê* indicava a família Macedo e um *dê* os Dantas, apenas para citar exemplos.

Além da marca do proprietário costumava-se também inserir a marca da ribeira, que, a princípio, indicava a procedência geográfica do gado em relação à bacia hidrográfica onde estava situado. Posteriormente seria indicativo da povoação, vila ou município de onde era originário. No Seridó, por exemplo, a marca de ribeira mais antiga é um "S", que já se usava antes da criação da Vila Nova do Príncipe (hoje, Caicó) em 1788, quando foi adotada oficialmente pelo seu primeiro administrador, o Sargento-Mor Cipriano Lopes Galvão. Não há consenso sobre o que é que significaria o primitivo sinal, se o Rio Seridó ou a avoenga padroeira, Sant'Ana. O certo é que, com a gradativa criação de outros municípios no Seridó, a partir do desmembramento inicial de Acari (1833), conservou-se o "S" primeiro, acrescido de pequenas diferenças. Acari, Parelhas, Serra Negra do Norte, Carnaúba dos Dantas, Currais Novos, Florânia e Jardim do Seridó, ainda hoje, têm em suas ribeiras um "S", com algum tipo de diferenciação.

A marca ferrada no gado imprimia poder numa região inóspita e sem muitas cercas (a não ser as destinadas à engorda e apartação), qual era o Seridó das primeiras fazendas. Imprimia, também, a dominação do proprietário sobre sua mercadoria, se considerarmos que as duas marcas (a do dono e a da ribeira) diziam a qual família ele pertencia e

onde habitava o seu rebanho. Tínhamos, então, corpos sobrepostos, o do proprietário da fazenda, simbolizado pela sua marca, no corpo da rês de seu rebanho. Os interessados em saber mais sobre esse assunto poderão consultar o texto do Professor Iranilson Buriti de Oliveira, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, intitulado “Uma identidade feita de marcas: imagens e estereótipos do sertanejo”.

Nos começos do sertão, quando se perdia de vista as terras e não havia mais que o leito dos rios ou algum acidente geográfico saliente para divisá-las, o uso das marcas assinaladas no couro dos bovinos fez surgir uma verdadeira *heráldica sertaneja*, nas palavras de Oswald Lamartine de Faria, diferentemente dos brasões ibéricos que identificavam as famílias mais ilustres e de renome. Segundo ele, essa heráldica foi:

*(...) forjada na luta sem canseiras de escapar às secas, à mingua de recursos, rasgando as carnes contra os espinhos da caatinga e a flecha do gentio, naquelas solidões do sem-fim. Não veio de mercês, das graças, dos feitos do agrado real, nem do freqüentar os salões do paço. Foi gravada a ferro caldo no viver da solidão de um anônimo e esquecido dos ermos da terra onde vaquejavam os seus rebanhos. Brasão sem cores nem cintilações, queimado a fogo no couro vivo dos gados, nas tábuas das portas, nos caixotes, nos teréns, nos mourões das porteiras, ou pintado em traços grotescos nos tecidos grosseiros das sacarias, com a nódoa indesejada do feio-pardo do leite de pinhão-bravo (...)* (Ferro de ribeiras do Rio Grande do Norte, Mossoró, Fundação Guimarães Duque, 1984, p. 23)

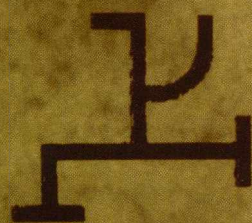
A partir de meados do século XX o uso da marca de ferrar gado em forma de símbolo caiu em desuso, sendo recorrente o uso de letras na ferra de bois e vacas. Letras que, em geral, designam as iniciais do proprietário. A habitação

do sertanejo também tomou ares de modernidade, sendo utilizados na sua construção, hoje, materiais como concreto e ferro, além dos velhos e conhecidos tijolo e telha. Esta, não mais fabricada apenas pela mão do oleiro, nas *olarias* à beira dos riachos, mas, em grande parte, pelas ferramentas mecânicas das indústrias de cerâmica vermelha. A carne de boi ainda é a mais consumida no sertão, porém o número dos rebanhos não é mais o mesmo, assim como o processo da feitura do queijo.

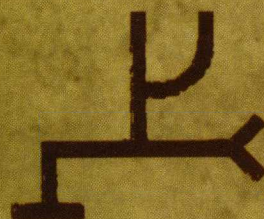
Até mesmo a Caatinga não é mais a mesma, apresentando, em algumas áreas do Seridó, verdadeiros bolsões onde a mata nativa simplesmente não existe mais, caracterizando o processo de desertificação que ameaça a região. O vaqueiro pouco se vê, pelo menos da forma como o encontramos nos discursos da literatura regional, enervado em suas véstias de couro e cantando o seu aboio.

Apareceu o mundo da urbanidade e o mundo rural ficou pra trás, embora muito de sua cultura tenha se transferido para a cidade. Alertamos, com as derradeiras frases deste texto, para o perigo do esquecimento em que pode cair o mundo rural, verdadeiro patrimônio cultural da historicidade do sertanejo. Esperamos que os leitores deste texto possam refletir sobre a preservação desse patrimônio cultural, para que não fiquem adormecidos nos estratos mais profundos da memória as marcas e símbolos que foram tão comuns nas fazendas do Seridó de outrora. ■

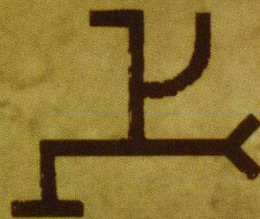
## Uma heráldica maranganha



Félix dos Garrotes  
(1818-1905)



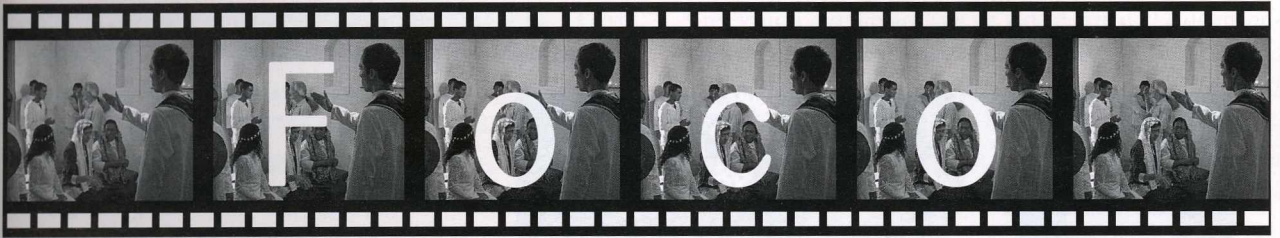
Félix da Pendanga  
(1863-1937)



Silvino Balá  
(1891-1958)



E a ribeira do Acari



# P o t i g u a r

## Terra em Transe **Marcos A. Felipe**

Quando foi exibido, na sessão inaugural do Cineclub de Natal, no último 20 de maio, “Terra em Transe” (1967), de Glauber Rocha, causou sensação 40 anos depois de sua estréia em terras tupiniquins. Realizado no Brasil do Regime Militar, o filme assemelha-se a uma “cápsula do tempo”, já que traz elementos que caracterizam, radicalmente, aquela época: o populismo, a destituição do poder, a luta de classe, o intelectual orgânico, a arte revolucionária, a latino-américa e o silêncio do povo.

No devaneio histórico-poético do seu diretor, Eldorado é um país hipotético, onde ocorre uma disputa de poder entre as facções de Porfírio Diaz (Paulo Austran), que quer ser Imperador; e Dom Felipe Vieira (José Lewgoy), o governador da província. Acompanhamos esse embate a partir do ponto de vista do poeta-revolucionário Paulo Martins (Jardel Filho), encerrado em contradições políticas. Mas a questão, em “Terra em Transe”, é que, ao aproximar-se da realidade, o filme se afasta do tempo histórico em que foi realizado.

Apesar das categorias sociais e políticas serem características do Brasil da década

de 60, a imagem nunca tenta datar a época. Justamente porque a forma utilizada é dessemelhante ao realismo cinemanovista de Linduarte Noronha e Nelson Pereira dos Santos, por exemplo. O que se tem é um dispositivo alegórico e elíptico trabalhando dois territórios (o histórico e o ficcional) e uma proposição: enquanto no primeiro caso a resposta é quantitativa, no segundo uma realidade histórica é negada pela linguagem que, paradoxalmente, a materializa.

Em “Terra em Transe” outras contradições apresentam-se a partir de sua abordagem. Principalmente, porque se estrutura não mais em personagens desvinculados de suas categorias sociais e de uma base histórica que os confirmem. Mas em personagens presos ao mundo que, historicamente, provoca a concretude de suas vidas, comportamentos e atitudes. Portanto, seja o poeta-revolucionário ou o governador populista, eles nunca estão isolados enquanto dimensões da realidade - indivíduo, tempo e espaço.

O poeta Paulo Martins (Jardel Filho), por exemplo, tem todas as atribuições históricas daquele mundo hipotético. É, enquanto sujeito, caracterizado por um tempo, espaço e comportamento determinados. Assim, constitui-se em um retrato do colaboracionismo e/ou um ativismo de inércia do PCB que atrasou a luta armada contra a Ditadura durante anos. Mas, como uma abordagem que consegue materializar os componentes


da realidade foge da História para eternizar-se enquanto representação fílmica atemporal?

Aclamado pela revista francesa Cahiers du Cinema, “Terra em Transe” é um filme fundado em “contradições internas”. Contradições dos personagens que, ora apresentam-se como salvadores do povo, ora encontram-se atrelados à máquina do poder, bem como de um país que não se define enquanto dimensão histórica ou ficcional. Em meio a tanta contradição, entra em crise o personagem, Eldorado e o Cinema Novo, que começa a ser enterrado por um de seus fundadores.

## Notas

“Terra em Transe” (1967), quase 40 anos depois, tem uma cópia restaurada e lançada em todo o Brasil. Exibido no último Festival de Berlim, o filme emocionou a platéia formada por espectadores do mundo inteiro;

O “Tempo Glauber” é uma instituição brasileira responsável pela preservação da obra glauberiana - site: <<http://www.tempoglauber.com.br/>>;

Só “Deus e o Diabo na Terra do Sol” (1964), da obra de Glauber Rocha, foi lançado em DVD. 



# D a d i

## *Uma face feminina no teatro de bonecos*

### **Maria das Graças Cavalcanti**

(Graduanda em História - CCCHLA/UFRN  
galnatal@hotmail.com)

### **Wani F. Pereira**

(Pesquisadora MCC e GRECOM/UFRN  
wanipereira@ufrnet.br)

O Teatro de Bonecos - cuja origem perde-se e ultrapassa o mistério dos tempos -, na região do Nordeste do Brasil, toma o nome de Mamulengos e suas variantes: “João-Redondo”, “Babau”, “Benedito”, dentre outros. O Mamulengo deve seu nome, provavelmente, ao fato de serem usados no espetáculo, bonecos de luva, movidos pela mão, que se escondem debaixo da roupa do personagem, um camisolão. O dedo médio dá sustentação ao pescoço e movimento da cabeça, o indicador e o polegar manipulam os braços e mãos do boneco. Para sua feitura, os artesãos criam e dão vida a personagens mais diversos com a madeira (mulungu, imburana) ou cabaças, por sua leveza (F. Jasiello, 2000).

Espectáculo popular, ambulante, caracterizado pelo manuseio de pequenos bonecos que, por detrás de uma tolda armada - que faz as vezes de um cenário e cortina, onde se destaca como padronagem os chitões estampados com cores fortes -, tem cumprido historicamente um papel dialógico: ao mesmo tempo profano e religioso marcado pela necessidade de divertir, instruir e criticar. Nele, o artista-artesão mamulengueiro, satiriza o lado político-social, através de uma linguagem dinâmica, em permanente estado de ebulição histórica. Esta estética, aparentemente simples, oculta soluções cênicas originais e engenhosas, que torna o Teatro de Bonecos uma arte e sua linguagem sempre atuais o que demonstra uma *reinvenção da tradição* como argumenta o historiador E. Hobsbawn, 1997.


A arte do teatro de bonecos é apresentada em espaços abertos como praças, de frente a residências de apreciadores e defensores desses *brincantes*, ou nos picadeiros do circo, movimentam-se bonecos e o ator, interagindo com um público heteróclito, seja nas idades, nas visões de mundo, nas intelectualidades - autodidata ou acadêmica.

No Rio Grande do Norte, a genealogia desse ator conhecido como *Calungueiro*, *João-Redondo*, aponta esta tradição como essencialmente masculina. Foi então que no ano de

2001, no contexto da realização do projeto “Santeiros e Devoções do RN” - Museu Câmara Cascudo/UFRN -, encontramos na cidade de Carnaúba dos Dantas/RN, Maria Iêda de Medeiros, conhecida por Dadi, 62 anos naquela data. Revisitávamos e atualizávamos naquele período os locais de devoção do RN, localizando e registrando também os fazedores de milagres, como são conhecidos os escultores de ex-votos. Esta era a referência inicial de Dadi - fazedora de milagres -, o que parecia confirmar uma tradição seguida pelos Santeiros em geral: um ritual de iniciação artística que passa inicialmente pela feitura dos ex-votos. Mas Maria Iêda de Medeiros, Dadi, transgride também esta regra: ao invés de se tornar Santeira, envereda por um outro caminho - o do lúdico, do riso, da sátira, do teatro -, esculpindo seus bonecos ou calungas como prefere chamá-los.

*Calungueira.* Assim se intitula Dadi, que se dedica há mais de uma década à arte de dar vida e voz aos bonecos. Autodidata, concretiza com suas criações, o que na infância parecia um mistério guardado detrás da empanada. Destaca-se no seu saber-fazer o uso de materiais - madeira e espuma -, na singularidade do ato de esculpir, na exímia pintura que revela traços e perfis dos calungas, a costura das indumentárias, o acréscimo de cabeleiras coloridas. Além de apresentar para públicos diversos personagens já consagrados na historiografia - como o “Capitão João Redondo” e “Benedito” -, cria outros e assim atualiza o cenário de nossa cultura popular. Sua inventividade extrapola os bonecos de luvas - os calungas, mamulengos -, para as marionetes de fios, bonecos de grande porte, bonecas de pano. Além de artista-artesã, Dadi revela uma via poética - *o nosso mundo representa um panorama dum grande teatro, onde todo dia passa um drama completo de episódios, trazendo grande festa e alegria vamos juntos dar valor a esta bela fantasia (...)*. No RN, não encontramos qualquer outro registro sobre a biografia e história de vida de Dadi, tarefa prazerosa a que nos dedicamos, configurada num projeto de pesquisa e extensão, em desenvolvimento a partir de 2002. Neste mesmo ano, tratamos de dar conhecimento, visibilidade e tornar de domínio público, a arte de Dadi. Durante três dias a artesã ministrou, a nosso convite, como Facilitadora, uma Oficina de Bonecos de madeira no contexto da realização da VIII Feira de Ciência, Tecnologia e Cultura - CIENTEC/UFRN, registrada em vídeo e divulgada através de matéria escrita no jornal A Tribuna do Norte, “Ela é Calungueira”. Paralelamente à oficina, participamos de uma outra atividade no mesmo evento - Salão de Extensão -, apresentado sob a forma de pôster e dados com a sistematização da vida e arte de Dadi. Como resultado, o trabalho “Dadi: a face feminina do teatro de bonecos do RN”, recebeu o prêmio de melhor trabalho no salão de Arte e Educação

A relevância e singularidade da vida e arte de Dadi encontram-se reconhecida e devidamente prestigiada no Estado de Pernambuco. No Recife, o Curso de Educação Artística/UFPE, faz uso dos calungas nas suas atividades artístico-pedagógicas. Em Olinda, o Museu do Mamulengo adquiriu e mantém em exposição uma coleção composta por suas primeiras criações. Pode-se assim, a partir desses objetos, inventariar desde o princípio, o itinerário artístico-lúdico da calungueira.

No RN, o Museu Câmara Cascudo/UFRN, dando prosseguimento à sua política de educação patrimonial, tem sob sua guarda duas coleções assinadas por Dadi. Juntam-se, assim, ao acervo e coleção existente no espaço da exposição de longa duração: à de autoria de “Zé Relampo”. Com o conjunto dos calungas de Dadi, inaugura-se no contexto das instituições museológicas locais a forma de aquisição sob comodato. Neste caso o colecionador não perde a posse nem propriedade dos objetos, toma conhecimento das condições adequadas de acondicionamento e conservação e autoriza o museu a pesquisar, documentar, divulgar e expor sua coleção. Embora não haja uma cultura geral para tal procedimento - infelizmente não se encontram reservas técnicas compatíveis com as normas básicas exigidas para acondicionamento e conservação dos acervos e patrimônios culturais nos museus e instituições afins -, o sistema do comodato poderia se constituir numa relevante e eficiente estratégia de conhecimento, divulgação e renovação dos acervos museológicos em geral. É esta uma das apostas dos pesquisadores do Núcleo de Estudos e Projetos Especiais - MCC/UFRN, além de produzir e divulgar conhecimentos e assim contribuir para uma política patrimonial. Neste sentido, ao final do projeto, para tornar de domínio público parte desse patrimônio cultural, serão usados como suporte diversas tecnologias e mídias, como por exemplo: a publicação de um livro-catálogo, contendo a história de vida e arte da artesã Dadi; a produção de um CD-ROM; disponibilizar informações através de Web, um vídeo, montagem de uma exposição itinerante. Assim, à genealogia até então conhecida - onde fulguram estrelas como Chico Daniel, José Soares de Assis - “O Zé Relampo”, recentemente *encantado*, Josivan Ângelo da Costa, filho de Chico Daniel, José Erivan de Assis, filho de Zé Relampo -, acrescentar-se-á o brilho de Maria Iêda de Medeiros. Componente deste amplo cenário, Dadi, ao esculpir seus calungas, contribui para a preservação das artes da tradição, da história oral, tornando-se guardiã de uma memória e história imemoriais. 

*Misto de cavaleiro andante e de herói moderno*

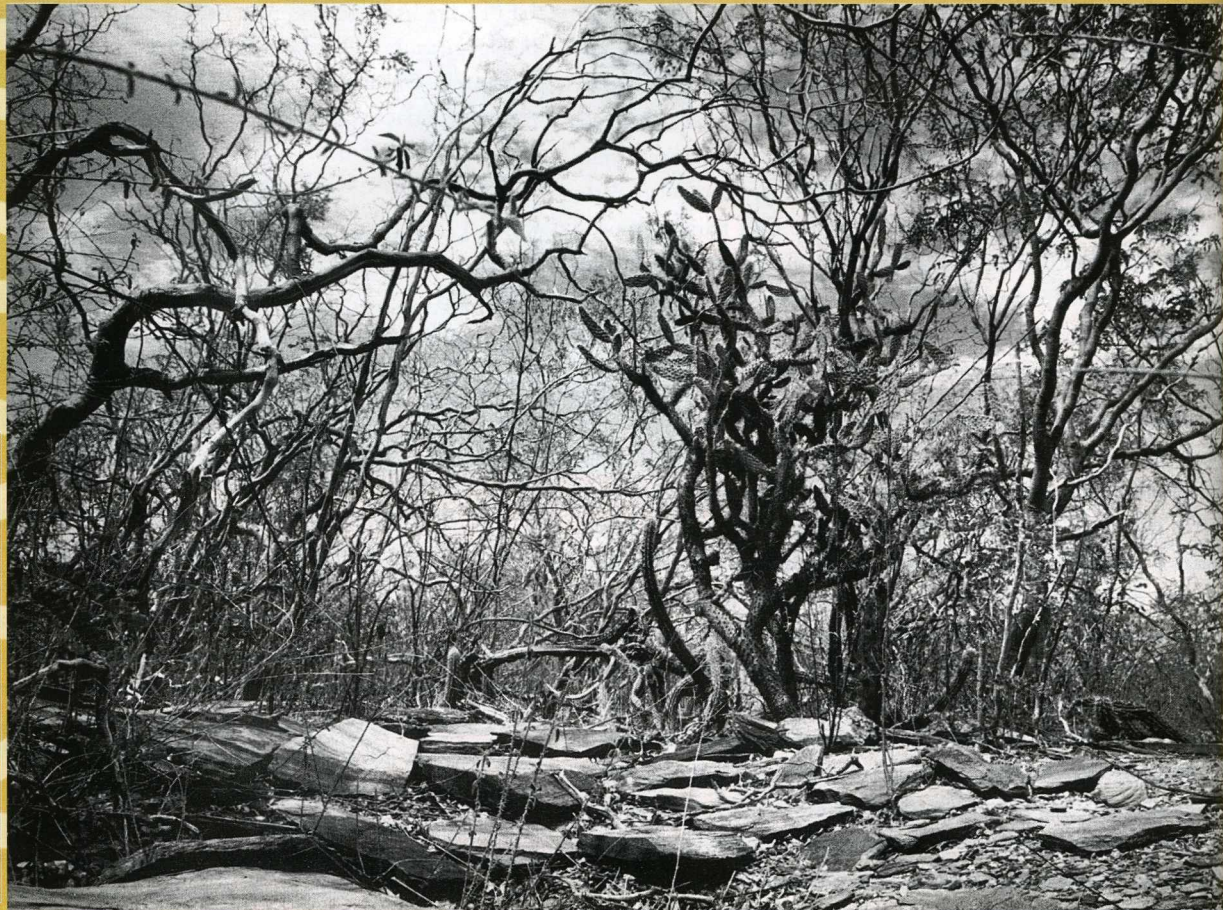


Foto: Evandro Teixeira

*“... o mais importante e bonito, do mundo, é isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas  
mas que elas vão sempre mudando.  
Afinam ou desafinam. Verdade maior.”*

**João Guimarães Rosa. Grande Sertão: Veredas.**

## Maria da Conceição Oliveira Guimarães

(Professora de Literatura Brasileira e Portuguesa e Doutoranda pela UFRN)

É sabido que “Grande Sertão: Veredas” é uma obra de proporção estrutural gigantesca e que nela os diversos gêneros lírico, épico e dramático interagem em forma de romance.

O aspecto lírico está presente na arquitetura global da obra. Se a forma apresenta-se revolucionária ao começar com travessão, indicador de um narrador imediato à oralidade, é a *leminiscata* que define um diálogo lírico em continuidade. Com efeito, o lirismo não representa o mundo exterior, antes, traduz-se numa elaboração lingüística objetiva, de sintaxe estruturada em ordenação explícita, revelando-se através da fala sincopada de Riobaldo: *Explico pro senhor: o diabo vive dentro do homem, os crespos do homem ou é o homem arruinado ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum*. Essa construção oracional, fragmentada pela pontuação, gera uma leitura em forma de “lançadeira”, como teoriza Roberto Schwarz. O jogo lingüístico apontado por Schwarz funda uma aparente falta de significação, pois a ausência de articulação de subordinadas contribui para a existência de um discurso entrecortado como o trabalho de uma lançadeira. Percebe-se assim que o discurso rosiano caminha do popular ao erudito, exigindo desta maneira que o leitor seja um ouvinte em frontalidade com o personagem-narrador, de tal forma, que lhe re-arranje o sentido e lhe recomponha a fluidez da narrativa que está marcada por uma linguagem repleta de “intermitências”. Vê-se claramente que esta é uma das maneiras pela qual Guimarães Rosa tece, decifra e faz do encontro da linguagem popular com a erudição, o romance “Grande Sertão: veredas”, tornando-o uma manifestação explícita da linguagem em dialogismo. Assim, as injunções lingüísticas, articuladas sob um sofisticado diálogo entre o popular e o erudito, geram um lirismo que revela uma ampla percepção do mundo e expressa, ao mesmo tempo, a atitude determinante do homem moderno assente pelas emoções circunstanciais do meio social, mesmo que tenha o livre-arbítrio de suas ações.

O épico, por sua vez, está mais para o sentido weberiano do mundo desencantado do Capitalismo do que para o sentido extensivo da vida em imanência da epopéia de Homero. É inegável que o perfil da personagem Riobaldo revela, em alguns momentos na obra, caracterizações pertinentes às descrições de cavaleiros medievais. Concentra, ainda em suas ações, ressonâncias do heroísmo encontrado nos romances de cavalaria, como aponta o crítico literário Manuel Proença. Contudo, percebe-se

que a composição do herói rosiano difere, por exemplo, da composição de um Dom Quixote, cavaleiro andante, que como todo cavaleiro que se preza, presta homenagem a uma dama, a sua Dulcinéia Del Toboso. Por ela e para ela luta contra feitiços, contra gigantes, contra exércitos inimigos, contra o cavaleiro do elmo dourado. Sua luta sempre resulta em surras, pedradas, pauladas, mas ele não desanima. Acompanhado de seu escudeiro, Sancho Pança, e montado em seu pangaré, Rocinante, as aventuras do *Cavaleiro da Triste Figura* comovem pela ingenuidade do visionário que quer combater as injustiças e honrar as mulheres, e divertem pelas situações hilárias criadas na luta com o que só existe na sua imaginação. As ações de Riobaldo também não são comuns às ações de heróis como Tristão ou Lancelote, e também foge do espírito composicional e da filosofia de vida desses heróis, como também lhe é estranho à magnanimidade de um Amadis de Gaula, modelo exemplar para Dom Quixote. As aventuras de Amadis em castelos encantados, lutando contra feras, feitiçeiros, anões e gigantes, tudo para merecer o amor de Oriana, diferem muito do caráter heróico de Riobaldo, pois para o herói rosiano não há sublimação do elemento erótico e nem a idealização da castidade como fator incondicional da conquista amorosa que são os meios prenunciadores das formas estéticas dos romances de cavalaria. Riobaldo, por sua vez, não se mantém casto antes do casamento, deita-se com várias mulheres em sua *travessia*, inclusive com Nhorinhá a quem dedica um certo carinho, embora nutra um amor platônico por Diadorim que lhe funde desejo e repulsa num mesmo sentimento. Há que se notar que na composição desse herói do “Grande sertão: veredas” há um misto de cavaleiro andante e paladino da justiça, porém, vê-se claramente na sua constituição implicações de contornos modernistas.

O sentido subjetivo intrínseco ao herói moderno se torna provável a partir de uma dualidade instaurada neste herói através da dicotomia bem e mal. Riobaldo aprende a dominar o perigo e se torna chefe dos jagunços, conquista sua própria identidade como o chefe Tatarana e mais tarde, Urutu-branco. Todavia, tal conquista o submete a uma condição para que seu *eu* saia fortalecido: matar. Entretanto, matar é mal, contrário do bem. A tensão gerada pelo campo de forças antagônicas bem/mal acaba por torná-lo frágil e instável em suas ações, simbolismo pertinente aos heróis inseridos no mundo moderno. Essa conjuntura permite que se entenda que esse personagem possui o caráter angustiado de um herói problemático, como teoriza Lukács. É fácil perceber essa afirmação no discurso de Riobaldo, pois sua

alocução se manifesta plena de questionamentos que levam o leitor a perceber o seu conflito interior. A princípio, não deixa claro o porquê de seu ingresso na jagunçagem: *Eu podia ser: padre sacerdote, se não chefe de jagunços; para outras coisas não fui parido*. Depois, matar é uma questão que sempre lhe aflige: *Ah, não. Agora, a vontade de matar tinha se acabado! Sei e soube: por certo que o demo, agora, escondia sua intenção, por desconfiar de que eu não fosse querer cumprir. Com ele, meu senhor, assim é: sempre escolhe seus estilos*. Ao fim, o diabo, entendido como uma projeção de um mundo alienado, dá vazão ao grande questionamento filosófico que perturba esse herói e que continua em aberto no “final” do romance: *o diabo existe ou não existe?*

Já o elemento dramático é municiado pelo épico através da memória, melancolias no *range rede*. O narrador-personagem, depois que se estabelece como barranqueiro ou velho fazendeiro nos buritis altos, é o contador de suas experiências *viageiras* pelo sertão adentro, como ele mesmo diz:

*E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente.[...] Com o senhor me ouvindo eu deponho. Conto. Mas primeiro tenho de relatar um importante ensino que recebi de compadre meu Quelemém.[...] Toada tinha de ter prazo. E há um vero jeito de tudo se contar, — uma vivença dessas?[...] Mas minha velhice já principiou, errei de toda a conta. E o reumatismo... Lá como quem diz: nas escorvas.*

Desafiando suas estórias nesse tom, ora ele, como jagunço dos sertões, faz parecer o cavaleiro medieval que passa por situações perigosíssimas para defender o bem e vencer o mal, ora é também o cavaleiro da corte que se envolve frequentemente em amores ilícitos, atitude oposta ao herói das novelas de cavalaria. Contudo, no mundo desordenado dos sertões e no mundo fragmentado de suas emoções, não há mais espaço para heróis da ordem de um Dom Quixote, um Amadis ou mesmo um Lancelote, portanto suas ações, heróicas ou sedutoras, contribuem para confirmar a cisão. Assim, ele se torna duplo: *Eu era dois? O que eu não entendo hoje, naquele tempo eu não sabia*. Percebe-se dual e uno ao mesmo tempo, o que, em consequência, determina sua maneira de pensar e agir. Atormentado pelas inquietações que lhe corroem a alma, foge do grupo e vai ao encontro do que acreditava ser o demo. Pensa ser pactário a esse, contudo, não lhe resulta em certeza, antes lhe exacerba as dúvidas e, por isso, nega-se de um e do outro: *Não sou do demo e não sou de Deus!*

O próprio discurso do personagem quando se refere ao marco geográfico como divisor de seu destino é representativo do ser dividido: *O São Francisco partiu minha vida em duas partes*. Neste discurso, entende-se que em uma dessas partes se encon-

tra a figura de Riobaldo, caracterizado pelo sertanejo bravo, empedernido pelos dissabores da vida e desprovido de sensibilidade e na outra parte, conhece-se um Riobaldo terno que se deixa marcar fortemente pelo amor de três mulheres: Nhorinhá, Otacília e Diadorim. Logo, é justo se entender que o sentimento que o acompanha é conflituoso tanto nos momentos de opacidade da sua vida de jagunço como na desordem de seu mundo afetivo.

É legítimo também pensar que se há distinção entre a filosofia da busca pela justiça entre os heróis dos romances de cavalaria e os heróis dos romances modernos, diversa é também suas maneiras de amar, como também são diversas as heroínas. Dessemelhante é o amor de Riobaldo por Diadorim e Otacília, ou por qualquer outra das mulheres com as quais manteve amplo ou estreito contato. Nhorinhá é uma paixão excepcional. Prostituta dotada de atrativos, desperta-lhe profunda confiança íntima que transcende ao interesse comum: *Se chamava Nhorinhá. Recebeu meu carinho no cetim do pêlo — alegria que foi, feito casamento, esponsal. Ah, a mangaba boa só se colhe já caída no chão, de baixo... Nhorinhá*. Ainda em relação a Nhorinhá, Riobaldo, na ânsia para dar explicações sobre a existência humana, destaca-a dos relacionamentos fugazes e lhe concede um caráter sublime: *Nhorinhá, namorã, que recebia todos, ficava lá, era bonita, era a que era clara, com os olhos tão dela mesma... E os homens, porfiados, gostavam de gozar com essa melhora de inocência. Então, se ela não tinha valia, como é que era de tantos homens?*

Otacília o atrai pela forma e beleza angelical: *Que quando só vislumbrei graça de carinha e riso e boca, e os compridos cabelos num enquadro de janela, por o mal aceso de uma lamparina*. Por sua expressão suave, conquista-o duplamente: *Otacília — me alembrei da luzinha de meio mel, no demorar dos olhares dela. Aquelas mãos, que ninguém tinha me contado que assim eram assim, para gozo e sentimento*. Além da emoção passada através da imagem que, aos olhos de Riobaldo, tinham grande beleza e perfeição, seu corpo também não lhe era indiferente: *O corpo — em lei dos seios da cintura — todo formoso, que era de se ver e logo decorar exato*. E a voz era canção que lhe acompanhava pela rigorosa travessia do sertão: *E doce da voz: que a gente depois viajasse, viajasse, e não faltava frescura d'água em nenhuma todas as léguas e chapadas... Isso tudo não era amor? Por força que era... Ainda pela firme presença de Otacília é que Riobaldo vive uma outra forma de amor: um amor que abranda as asperezas de sertanejo e alastra esperanças; vislumbra uma confiança positiva na vida, mas também aponta suas limitações; acentua*

o conflito nas suas relações com o mundo e o situa numa tensão entre o universo jagunço e aquele em que vive sua amada: *Assim igual eu Otacília não queria querer*. Mas, quando se presta ao *gosto de especular idéias*, vem-lhe a certeza de que é Otacília, e não Diadorim, que a tudo lhe faz jus: *De mim, pessoa, vivo para minha mulher, que tudo modo-melhor merece, e para a devoção. Bem-querer de minha mulher foi que me auxiliou, rezas dela, graças. Amor vem de amor. Digo: Em Diadorim, penso também — mas Diadorim é minha neblina...*

Já Diadorim, o amor contido e transgressor, é sua neblina e sua luz. Por ela, Riobaldo se consome numa paixão arrebatadora que lhe desperta um turbilhão de sentimentos contraditórios. Como exemplo dessa fissura emocional, vê-se o herói levado a fazer o pacto com o demo, não por seu credo, mas para alcançar objetivo daquele(a) que ama em silêncio. Todavia, é a sua companhia que lhe dá sentido à vida. Seus valores de homem do sertão ficam obscurecidos por causa de seu amor impossível, mas também é ela quem dá cores aos seus abismos interiores. Através de sua sensibilidade é que Riobaldo consegue enxergar os elementos idílicos — aves, rios, matas, céu e montanhas — de um sertão agressivo na sua conformação geográfica. Contudo e, sobretudo, é a consciência da ambigüidade desse amor que o fragiliza, pois, nesse caso, o amor é assim definido por ele, numa oposição metaforizada pelo suave e o grave: *Amor? Pássaro que põe ovos de ferro*. Ainda que o conflito tenha chegado a termo com a morte de Diadorim e a conseqüente revelação de sua identidade, não obstante, esse evento acaba por definir a passagem de Diadorim pela vida de Riobaldo como uma névoa densa e perene.

Mais do que a luta no bando, são as lutas internas que desestabilizam Riobaldo. Por vezes, o vemos sondando com cautela, um tempo de conforto e paz, em outras tantas, surge aos nossos olhos um ser confuso. Deseja, entretanto, para isto, o amor das três mulheres numa só, ou pelo menos, tê-las consigo ao mesmo tempo: *... eu queria poder sair depressa dali, para terras que não sei, aonde não houvesse sufocação em incerteza, terras que não fossem aqueles campos tristonhos. Eu levava Diadorim... Mas, de começo, não vi, não fui sentindo que queria poder levar também Otacília, e aquela moça Nhorinhá, filha de Ana Duzuza...*

Confuso e dividido, Riobaldo busca conforto para sua existência nas mais distintas idéias. Por isso, é bastante compreensível que em momentos de reflexão ele procure redenção na fé popular cristã, ora católico: *Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele de Cardéque*. Ora, espírita cardecista: *Mas, quando posso, vou ao Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa*

*de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me aquieta, me suspende.*

Semelhante a Prometeu perdido pelo conhecimento de si mesmo é Riobaldo. Fragmentado em seu ser, procura recolher os estilhaços de toda uma vida, numa tentativa de se tornar uno mesmo tendo diante de si um mundo diferente do mundo grego fechado em si, onde o homem se sentia tão protegido quanto no útero materno. Em outros momentos, quando reflete sobre sua vida e seus amores, no *range rede* de sua velhice, os conflitos internos explodem, moldando-lhe ainda mais o perfil de um herói problemático. Ressurge assim, um universo que lhe foi hostil e no qual viveu com prostitutas e respeitou donzelas; amou e sofreu em silêncio, entrou em conflito com sua realidade efetiva e com a realidade exterior. Inquietou-se na sua solidão, porém cresceu dentre o emaranhado na rede de problemas que foi levado a tecer pelas contingências do mundo moderno. Reconhece-se, por fim, como ser sofrido, porém maduro pelo autocohecimento, pois durante toda a sua travessia queria apenas e tão-somente: *Ser dono definitivo de mim, era o que eu queria, queria.* ■



## GRANDE SERTÃO: VEREDAS

João  
Guimarães  
Rosa



23ª EDIÇÃO



## *A original ficção de* **Ronaldo Correia de Brito**

**A** Cosac Naify lançou em maio “Livro dos Homens”, nova coletânea de contos do cearense Ronaldo Correia de Brito, autor do festejado “Faca”, lançado em 2003 pela mesma editora. Ronaldo nasceu na cidade de Saboeiro, no sertão dos Inhamuns, Ceará. Quando tinha cinco anos, sua família mudou-se para o Crato, na região dos Cariris. Aos 17, foi estudar Medicina, em Recife. Sempre dividiu seu tempo entre o trabalho como médico e as atividades artísticas. Em 1975 dirigiu o longametrage “Lua Cambará”, em parceria com Assis Lima, Horácio Carelli e Antônio Madureira. Com os mesmos parceiros, lançou a Trilogia das Festas Brasileiras - “O Baile do Menino Deus”, “Bandeira de São João” e “Arlequim” -, que reúne livros, discos e espetáculos teatrais.

“Faca”, de 2003, teve uma carreira de sucesso para um livro de contos de estréia. Ficou entre os semifinalistas do prêmio Portugal Telecom; foi adotado na Universidade de Berkeley e Ronaldo Correia convidado para o cargo de escritor-residente da Universidade; além de ser apontado como um dos seis mais importantes lançamentos de 2003, pela Folha de São Paulo.

Em quase todos os contos de o “Livro dos Homens” prevalece uma atmosfera de ameaças, de horror iminente, não havendo lugar para a alegria. As paradigmáticas tragédias gregas e a melhor ficção deste século certamente deixaram seus estigmas nesses contos de Ronaldo Correia de Brito. Tudo tem vida, embora sob a mira dos rifles ou a ponta da faca, e a vida mais vagabunda se impõe pela grandeza de sua desgraça, pela majestade de seu estentor.

Leia a seguir entrevista feita por Homero Fonseca com Ronaldo Correia de Brito, que teve colaboração da PREÁ na primeira pergunta.

## Por Homero Fonseca

**Em “Livro dos Homens” você utiliza uma linguagem moderna para falar de coisas ancestrais, como já tinha ocorrido no seu livro anterior “Faca”, além de avançar ainda mais na forma narrativa. Também fica claro que o seu distanciamento do regionalismo é intencional e consciente. Como explica isso?**

Quando comecei a escrever dizia que mantinha um pé na contemporaneidade e outro na tradição. Em “Faca” e “Livro dos Homens” faço vários experimentos com a linguagem. E trato da perplexidade do homem pós-moderno numa perspectiva da sua memória. Eu não recuso a memória. Acho que se o fizesse, cairia no intelectualismo sem vida, ou na abstração. Eu diria, ao contrário da sua pergunta, que utilizo uma memória ancestral para falar de coisas modernas. Os contos “Qohélet”, “A peleja de Sebastião Candeia” e “Cravinho”, do “Livro dos Homens”, ilustram bem o que afirmo. Meus personagens são todos movidos pela memória, uma memória quase sempre inventada, é bem verdade. Professo um verdadeiro credo no que escreveu Salústio, referindo-se aos

mitos: “Essas coisas não aconteceram nunca, mas existiram sempre”. Portanto, o que existe para mim está circunscrito num mundo que vou urdindo, tecendo, emendando aos pedaços como as “Mil e uma noites”, de Xerazade. Escrevo com a mesma intenção de todos os narradores do mundo, a de escamotear a morte. Filio-me a uma vertente universal do conto, embora a minha geografia e alguns substantivos sejam locais. Mas o sertão que invento só eu o conheci. E ao falar dele, com suas cores próprias, tento fazê-lo parecer com a Palestina, o deserto da Arábia, Creta, uma estepe Russa, ou até um arrabalde de Paris.

### **Como foi a sua descoberta da literatura, entre os livros e as histórias orais do Nordeste rural?**

Eu aprendi a ler numa “História Sagrada”, que é uma seleta da “Bíblia”. Quando tinha sete anos de idade meu pai pediu que lesse em voz alta, para toda a família, um trecho da história de José do Egito. Foi a minha diplomação. Os livros eram objetos raros, preciosos, passavam de herança. Dos autores brasileiros li primeiro Machado de Assis e José de Alencar. Li e reli tudo. A literatura mais contemporânea não chegava até nós. Li-a bem depois. Fiquei com os clássicos da Biblioteca Municipal da cidade. Com treze anos, deixaram que eu freqüentasse a biblioteca da Faculdade de Filosofia. Nunca esqueço o meu deslumbramento diante de tantos livros. Por um feliz acaso, escolhi a “Ilíada” e a “Odisséia”,

logo na primeira visita. Foi o começo da minha paixão pelos gregos. Depois vieram os russos, que ainda hoje leio com devoção. E muito cedo tomei gosto por ler peças de teatro: Shakespeare, Molière, Sófocles, Ésquilo, Eurípides. Eu era um leitor compulsivo e deslumbrado. A contrapartida para o vazio de escritores brasileiros na minha formação foi dada pelos contadores de histórias, pelo teatro popular, que batizei com o honroso nome de *Teatro Popular de Tradição Universal*. O êxodo do campo começou na década em que nasci, a de cinquenta. De modo que ainda ouvi muitas histórias contadas por pessoas que se especializaram em guardar a memória oral. Elas andavam pelas fazendas, pernoitavam e contavam histórias, as tradicionais, do mar de histórias, e os mitos locais. Sempre reconheci a grandeza dessa tradição oral. Quanto mais lia os clássicos indianos “Mahabharata” e “Ramayana”, ou mesmo Homero, sentia-me em dívida com essa tradição, esse legado do qual me faziam depositário. Pensei que se algum dia inventasse de escrever, teria de encontrar uma medida justa para esses dois conhecimentos em que fui iniciado, o da tradição escrita e o da oralidade.

### **Sua escrita traz uma elaboração de linguagem que provoca comparações recorrentes a Guimarães Rosa e Graciliano Ramos? O que acha dessa aproximação?**

Ser comparado a Graciliano e Guimarães Rosa é muito honroso, acho que



nem mereço. Mas Graciliano escreveu na perspectiva do romance de 30 e eu, repito o que afirmou um personagem de Goethe: “Bem, você pode dizer o que quiser de mim, mas ninguém há de negar que sou um contemporâneo”. Estou muito distante no tempo desses autores. Embora eu tenha dirigido uma adaptação para o teatro de “Vidas Secas”, aos 16 anos, só li a obra de Graciliano e Guimarães bem tarde. O que aconteceu foi que o movimento regionalista, sobretudo o romance, deu um impulso, uma quase legalidade ao movimento modernista de 22. A força com que essa literatura apareceu foi tamanha que a partir daí as pessoas não enxergaram mais nada do que foi produzido no Nordeste. A não ser, talvez, um Osman Lins. Criaram-se convenções, uma cartilha única para leitura do que escrevemos, mesmo passados tantos anos. Uma verdadeira condenação para os artistas posteriores a esse ciclo, que não abriram mão da sua geografia como cenário. Se você elabora uma personagem complexamente neurótica, feminista, com todos os anseios urbanos, e se você senta esta mulher numa cadeira de couro, olhando uma paisagem desolada do sertão, há quem enxergue apenas o cenário, e três ou quatro substantivos locais. Embora essa mulher fale da mesma dor e da mesma solidão de uma negra americana do Harlem.

**Certas teorias decretaram o fim da narrativa e o império absoluto da construção formal. O que acha deste dilema? A narrativa ainda é necessária?**

O meu poeta favorito é o americano Walt Whitman. Ele é quase Deus para mim. Eu costumo brincar com os amigos dizendo que nunca consegui ter um poeta concretista como livro de cabeceira. Os experimentos formais sempre vão existir. Eu mesmo de vez em quando desconstruo um conto. Mas acredito na supremacia da narrativa. Acho até que depois de tantas invenções estamos retomando o gosto por uma boa história. Ricardo Piglia sugere que o conto aspira retornar à oralidade. Que o conto atinge a sua função quando pode ser lido em voz alta, como uma história da tradição oral. Sou um apaixonado pela economia do conto, pela exatidão. Borges afirmava nunca ter lido um romance sem sentir um certo fastio, porque eles estão repletos de recheio. Embora eu esteja escrevendo um romance, também penso assim. Acho que me afastei da pergunta. Afirmo, pois, que as narrativas só perderão a função quando os homens perderem a fala, a audição e o dom de mentir.

**Qual a função do escritor no mundo globalizado de hoje, em que a questão das identidades está colocada na ordem do dia (política e culturalmente)?**

Eu costumo lembrar o quanto eram importantes os velhos narradores que tinham por única função na vida andar pelas casas interioranas, repassando conhecimentos que eles adquiriram e guardaram na memória. Acho que nenhum deles se perguntou algum dia sobre o valor do seu trabalho. Como também acredito que os aedos gregos não se fizeram esta pergunta, enquanto fixavam o idioma, a mitologia e a épica grega. A modernidade criou um novo lugar para o artista, na medida que valoriza a assinatura, o papel do autor, contra a tradição da arte coletiva. Por outro lado, observo como marca do nosso tempo o direito que cada artista se dá ao uso dos bens comuns da cultura. Veja o diretor de cinema e teatro Peter Brook, que encenou o “Mahabharata” indiano, na França. Ou Picasso, criando a partir do desenho e da escultura africana. Ou os bailarinos americanos Ted Shawn e Ruth Saint Denis, renovando a dança do Ocidente a partir do Oriente. Ou, ainda, Kurosawa adaptando para o cinema japonês dois ícones ocidentais, “Macbeth” e “Rei Lear”. A função do escritor seria criar uma identidade universal, sem nenhuma forma de preconceito com as cores locais. Quando Virgínia Woolf, tão inglesa, aprofunda o estudo de uma alma feminina, ela trata de todas as mulheres, desfaz fronteiras, e escreve para homens e mulheres, de qualquer latitude. 📖

# POESIA POTIGUAR

Carmen Sylvia Alves de Vasconcelos, nasceu em Angicos/RN, em 1965. Funcionária pública, é formada em Serviço Social e Direito, pela UFRN. Publicou os seguintes livros de poesia: "Chuva Ácida", em 2000, e "Destempo", em 2002, ambos pela Fundação José Augusto. Colaborou com o jornal "O Galo" e atualmente escreve, semanalmente, para a "Tribuna do Norte". Em texto sobre "Chuva Ácida", primeiro livro de Carmen Vasconcelos, publicado no livro "Pois é a Poesia", o poeta Luís Carlos Guimarães considerou-a "uma das mais promissoras revelações de poeta dos últimos anos... Pela magia da linguagem. Pela fascinação da palavra. Pela sedução que desce à raiz de cada poema". Os poemas publicados a seguir farão parte do novo livro da poetisa, em fase de preparação.

## ANJOS DA GUARDA

*Talvez fosse para eu saber  
que os poetas não têm anjos da guarda,  
pois quando um anjo a um poeta se achega,  
é de espécie torta ou terrível  
e eu nunca senti o mais leve roçar  
da mais breve presença alada.*

*Ah, os anjos... O mistério existe, enfim,  
intimidado às vezes pelo amor que, depois,  
cola-se no álbum dos deslizes.*

*E se eu soubesse que eu era sem anjo  
que me guardasse do espelho,  
teria arriscado pouco?*

*Teria feito versos menos lobos,  
mais fâleas,  
menos carne?*

*E essa vontade vã  
de elucidar a beleza  
ainda me abrasaria?*

*Despencaria, sim, sem galhos a me agarrar,  
sobre o branco  
sobre o verde  
sobre o nada.*

## CELIBATO

*Devo reperder-te, e não posso*  
**Eugenio Montale**

*Tudo que é sereno te presente:  
deduz tua sombra,  
supõe teu corpo,  
levita no teu sopro.*

*Quero pertencer-te, e não posso.  
Nem sei perder-te.*

*Tua foi a escolha,  
minha a colheita  
que fez dos meus versos dissímulo.*

*E do amor,  
um desperdício.*

## EXPULSÃO

*Não queiras que te queira eu  
com o meu querer humano  
manchado de perdimentos.*

*Com o meu querer de carne  
não queiras tanto que te queira eu.*

*Não queiras doer em mim  
como em mim doem as luas  
vagantes e inalcançáveis.*

*Não queiras que te ame arduamente,  
não és o pão da terra que fecundo  
com o meu suor e as minhas penas.  
Não queiras tanto que te queira eu.*

*Mas, ah, pedir-te? Ordenar-te?  
Sou homem. A mim te impele o teu querer,  
teu querer tanto... que não estanca...  
e me faz perder o domínio.*

## APRENDIZAGENS

*Não há nada de novo debaixo do sol  
(Eclesiastes, 1,9)*

*Chego ao sol, meu pasmo é imenso!  
Quero enfeitiçar o amanhecer.*

*Tranço cabelos, destranco roupas,  
fico tramando proximidades.*

*Guardo nesgas da noite nos poros,  
trago cartas, cristais, oráculos  
e pulsares varados de vidência.*

*Não me seguro em pensamentos,  
o mundo é coisa de sentir.*

*Abro janelas em mim, e portas,  
mas conservo cortinas, transparências,  
para reter os avisos do vento.*

*Todos os dias teço aprendizagens,  
todos os dias renasço de assombro.  
O sol é um deus que sabe doar-se.*

## Nei Leandro de Castro

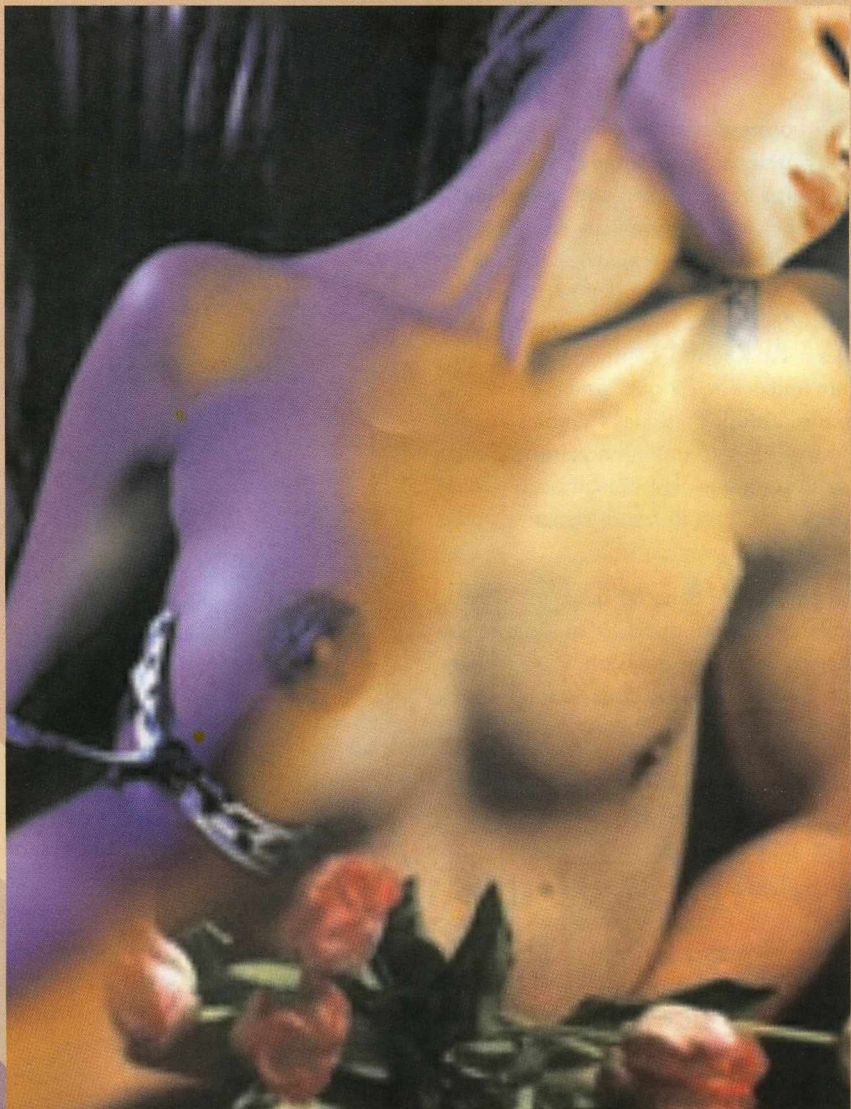
(Escritor)

Ilustração: Venâncio Pinheiro

**B**enedito Ribeiro, 42 anos, no auge de sua carreira profissional, se achava um vencedor - ou *winner*, como diziam seus clientes americanos. Na empresa, a incompetência e a preguiça do sócio permitiam, há quase cinco anos, que ele fizesse retiradas maiores do que as estabelecidas pela sociedade igualitária. No lado sentimental, sentia-se aliviado pelo divórcio, ocorrido há menos de um ano, e pressentia grandes aventuras amorosas. Mas ele considerava sua maior vitória, fruto de uma obstinação fora do comum, o fato de ter se livrado do nome, que odiava desde a infância. Pouco a pouco, o Benedito Ribeiro da certidão de nascimento e do seu desgosto foi sendo substituído por BR. O nome de batismo - maldade ou idiotice do pai, jamais perdoada - transformou-se na sigla que remetia a uma empresa poderosa e a estradas infinitas. Até os americanos o tratavam pelas iniciais e ele gostava particularmente da pronúncia à inglesa.

Naquela sexta-feira, ao sair do escritório pouco depois das oito da noite, BR desceu à Avenida Rio Branco. À sua esquerda, o Aterro estava com as pistas livres, mas ele preferiu virar à direita e pegar a Augusto Severo, rua de má fama, pouco iluminada, que o atraía irresistivelmente. Diminuiu a marcha do BMW (outra sigla poderosa que ele adorava), para ver a exibição dos travestis com suas caras e bocas, adeusinhos, assédio aos carros que estacionavam. Os mais desinibidos erguiam as saias minúsculas, viravam as costas, mostravam que não vestiam nada por baixo. BR sentiu que a ereção chegava, agora com menos culpa do que das primeiras vezes. Acelerou, ganhou acenos e assobios dos travestis que já conheciam o carro e seu indeciso dono.

Colocou um CD de Cazuza para tocar e pensou no que poderia fazer na noite



**Cansado  
de correr  
na direção  
contrária**

tão bonita de outono. Talvez precisasse encontrar o professor Leonardo, levá-lo a um bar e encharcá-lo de bebida, a troco de suas histórias, sua erudição, sua angústia de homossexual que se transformava em pura erva depois da terceira dose. Sabia onde encontrá-lo: numa travessa da Rodolfo Dantas, Copacabana, no único boteco que ainda lhe vendia fiado. Admirava cada vez mais o professor, ia pensando, enquanto Cazuzza confessava que “era um cara cansado de correr na direção contrária, sem pódio de chegada.”

O professor Leonardo dava aulas particulares para sobreviver à miséria de sua aposentadoria. BR o conhecera quando precisou desenferujar o seu francês, num prazo de dois meses, antes de uma reunião de executivos em Paris. Entusiasmou-se com o intelectual de memória prodigiosa, o *causeur* incomparável, mas foi obrigado a substituí-lo na primeira semana, por conta dos seus atrasos e faltas. Conciliou da melhor maneira: pagou todas as aulas contratadas e o convidou para um drinque. Daí em diante, nas mesas de bar, ele recebeu as melhores lições de sua vida.

- Você precisa conhecer Marrocos - disse um dia o professor, que nunca havia saído dos limites do Rio de Janeiro, mas conhecia todos os países do mundo. Disse e ficou em silêncio, esperando que a ansiedade tomasse conta do companheiro de mesa.

- Por que Marrocos? - perguntou BR.

- Casablanca, Marrocos. Foi lá onde Oscar Wilde iniciou André Gide nos grandes prazeres. Wilde, catorze anos mais velho do que o francês, já tinha um século de libertinagem. Uma noite, ao perceber que Gide estava em êxtase diante

da beleza de um garoto marroquino, perguntou: “Que tal?” Gide respondeu: “Magnifique!” “Pode ser teu” - sussurrou Wilde.

Por que o professor sempre trazia para a mesa belas histórias de atração entre homens? Estava fazendo jogo de sedução ou tinha o dom de ler o que se escondia no coração do ex-aluno? Assim que foi possível, BR viajou com a mulher para umas pequenas férias em Marrocos. O casamento andava em crise, talvez os ventos da África do Norte varressem os problemas. Gostava de Fernanda, não queria perdê-la, embora o interesse sexual por ela quase não existisse mais. Marrocos também poderia dar um jeito nisso.

BR afastou Casablanca do pensamento, estacionou o BMW perto do boteco, mas não desceu. Quis ficar um pouco mais com Cazuzza, que vagava na lua deserta das pedras do Arpoador, com seu jeito meigo de agredir. A viagem a Marrocos surgiu de novo na sua lembrança: viu claramente o hall forrado de mosaicos do hotel em Casablanca, o garoto marroquino pondo suas malas no carrinho de mão, a beleza árabe, conto de mil e uma noites, o êxtase de Gide, a inauguração do prazer, o recepcionista gordo olhando com jeito cúmplice, como se fosse Oscar Wilde. Deixou uma nota de vinte dólares na mão do garoto e tão logo entrou na suíte abraçou a mulher, despiu-a quase com violência, ela cansada, espantada, mas de repente muito feliz, e tiveram o amor mais bonito e mais completo dos últimos anos.

Em Copacabana, o executivo fechou a porta do carro e foi até o boteco. O português, que arfava de orgulho por ter um freguês tão rico e tão distinto, informou

que o professor Leonardo ainda não havia chegado. E já trouxe o copo de cristal e o Chivas, únicos exemplares do boteco, exclusivíssimos. Hoje era dia de pagamento, lembrou-se BR. Uma vez por mês, segundo confidências ouvidas, ele sabia que o professor Leonardo dava-se o luxo de um garoto de programa, arrebanhado na Cinelândia e levado para algum pardieiro da Rua Riachuelo, Mem de Sá ou arredores.

BR bebeu um gole do *scotch* com muito gelo e lhe veio à memória gustativa o sabor do *arak*, a bebida leitosa dos árabes. Leitoso também era o absinto que destruiu Oscar Wilde, aos 46 anos de idade, depois da paixão desesperada, depois da humilhação na cadeia. O professor Leonardo falava com intimidade sobre seus autores preferidos e agora ele se surpreendia pensando em Wilde com amizade, com muito carinho. Outra vez Marrocos: como o garoto que havia arrebatado André Gide, o boy do hotel olhava para BR com uns olhos escuros e profundos, onde havia promessas de paixão, de loucura, de prisões com infâmia. E ele lhe dava gorjetas cada vez mais generosas, e se sentia recompensado por deter, durante alguns segundos, aquelas mãos de querubim pervertido entre as suas.

De volta ao Rio, num bar de luxo no Leblon, BR foi submetido a uma longa sabatina. O professor Leonardo, com os olhos brilhando de curiosidade, quis saber se os marroquinos eram realmente bonitos, se eram fáceis de abordar, se ele havia encontrado algum sócia do árabe que seduzira o escritor francês. BR foi evasivo, disse que tinha ido a Casablanca em busca da magia que envolvera Humphrey Bogart e Ingrid Bergman. Não teve coragem de contar que numa tarde, depois de muitas doses de *arak*, pegou o

marroquino pelo braço, arrastou-o até a suíte onde a mulher o aguardava.

- Meu bem - dissera -, olha que lindo presente eu te trouxe.

Fernanda se compôs, porque estava de camisola. Depois se dirigiu ao garoto em francês, disse-lhe palavras gentis e o levou até a porta. Quando o casal ficou sozinho, ela comunicou, sem alterar o seu habitual tom de voz, que o casamento deles terminava ali.

Se encontrasse o professor nesta sexta-feira, BR talvez lhe falasse dos olhos negros do marroquino, do roçar das suas mãos, da frustrada tarde de amor. Gostaria de confessar que depois do divórcio sentia menos culpa de admirar o corpo dos atletas que corriam na praia, os músculos dos seus belos colegas da academia de karatê, o suor nos seus rostos contraídos, os pêlos do peito surgindo pela abertura dos quimonos. Sim, confessaria também a atração cada vez mais forte que sentia pelos travestis da Rua Augusto Severo.

Bebeu a segunda dose, olhou para o relógio. A cadeira do boteco era desconfortável. E quando ele estava sem a companhia do professor, o excesso de cortesia do português o irritava. Pagou a conta, como sempre foi generoso na gorjeta, disse que ia dar uma volta, se o professor aparecesse, pediu para esperá-lo. Entrou no carro, apanhou no porta-luvas um boné e uns óculos escuros, pôs o *Queens* para lhe dar prazer. Fred Mercury era o melhor e o mais belo cantor do mundo. Pegou a Avenida Princesa Isabel, ainda sem decidir para onde ia, de repente se viu no Aterro, dirigindo a quase 200 quilômetros por hora. Mercury e Cazusa com certeza aprovariam esse voo, essa corrida em direção ao desejo. Con- tornou o Castelo, agora em velocidade

reduzida, passou por bares cheios de bebedores das sextas-feiras, tomou o caminho da Augusto Severo. Mas decidiu que não chegaria com o BMW: estacionou a três quarteirões do trecho onde surgiam os primeiros travestis. Pôs o boné e os óculos, pensou que gostaria de tomar outra dose. De preferência, *arak*.

Dos travestis em exibição na rua, BR escolheu um moreno alto, bonito, o menos espalhafatoso. Tinha uma beleza andrógina e certa melancolia nos olhos, talvez a tristeza de não ser mulher. O nome de guerra era desprovido de qualquer imaginação: Suely. Os dois conversaram, combinaram o preço, o travesti sugeriu um quarto na Rua Taylor, ali pertinho, simples mas higiênico. Se o professor Leonardo estivesse aqui, pensou BR, o que ele aconselharia?

O pagamento do quarto foi adiantado. Depois, eles subiram uma escada estreita, Suely na frente, como um guia que tivesse percorrido mil e uma vezes a mesma trilha. BR, embora excitado, tinha a insegurança dos estreantes. Despiram-se, abraçaram-se, trocaram beijos, Suely mostrou um carinho profissional que lembrava as prostitutas da adolescência de BR. Ao perceber as intenções do parceiro, ela começou a desempenhar o papel do mulato viril que seria sem os seios de silicone, a peruca, a boca borrada de batom, os cílios postiços. BR sentiu o prazer que aguardava há muitos anos, que nunca tivera coragem de ir buscar nos atletas de torsos nus, nos donos de pernas musculosas, no menino árabe de corpo esguio e olhos profundos. Sentia dor misturada com uma sensação maravilhosa, não se lembrava de ter experimentado nada igual.

Suely saiu de cima, BR permaneceu deitado, com os braços abertos, o lado esquerdo do rosto sobre o travesseiro. Estava inundado de paz e tinha sono. Foi acordado com sacudidas nos ombros e uma voz irritada:

- Acorda, bofe, aqui não é lugar pra dormir.

Abriu os olhos, levantou-se, Suely estava nu e sem peruca. Era uma estranha mulher de seios firmes, ombros largos e um sexo de tamanho respeitável que apontava para o chão. Exibia um ar feroz, ameaçador:

- Vai pagar o dobro, porque tô de saco cheio de meter em bofe - disse o travesti, dando-lhe um tapa no rosto.

BR olhou para o mulato pelo menos dez centímetros mais alto que ele. Levantou-se de um pulo e adotou a postura *zenkutsu-dachi*: adiantou o pé direito, dobrou ligeiramente o joelho, inclinando o corpo para a frente e mantendo a perna esquerda esticada para trás. Ao mesmo tempo, fechou quatro dedos da mão direita e sobrepôs o polegar com firmeza. Suely não teve tempo de saber que o bofe estava se preparando para a guerra. BR aplicou-lhe o *uraken* no plexo solar, em três golpes rapidíssimos, mais velozes do que o raciocínio, como ensinavam os seus mestres. O travesti foi jogado contra a parede, fez um barulho de quem tivesse o esôfago obstruído, fechou os olhos e silenciou. BR vestiu-se, pôs o boné e os óculos escuros, desceu as escadas. Pela Rua Taylor, escura, estreita e malcheirosa, não passava ninguém. Ele dobrou à esquerda, na direção dos Arcos da Lapa, sem apressar os passos, pensando que precisava beber umas boas doses.

Considerava-se um *winner*. ☺

# Só para estilistas

## Rubens Lemos Filho

Jornalista



**V**inho é a bebida dos estilistas. Gosto, mas tomo com muita raridade porque quase sempre a dor de cabeça é de estourar o crânio. Aprecio vinho branco, que, para minha tristeza, nem tem tanta reciprocidade. Costumo tomar uma garrafa inteira, sempre às sextas-feiras santas. Sigo indicações de amigos, bebedores apreciáveis e não compro porcarias. Nenhum fala português, garanto com toda a veemência. São chilenos, italianos, alemães. A ressaca, porém, é de Capelinha, Sangue de Boi ou Carreteiro.

O problema é que eu não nasci para o vinho, portanto, não tenho estilo nem classe. Há quatro anos, numa viagem até Toledo, na Espanha, me senti o mais babaca dos turistas. Visitamos uma adega subterrânea, descoberta, segundo a guia, no século XI (11, a camisa de Romário) e mantida com todo o zelo pelos seus donos. Desconfiei – cabreiro como aprendi a ser, mas a guia falasse o que quisesse que eu não teria tempo de checar. A vantagem de ser o dono da situação é essa: mente-se à vontade e os bestas aplaudem.

Foi nesse passeio que descobri, completamente apalermado, a figura do enólogo ou enologista. Um jovem rapaz, simpático, de paletó e gravata, ia nos explicando (a mim, a minha mulher Isabel e ao restante do grupo), todo o processo de produção dos vinhos.

Em Toledo, existe o curso de enologia, destinado apenas à ciência da produção de brancos e tintos.

Quando vou a restaurantes caros – sempre convidado –, me delicio com a categoria dos homens e a sensualidade graciosa das mulheres bebendo vinho. O tocar na taça, o requinte do saborear, os comentários sobre a procedência da bebida dos deuses.

Se Deus não me fez um homem dado a estilos, admiro quem seja.

No futebol, do qual conheço alguns itens, nem todo craque necessariamente é um estilista. Se Pelé era a perfeição, o refinado no meio-campo sempre foi Didi. Mais para perto, na seleção de 1982, a classe de um soberano pertencia a Falcão, embora o melhor de todos fosse Zico. No Flamengo vencedor de tudo entre 1978 e 1983, novamente o Galinho ditava as normas, regras e os resultados, enquanto Adílio parecia um bailarino, tamanha a sutileza dos seus toques. Tão elegantes quanto os de Geovani, coadjuvante do Vasco de Roberto e Romário. Ou os de Alex, que deixou fazer pouco tempo o Cruzeiro.

Falar em vinho foi só o pretexto para dizer que tomo cerveja gelada com os meus dois maiores ídolos no ABC. Tive o saboroso privilégio de vê-los em ação. Na plenitude. Ambos vestiam a 10, eram canhotos e abusadamente solistas. Tocavam de biquinho de chuteira na bola, matavam no peito fazendo-a pura submissão e driblavam suavemente. É tanta coincidência que Danilo Menezes no futebol, e Dennis Lisboa, o Peninha do futsal, têm a alteza dos regentes, ao preferir a bebida dos nobres em favor da cevada dos plebeus, tudo para me deixar satisfeito. ■



# LAGOA DE VELHOS

*A terra do “poeta da liberdade”*

*Lagoa de Velhos a sua história  
Suas origens, seu povo gentil  
Grandes memórias que ocupam teu solo  
Retratam forte, o Nordeste-Brasil...  
És relevante em trabalho e cultura  
Tua ternura te eleva, entre às mil  
És a cidade planície existente  
Que enaltece a ribeira Potengi  
De João Anselmo te herdamos cientes  
Que tu és mãe e nós filhos de ti  
Fiéis lhes somos, em qualquer momento,  
Eis uma virtude dos que nascem, aqui.*

*Tuas paisagens orgulham teus filhos  
Tuas lagoas te encantam ao luar  
Um berço fértil de grandes poetas  
E, entre esses mestres, nos honra lembrar  
Fabião das Queimadas e seus belos repentis  
Que valorizam o folclore potiguar  
Tu és a esperança presente e futura  
Daqueles que habitam teu terno torrão  
Unidos, vivemos em prol do teu progresso  
Pois, este é o desejo, em cada coração  
Lagoa de Velhos de glórias tão fortes  
Exemplo de paz, no Rio Grande do Norte.*

*Homenagem a Lagoa de Velhos. Por Judely Pinheiro Borges.*



## Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

**L**agoa de Velhos, no agreste potiguar, é o berço do poeta cantador Fabião das Queimadas. As cantorias de Fabião Hermenegildo da Rocha, falecido em 1928, ainda rendem assunto nas conversas de calçada em sua terra natal. Fernando Luís Filho, o *Majó* Fernando, bisneto de Fabião, passa boa parte do dia vagando pelas ruas e contando passagens da vida do bisavô. Os jovens aprendem quem foi Fabião desde cedo nas escolas do município e ensaiam uma dança em homenagem ao “poeta da liberdade”.

A terra de Fabião alcançou a independência em 11 de maio de 1962, quando foi desmembrada de Sítio Novo. O ato de criação do município foi contestado, mas ratificado pela justiça em 22 de março de 1963, data em que anualmente acontecem os festejos pelo aniversário da cidade. Quando do nascimento de Fabião das Queimadas, por volta de 1848, o território de Lagoa de Velhos pertencia a Natal.

O município, a 90 km de Natal, sabe valorizar sua história. O boi-de-reis, muito popular durante os ciclos da pecuária e do algodão, ressurgiu em 1989 por iniciativa de José Francisco Pereira, o “Chico da solda”. A memória dos fundadores também é preservada. Os restos mortais de Percília Ferreira da Silva, filha de João Anselmo Marques da Silva, fundador do município, estão depositados numa catacumba ao lado da capela de Nossa Senhora da Conceição.

## Um poema só com apelidos

O povo lagoense parece unido como uma grande família. Todos se conhecem e quase ninguém consegue chegar à vida adulta sem ser chamado por apelidos curiosos da infância. Osvágrio Ferreira de Oliveira, o Vaguinho, 33 anos, catalogou 527 apelidos dos conterrâneos. Juntou todos e fez o poema “A gente se chama assim!”. Confira um pequeno trecho:

Bode Zé, Camaleão.

*Formigão e Passarinho.*

*Mãe da burra e Galeto.*

*Peba, Pata e Ratinho.*

*Tem até um Dinossauro.*

*Cobra na quenga e Peixinho.*

*Se você não encontrou*

*O seu nesta relação,*

*Escreva, depois me entregue,*

*Com muita demora não,*

*Que eu garanto acrescentá-lo*

*Na segunda edição.*

*O meu nome é Osvágrio,*

*Meu apelido é Vaguinho,*

*A minha mãe é Bilia,*

*O meu tio é Zé Baixinho.*

*O meu pai é o Titiu,*

*Minha bisavó Catil*

*e meu irmão é Vassinho.*

A origem do nome Lagoa de Velhos é curiosa. “Dizem as pessoas mais idosas do lugar que, no início do século XIX, havia uma estrada de tropa que ligava a região de Serra Caiada a São Tomé. Esta estrada passava à margem da lagoa, onde morava um casal de velhos. Os tropeiros que por ali passavam e faziam uma parada para o habitual descanso e o provimento de água teriam dado a denominação de Lagoa de Velhos”, conta o escritor Aluízio Azevedo, falecido no último dia 4 de maio, em seu livro “História de Lagoa de Velhos”.

Lagoa de Velhos viveu seu apogeu econômico durante o ciclo do algodão. O agricultor e pecuarista Ivo Ferreira da Silva, antigo proprietário da Fazenda Bom Descanso, importou, em 1910, uma máquina a vapor para beneficiamento de algodão. “As máquinas a vapor para esse descaroador foram importadas da Inglaterra, tendo sido transportadas de barco até a cidade de Macaíba e de lá até Lagoa de Velhos, utilizando um dispositivo mecânico puxado por duas juntas de boi”, escreveu Azevedo.

A Fazenda Queimadas, local de nascimento de Fabião, e a próspera Fazenda Iguatú também possuíam descaroadores de algodão. O fim do cultivo, em escala industrial, prejudicou o desenvolvimento do município e motivou muitos trabalhadores a migrar para o Sudeste. O agricultor e poeta popular Fernandes Ferreira Silva, 60 anos, é um dos que acompanhou com tristeza a partida dos familiares, mas não se arrepende de ter permanecido em Lagoa de Velhos.

## O excêntrico Majó Fernando

O tempo dos coronéis do Sertão permanece vivo na cabeça do andarilho Fernando Luís Filho, 78 anos, bisneto de Fabião das Queimadas. “Majó Fernando”, como é chamado pelos conterrâneos, é um dos tipos populares mais conhecidos de Lagoa de Velhos. A figura fotogênica e de fala rápida, tão ligeira que chega a emendar as palavras, gosta de fazer versos como o avô.



Lagoa de Velhos tem outros fazendeiros de repente, mas nenhum tão exótico quanto o bisneto de Fabião. Majó Fernando “não dá cabimento” nem aos velhos conhecidos. Prefere morar sozinho e não gosta de ser incomodado. Fernando caminha pelas ruas segurando um cabo de ferro na mão esquerda e um

saco verde escuro de pano grosso. O saco é para colocar a feira e o bastão uma prevenção contra improváveis assaltos. “Se um gatuno quiser roubar um dinheiro meu, eu dou no pau da venta”, diz, sem medir palavras e empunhando com força o ferro.

Conversar com o “majó” não é fácil. Sempre apressado, Fernando não gosta de jogar muita conversa fora, mas quando o assunto é o bisavô Fabião das Queimadas, ele se deixa domar pelas perguntas. “Vou contar o dia que ele ganhou um peru torrado do majó Juvenal (Juvenal Lamartine, ex-governador)”, diz, antes de recitar os versos que teriam sido ditos pelo avô ao chegar à fazenda da família Lamartine.

*“Veja que este sobrado  
Não é pra todo mundo subir  
Só pra dotô Juvená que tá deitado aí  
E para dotô Zé Augusto das águas do Apodi  
E Fabião veio das águas do Potengi.”*

“Fez o repente, e aí levou o peru torrado do majó Juvenal”, completa. Relatos como o de Majó Fernando não são mais comuns de se ouvir. A maior parte dos versos de Fabião das



Queimadas se perdeu ao longo do tempo. Os versos de sua cantoria “Vaquejada na Fazenda Belo Monte” e o consagrado “Boi da Mão de Pau” venceram o passar dos anos graças ao registro por escrito de Câmara Cascudo. O engenheiro agrônomo Ivo Ferreira Neto, primeiro prefeito eleito de Lagoa de Velhos, falecido em 2003, também escreveu passagens da vida de Fabião no seu livro “Genealogia e antropologia de um povo”.

Não são todos que têm paciência para ouvir majó Fernando. Os donos dos mercadinhos de Lagoa de Velhos, locais que o andarilho visita todos os dias, tratam o bisneto de Fabião com respeito e mostram admiração pelas histórias contadas por ele. “Toda qualidade de gente ele só trata por *majó*”, diz Francisco Soares da Costa, morador de Lagoa de Velhos há 40 anos.

A criatividade do bisneto de Fabião é mostrada de diversas formas. O majó Fernando criou o “grau de boniteza”, uma escala de zero a quinze para avaliar a beleza dos conterrâneos. “Vai até quinze, mas ele só diz o grau de boniteza se pedirem. Dito uma vez, ele não esquece mais”, atesta o vereador Domingos Ferreira da Costa, o Neginho.

Outro hábito de Fernando é juntar todo tipo de ferro velho que encontra pelas ruas. A casa do majó é ardeada por rodas de carro, cadeiras velhas, peças de automóvel e eletrodomésticos. O andarilho cavou também um buraco de aproximadamente três metros de largura por seis de comprimento, ao lado da casa, provavelmente para juntar água da chuva. “Fiz 336 açudecos pelo Brasil, pode assentar aí”.





## Estudantes homenageiam Fabião

*Bis { Canta, canta, canta, cantador*

*No exemplo das estrelas / o escravo Fabião*

*Libertou o seu destino / e saiu pelo Sertão*

*Rabecando o seu cantar / juntando todo tostão*

*Pra poder alforriar / um amor do seu patrão*

*Que era uma escrava / que selou a condição*

*Pro Coroné Zé Ferreira / ser o pai de Fabião*

*Bis { Redondo sinhá*

*Bis { Canta, canta...*

*Trecho de "Fabião das Queimadas, poeta da liberdade"  
(Hugo Tavares Dutra)*



Se depender dos estudantes da escola municipal São Sebastião, Fabião das Queimadas ainda terá muitos anos de glória pela frente. Embalados pela música "Fabião das Queimadas - poeta da liberdade", 16 estudantes do 5º e 6º ano do ensino fundamental participam da dança em homenagem ao poeta cantador.

"Quase toda criança sabe alguma coisa sobre Fabião. Estamos fazendo um trabalho de incentivo à cultura e valorização da figura de Fabião das Queimadas", conta o professor de artes Sandro Nunes, 32 anos, natural de Lagoa de Velhos. Nunes criou o grupo com a intenção de enfatizar que Fabião das Queimadas nasceu em Lagoa de Velhos. "O filme feito sobre Fabião não toca no nome de Lagoa de Velhos", diz.

As crianças, a maioria entre nove e doze anos, usam sandálias de couro e roupas brancas. Os meninos fazem o papel de Fabião e as meninas representam as sinhazinhas. Iasmin Caroline Gomes Silva, 11 anos, é uma das mais entusiasmadas com a idéia de estudar a cultura da terra e representá-la. "A gente aprende na aula sobre Fabião das Queimadas, o escravo cantador que conquistou sua alforria tocando rabeca, e depois pode dançar. É muito divertido".

Os ensaios acontecem no pátio da escola, localizada por trás do mercado municipal de Lagoa de Velhos. O grupo de dança fez sua primeira apresentação na Caprifeira de São Paulo do Potengi, em abril deste ano, e planeja levar a dança a palcos de outros municípios.

A professora Edinalva Ribeiro, responsável pelos ensaios, elogia a música do cantor e compositor Hugo Tavares, apresentada no Forraço 2004 e escolhida para animar a dança. A meta agora é levar ao conhecimento de outros jovens a vida e a música de Fabião.



## A volta do Boi-de-reis

A maruja de Lagoa de Velhos junta gente de todas as idades. Quem passa de bicicleta, meio de locomoção mais popular no município, pára para ver. O boi-de-reis voltou a alegrar a população do município em 1989. A iniciativa partiu de José Francisco Pereira, 50 anos, o Chico da solda, filho de Manoel Pereira, antigo mestre de marujadas que percorriam todo o Agreste potiguar.

Manoel Pereira botava o boi-de-reis para brincar no Córrego São Mateus, em Januário Cicco, terra natal do filho Chico da solda. “Nos anos 60 o boi de reis percorria todo o Agreste. Comecei a brincar com oito anos, fazia a dama”.

Os integrantes do boi de Lagoa de Velhos, animados por um sanfoneiro e pandeirista, iniciam a apresentação com o humor de Catarina e Birico, dupla de personagens cômicos. Os galantes e a dama, integrante mais jovem, permanecem por trás da tolda até o início da segunda parte.

Chico da solda, sempre muito brincalhão, capricha no visual para fazer o papel do Mateus. Vale tudo para animar as crianças. Até um chocalho pendurado nas costas. “Procuo preservar as mesmas cantigas que aprendi”.

O segundo ato da apresentação tem cânticos religiosos em louvor a São Gonçalo. Em seguida, os galantes entram em cena para começar a dançar e cantar a tradicional “masseira”. A chegada do boi, passando por debaixo da tolda, é saudada por todos. A última parte, quando normalmente os participantes recolhem algum “agrado” de quem encomendou a dança, é reservada para cumprimentar o público com

versos em repente. Os conterrâneos mais antigos, como o motorista José Érico Alves, 50 anos, carinhosamente chamado de Toxó, recebem “as cortesia” dos integrantes da marujada. “Meu boi bonito, boi da alegria / Ao cidadão Toxó faça as cortesia”.

A festa pelos 42 anos de emancipação política de Lagoa de Velhos, ocorrida em 22 de março, contou com a participação do boi-de-reis. Chico da solda festeja também o dia de Santos Reis (6 de janeiro) e espera o convite para colocar a maruja na rua no dia da padroeira Nossa Senhora da Conceição.

## Redeiras querem expandir negócio

O povo de Lagoa de Velhos gosta de dormir de rede. As casas mais antigas possuem armadores em todos os cômodos, uma herança do tempo em que os tropeiros cruzavam a região e armavam suas redes nas árvores ou casas-grandes para descansar. As redeiras, mulheres encarregadas de fazer as redes manualmente, ressurgiram em 2000 através de um trabalho desenvolvido pela Comunidade de Produção do Alto da Conceição (Copac).

O atelier das redeiras, provisoriamente instalado na escola municipal João Paulo II, abriga os teares manuais utilizados pelas quatro artesãs. Josefa Ana da Silva, a Zefa, 53 anos, explica que primeiro uma parte do tecido é desfiada para



fazer o macramê. A mamucaba, trançado que liga o pano aos punhos da rede, também é feita manualmente com a ajuda do antigo tear de madeira.

A varanda é feita com linha de crochê. As artesãs não utilizam nenhum tipo de máquina no processo. “Leva um bocado de tempo para terminar, dá para fazer umas três redes por mês”. As redes, dependendo do tecido utilizado, são vendidas por, em média, R\$ 150. A redeira Maria Cícera Venâncio da Silva espera aumentar a produção com a mudança do atelier para um galpão maior.

O trabalho manual da feitura da rede, uma tradição de origem indígena, é uma arte com mais de cinco séculos. Pero Vaz de Caminha foi quem primeiro utilizou o termo “rede”, ainda em 1500, ao constatar a semelhança das malhas trançadas com a rede de pescar. O folclorista Câmara Cascudo, em seu livro “Rede de dormir”, faz um estudo etnográfico da rede.

Cascudo conta que “quem viveu no Sertão do Nordeste até 1910 sabe perfeitamente que rara seria a fazenda onde a rede fosse objeto de compra. Era uma indústria doméstica e tradicional. Comprava-se a rede mais larga, avarandada, bordada, ‘rede de casal’, às velhas donas que mantinham o artesanato obstinado. As redes menores, de uso comum, para latada, descanso, dormida de rapaz solteiro e de moça donzela, eram, quase sempre, tarefa familiar. As redes bonitas, caras, destinadas a presente ou uso em ocasiões de festas, eram as ‘redes do Ceará’, tecidas e acabadas com um bom gosto inimitável. O mesmo diziam das do Piauí, famosas, trazidas pelos comboieiros, veteranos na histórica Estrada das Boiadas”.

## Cântico em louvor da rede de dormir

*Nos velhos engenhos,  
nos grandes sobrados  
das terras do Norte,  
as redes bonitas  
de lindas varandas  
da cor do luar!...  
Recordo o passado:  
meu avô, homem feito,  
formado em Direito,  
lembrando o Recife  
deitado na rede  
de papo-pro-ar!*

*Sinhazinha, velhinha,  
sentada na rede,  
falando sozinha  
com os olhos tão cheios  
das sombras do além.  
Sinhazinha, coitada,  
na rede deitada,  
na rede que vai,  
que vai e que vem!*

*Nas longas estradas,  
nas doces paradas,  
deitados nas redes  
descansam tropeiros  
das grandes jornadas,  
nas árvores belas,  
olhando as estrelas  
perdidas no céu!...*

*Nos lares humildes,  
na casa dos ricos  
as redes balançam  
inocentes meninos.  
A mãe vai cantando  
o filho embalando  
canções mais suaves  
lembrando essas aves  
dos reinos de Deus!*

*A rede é também  
caixão de defunto:  
o morto dormindo  
um sono gostoso  
embalado na rede.  
O morto, coitado,  
não teve dinheiro,  
não comprou o caixão,  
e assim vai levado  
embalado na rede  
até que é jogado  
no fundo do chão!*

*Lua-nova é uma rede  
de prata, fulgindo  
no céu tão profundo!*

*Deus descansa na lua  
que linda, flutua  
vendo as dores dos homens  
sofrendo, no mundo!*

Por J. Freire Ribeiro (Aracaju, 1957)



## Natureza inspira Fernandes de Germano

*“Eu nasci em Lagoa de Velhos  
E aqui mesmo me criei  
E sei que os tempo agora está ruim  
Mas tempo bom eu já passei  
Pruquê Lagoa de Velhos é uma cidade calma  
De amigos popular  
Mas eu lembro de algum colega  
Que precisaro viajá  
Que seu pudesse eu trazia  
Eles de volta pra cá  
Pruquê Lagoa de Velhos é uma cidade calma  
Dá bem pra se morar  
Aqui nós temo um mercado  
Temo a casa grande  
Pracinha e televisão  
Nóis também temo a catacumba  
E a igrejinha Nossa Senhora da Conceição  
E do banho da vêia cacimba grande  
Eu ainda tenho recordação”*

O agricultor Fernandes Ferreira da Silva, 60 anos, mais conhecido como Fernandes de Germano, gosta de recitar versos que descrevem a vida do sertanejo e a esperança pela chegada das chuvas. “Não sei ler, faço só na cabeça”.

O pai de Fernandes, Germano da Silva, 86 anos, deixou Lagoa de Velhos durante a seca de 1970 em companhia da esposa Rosa Ferreira da Silva. O casal mora em Santa Helena (GO). Fernandes não vê a mãe, Rosa Ferreira da Silva, há 21 anos.

Durante todos estes anos, o agricultor mora no sítio Ligação, a 2 Km do centro de Lagoa de Velhos. A proximidade com a natureza dá inspiração para Fernandes criar seus versos simples, mas muito bem aceitos pelos conterrâneos. Na última eleição municipal, ajudou a eleger o prefeito Ailton Araújo criando a música da campanha. “Tem uns 30 anos que subo em palanque para fazer versos”.





## “Casa Velha” clama por restauração

A primeira edificação de Lagoa de Velhos, conhecida como “Casa Velha”, foi construída, segundo relato dos moradores mais antigos, pelos escravos de João Anselmo. A construção de pedras, erguida em 1850 para servir de morada ao fundador do município, foi tombada em 1998 pela Fundação José Augusto.

O prédio, bastante castigado pela ação do tempo, possui um pelourinho num dos cômodos. A casa tem três portas frontais e dois janelões. A fachada de aproximadamente 15 metros fica de frente para o pátio da igreja de Nossa Senhora da Conceição. O mercado municipal, construído pelos comerciantes José Marinho e José Antônio da Costa em 1939, também fica no largo da igreja.





## Relíquias do ciclo do algodão


A Fazenda Bom Destino, antiga Fazenda Queimadas, faz parte do passado de prosperidade de Lagoa de Velhos. A antiga propriedade de Francisco Pinheiro Borges, o Chicó Pinheiro, ainda guarda algumas relíquias do ciclo do algodão. A antiga prensa de madeira, movida a boi, está abandonada num galpão nos fundos do prédio. O ex-tropeiro Manoel Costa da Silva, 77 anos, conta que “na época da bonança do algodão, Chicó mandou construir um grupo escolar em frente a sua casa para que os filhos dos empregados pudessem estudar”.

A escadaria de madeira que leva ao sótão tem um degrau que servia para esconder armas. Os amplos cômodos do primeiro andar, com janelões que se abrem para o verde do lugar, eram o local de dormida das filhas de Chicó Pinheiro. Segundo contam, o antigo fazendeiro não admitia que ninguém “mexesse” com suas filhas.

A barragem das Queimadas, um dos maiores reservatórios de água do município, foi construída por Chicó na década de 40 com recursos próprios. Maclidones Costa, 66 anos, ex-prefeito de Lagoa de Velhos, salienta que a Fazenda Igatú, transformada no assentamento Potengi, local ocupado por 280 famílias, também teve um passado próspero. A antiga propriedade de Fabrício Pedroza chegou a ter mais de 300 moradores.



## Cruzeiro

O cruzeiro na entrada de Lagoa de Velhos sinaliza o local onde Antônio Anselmo, filho do fundador do município, foi assassinado em 14 de setembro de 1896. O crime teria sido cometido por um sobrinho da vítima chamado Rafael. 



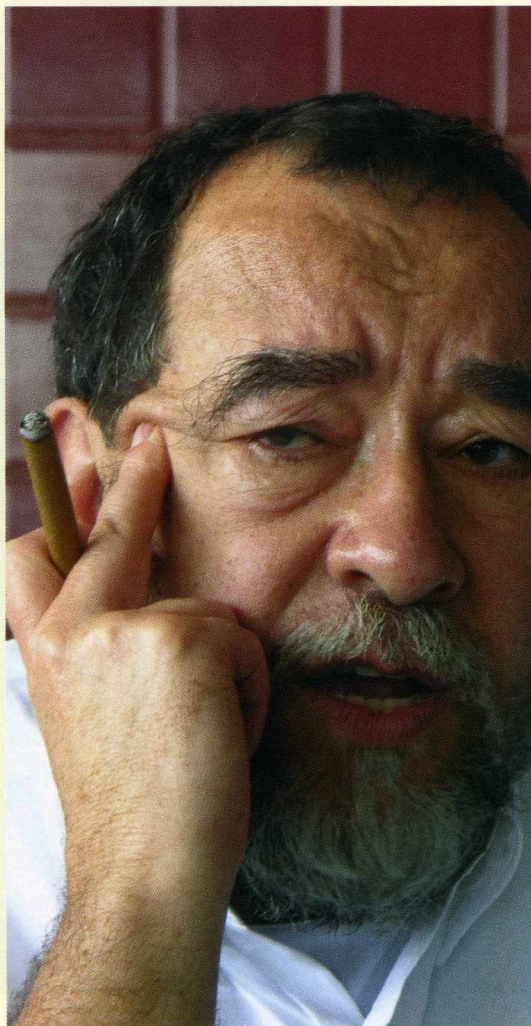
*O brasileiro médio não é melhor do que Severino*



**Por Tácito Costa e Gustavo Porpino**

Fotos: Anchieta Xavier

Uma das estrelas da 3ª Bienal do Livro de Natal, o jornalista e escritor Fernando Morais, 59 anos, deu entrevista exclusiva à PREÁ. Falou sobre a proibição ao seu novo livro “Na Toca dos Leões”, novos projetos literários, de política, literatura, esquerdas, jornalismo, sucesso, Fidel Castro, Hugo Chavez e até de Severino Cavalcanti. Disse, por exemplo, que o Congresso é a cara do Brasil e que o brasileiro médio não é muito melhor que o Presidente da Câmara dos Deputados. “Severino pelo menos está melhorando o nosso português. Eu já incorporei às minhas expressões o ‘mijou na rabichola’”, afirmou. Sempre muito simpático e doido por carne-de-sol com feijão verde (só comeu isso nos três dias que passou em Natal), não se furtou a responder a nenhuma pergunta. Natural de Mariana (MG), Fernando Morais começou a trabalhar aos 13 anos como repórter de um jornal de bairro, em Belo Horizonte. Trabalhou no Jornal da Tarde e na VEJA. Em 1970 recebeu o Prêmio Esso, de reportagem, pela série Transamazônica. Ganhou também três vezes o Prêmio Abril de Jornalismo. Foi deputado e secretário da Cultura e da Educação do Estado de São Paulo. É um dos autores brasileiros que mais vende livros no país. Juntos, “A Ilha”, “Olga”, “Chatô – O Rei do Brasil” e “Corações Sujos”, já venderam mais de dois milhões de exemplares. “Corações Sujos” ganhou o Prêmio Jabuti 2001. Nas páginas seguintes, conheça mais sobre a trajetória e as opiniões de Fernando Morais.



**Preá** – A censura ao seu novo livro é um caso isolado, pontual, ou existe, nesse momento no país, clima para esse tipo de atitude?

**Fernando Morais** – Infelizmente, não parece ser uma coisa pontual. Parece estar surgindo uma nova forma de censura. Uma revista semanal, a propósito desse caso, chamou-a de “Censura de Toga”, porque, simultaneamente ao episódio envolvendo meu livro e a mim, aconteceram dois outros casos parecidos na imprensa: a decretação da prisão de Jorge Kajuru, não por acaso em Goiânia, e a proibição, por um juiz de Rondônia, de a TV Globo colocar no ar uma reportagem em que o Governador era achacado por deputados estaduais. O deputado Ronaldo Caiado, citado no meu livro, em um trecho que considera ofensivo, tinha que entrar na justiça e exigir que eu provasse o que estava escrito ali e se eu não provasse, ou iria para a cadeia ou pagaria uma multa a ele, por estar publicando uma informação falsa. Jamais a censura ao livro e, muito menos, o silêncio imposto ao autor.

**Preá** – Uma decisão como essa representa uma pressão contra o jornalismo investigativo?

**Fernando Morais** – Representa. E outra coisa: a maior parte dos jornalistas mais antigos está cada vez mais deixando as redações para fazer carreira solo. Então, esse tipo de coisa que aconteceu em Goiânia, intimida os autores e os editores.

**Preá** – O poder judiciário está desconectado da realidade brasileira?

**Fernando Morais** – Está. E há uma coisa no poder judiciário, no Brasil, que faz com que as sentenças de primeira instância não tenham valor nenhum. Há cerca de dois meses, eu fui ao Rio de Janeiro, intimado para depor como testemunha, no processo de dois procuradores do Estado contra a Editora Record, por causa do livro de memórias de Salvatore Cacciola, o banqueiro que fugiu para a Itália. E o juiz, muito meticoloso, pedia que as minhas respostas fossem dadas vagarosamente, para dar tempo da taquígrafa anotar tudo. E depois explicou por quê. Porque não importa se a tese que eu der seja a favor da editora ou a favor dos procuradores. Quem perder vai recorrer. Eu estava fazendo uma coisa bem precisa, para que o juiz da instância superior entendesse o caso. Além dessa desconexão da justiça com o Brasil real, com o Brasil democrático, tem o problema da própria legislação do poder judiciário, que leva a situações kafkianas como essa.

**Preá** – A reforma do poder judiciário seria uma maneira de tentar corrigir essas distorções?

**Fernando Morais** – Seria uma das vias. No caso específico da liberdade de expressão, a Constituição tem dois artigos: um é o número 5 e o outro, se não me engano, é o 220, que assegura o direito à imagem.

Como há uma certa contradição entre eles, fica a critério do juiz deliberar se o direito à imagem foi violado e com isso, ele se justifica para censurar o que é proibido na própria Constituição. Eu já falei com amigos que são parlamentares, alertando para se fazer uma emenda à Constituição para não deixar margem a essa interpretação ambígua do que seja liberdade de expressão e do que seja direito de imagem. Por outro lado, quantos de nós já não fomos vítimas de imprensa? Eu já fui. A revista VEJA, por exemplo, me persegue. Eu não falo mais para VEJA. Persegue todo mundo que é de esquerda. Trata com deboche, trata de maneira desrespeitosa, e como eu jamais vou entrar na justiça contra uma publicação, para silenciá-la, resolvi não dar mais declarações a essa revista.

**Preá** – O jornalismo brasileiro melhorou ou piorou nos últimos anos?

**Fernando Morais** – Melhorou num ponto de vista e piorou em outro. Temos agora um jornalismo mais vigilante, mais patrulheiro, no bom sentido. Temos aí um caso exemplar, o escândalo dos Correios. Tudo indica que há uma enorme mutreta e foi denunciada pela imprensa. Fernando Collor de Mello foi derrubado a partir de denúncias feitas pela imprensa. Claro, sempre tem o outro lado. Os erros que a imprensa comete nesse afã de dar furo e em muitos casos ela pretende substituir a justiça. A imprensa acusa, julga, condena e executa. Vejam os casos do bar Bodega e da Escola Base, do ex-ministro do Governo Collor, o Alcení Guerra, e do ex-deputado Ibsen Pinheiro. O Alcení teve a vida destruída por uma denúncia que depois se comprovou que era falsa. Esses são as vítimas de um jornalismo investigativo mal fundamentado. Nesses casos é preciso que haja punições exemplares.

**Preá** – Em uma das respostas anteriores você disse que a VEJA persegue quem é de esquerda.

**Fernando Morais** – Na verdade, eu não posso me queixar da VEJA com relação a minha obra porque já fui até capa da revista. Mas a VEJA que está sendo feita hoje, virou um partido político de direita, porque as notícias com as quais ela não concorda, ela transforma em deboche, ironia. Por exemplo: Hugo Chavez. A VEJA me entrevistou sobre o Hugo Chavez, de quem eu sou amigo e fez um deboche,

uma provocação. Então, decidi não falar mais para a revista, não falo mais.

**Preá** – Você acha que a imprensa tratou melhor o Governo Fernando Henrique Cardoso do que trata o Governo Lula?

**Fernando Morais** – Certamente. Isso aí dá para medir. Se você fizer um levantamento nos quatro grandes jornais do eixo Rio-São Paulo, “O Globo”, “Estadão”, “JB” e “Folha de São Paulo”, seguramente você vai encontrar no período equivalente críticas infinitamente maiores ao Lula do que foram feitas ao Governo Fernando Henrique. Não é que o governo Lula não esteja merecendo críticas não, está merecendo uns puxões de orelha, mas não a patrulha com que ele é tratado pela imprensa.

**Preá** – Por trás disso não estaria um certo elitismo da imprensa?

**Fernando Morais** – Eu não tenho nenhuma dúvida disso. Também, a gente não pode ter ilusão, não é? A imprensa, em qualquer lugar do planeta, em Havana ou em Natal, em Washington ou em São Paulo, está a serviço dos interesses da ideologia de quem paga as contas no final do mês.

**Preá** – Qual a sua avaliação do Governo Lula?

**Fernando Morais** – Olha, não é positiva. É difícil para mim dizer isso, porque eu gosto muito dele, sempre votei nele. Depois que ele virou Presidente, tive só dois contatos com ele. Um no dia que passaram “Olga” no Palácio, outro, em dezembro último, quando eu fui a Belo Horizonte para falar com Hugo Chavez. Agora, Lula não está fazendo um governo para a maioria. Está fazendo um governo com essa obsessão de estabilidade econômica, que está levando a um desemprego muito grande, a uma paralisação da economia. Até agora, o eleitor típico do Lula ainda não viu benefícios, mas eu ainda tenho esperança.

**Preá** – Você acha que pode haver mudanças até o fim do mandato dele?

**Fernando Morais** – Eu acho que pode e tudo indica que vai haver porque se não a reeleição dele vai ser um negócio um pouco mais complicado.

**Preá** – Por que Lula não está fazendo um governo mais ousado?

**Fernando Morais** – Não sei dizer, seria leviano eu dar uma opinião. Eu tenho suspeitas, mas eu não posso tornar público suspeitas. Acho que é um Governo dividido entre duas correntes antagônicas: uma baseada na cartilha do Fundo Monetário, que busca zerar o déficit fiscal e defende o juro alto e o povo que se foda, o desenvolvimento que se foda; e uma outra corrente, que luta para fazer um governo desenvolvimentista, um governo voltado para quem trabalha, para quem produz e não para os bancos. As únicas instituições que ganham com esse modelo atual são os grandes bancos.

**Preá** – A oposição também não tem dado trégua.

**Fernando Morais** – Claro, né, porque é a direitona velha que está aí. A Arena, com vários nomes, mas é Arena.

**Preá** – Como você avalia o tratamento que o Governo Federal tem dado à cultura?

**Fernando Morais** – O problema do Gil é o mesmo dos seus antecessores e infelizmente vai ser o dos sucessores. Cultura é sempre a última da fila. O Palocci tem que colocar na cabeça que num país pobre como o Brasil, a cultura depende de incentivo oficial. Agora, isso é um problema que o Gil não conseguiu resolver e acho que dificilmente vai conseguir. Mas ele é um grande ministro, está representando um papel, hoje, fora do Brasil, inclusive, muito importante. Primeiro pelo fato de ser preto. Num país que esconde isso de uma maneira meio envergonhada, você tem um ministro da cultura negro e articulado. É um cara que tem condições de conversar com qualquer pessoa e um dos maiores artistas brasileiros.

**Preá** – Existe risco de retrocesso institucional hoje no Brasil?

**Fernando Morais** – Não, não, não... Acho que isso é bobagem, acho que tem que botar na cadeia ladrão. Isso não é problema do Presidente da República, isso é problema do delegado de polícia, da Polícia Federal. Não existe crise institucional nenhuma. Bota esses caras na cadeia e está acabado. Isso é coisa da tucanada de perna fina, que até hoje ainda não percebeu que perdeu a eleição. É a UDN: muito

gogó e pouca consistência. O Fernando Henrique perdeu a eleição, mas gostaria de estar lá, que o Serra estivesse lá. O ideal seria que ele estivesse lá para sempre, a julgar pelo que ele pensa de si próprio.

**Preá** – Você lançou recentemente o seu sétimo livro “Na Toca dos Leões”. Qual é o seu preferido, aquele que lhe dá mais prazer em reler?

**Fernando Morais** – Eu não releio meus livros e não tem nenhum que eu goste especialmente. Gosto de todos. Eu sou muito cuidadoso, sou muito obsessivo com a forma e apanhar um erro, apanhar uma palavra repetida, apanhar uma construção malfeita é uma punhalada nas costas. Então eu prefiro não ler. Quando é um erro factual, erro de apuração, eu mudo, à medida que o livro vai sendo reeditado, mas na forma, não.

**Preá** – Quem lê seus livros percebe uma coleta de dados apurada e minuciosa. Como é que se dá esse processo? Você colhe essas informações sozinho?

**Fernando Morais** – Não. Raramente faço sozinho a pesquisa. Em geral faço a parte mais importante, os personagens mais importantes, a parte mais delicada. Recorro a pesquisadores, gente jovem. O trabalho funciona assim: te peço uma entrevista, por exemplo, na órbita do Aluizio Alves, você me manda e eu descubro que ali tem um tremendo filão, eu pego o avião, venho para cá e faço junto com você de novo, a partir de informações que você não teria por que ter e eu tenho porque estou controlando todo o projeto.

**Preá** – Você tem um estilo literário próprio e não usa aspas e nem rodapé, por exemplo. Como chegou a ele? O jornalismo te ajudou nisso ou foi a Literatura?

**Fernando Morais** – O jornalismo. O jornal não tem nota em pé de página e nem referência bibliográfica. Jornal o leitor lê sem precisar disso.

**Preá** – Você vê semelhanças entre os estilos literários seu, do Zuenir e Caco Barcellos com o desenvolvido, por exemplo, nos EUA pelo Tom Wolfé e Gay Talese, expoentes do New Journalism?

**Fernando Morais** – Sim. Tem inspiração nesses caras, no tal New Journalism, que é o seguinte: é o jornalismo que está fora da redação ou até que às vezes está dentro da redação, mas conta

com tempo para elaborar o texto de uma tal maneira que o leitor tem a impressão de que: primeiro, ele está vendo aquilo; segundo, que pode ser um romance. Tem a fluência de um romance, mas que sem em nenhum momento faça uso de ficção.

**Preá** – Por que existe no Brasil preconceito contra o sucesso? Recentemente, a escritora Lya Luft teve que se explicar, publicamente, por que vende tanto livro.

**Fernando Morais** – Eu acho que é inveja. É o rasteiro sentimento da inveja. A Academia torce o nariz para os meus livros, diz que não tem metodologia, que não tem isso, que não tem aquilo. Acho que é puro preconceito. Agora, claro que tem obra boa e obra ruim.

**Preá** – Alguns críticos chegam a dizer que livro que vende muito não presta.

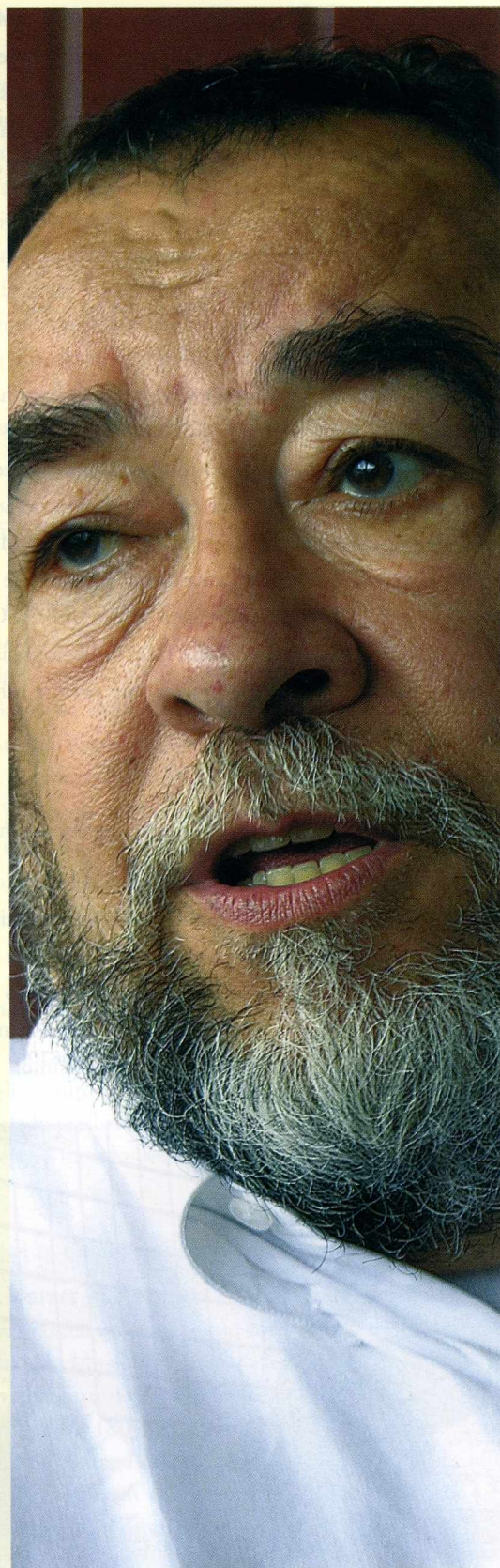
**Fernando Morais** – O que é uma besteira, porque o autor que mais vende no Brasil, ao longo dos tempos, é Machado de Assis. Então, é bobagem.

**Preá** – Como você viu a adaptação de “Olga” para o cinema?

**Fernando Morais** – Gostei. Aliás, eu e quatro milhões de brasileiros. Quem não gostou foi a crítica. Mas eu acho que a gente pode adaptar para o cinema e para os livros uma frase que Nelson Rodrigues repetia com relação ao teatro. Ele dizia que a sorte dos dramaturgos é que os críticos não conseguem levar nem bactéria para o teatro. Os críticos também não conseguem levar nem bactéria para o cinema, nem para as livrarias. Os críticos escrevem para os críticos. Você vê o pau que o “Olga” tomou da crítica brasileira... Há muito tempo nenhum filme tomou um cacete tão duro.

**Preá** – Qual a receita para se chegar a um tema bom, para se fazer um livro de sucesso, como os seus, por exemplo?

**Fernando Morais** – Se eu tivesse a receita estaria rico. Não tenho. Eu acho que varia de livro para livro, de personagem para personagem. Eu, particularmente, não sei como o Ruy Castro, como o Caco Barcellos, como é que o Mário Magalhães, o Lucas Figueiredo, o Zuenir, como é que eles escolhem os temas. Eu escolho, ou o personagem ou o episódio, que às vezes não é o personagem. “Corações Sujos”, por exemplo, não é uma biografia, “Na Toca dos Leões” não é uma biografia. Primeiro, o tema tem que ser um tema borbulhante, tem que ter vida, polêmica, contradição. Também gosto de contar coisas, sobretudo sobre o Brasil, que não contaram para nós nos bancos de escola. A minha história não é a história oficial, a história dos vencidos, mas não é a história oficial.



Hugo Chavez acabou com isso. O dinheiro do petróleo está construindo hospitais, está urbanizando favelas, está construindo estradas, construindo escola. Odeiam ele por causa disso. Mas ele está fazendo uma revolução profunda.

**Preá** – Você chegou a ser deputado em dois mandatos. Por que desistiu da política?

**Fernando Morais** – Porque é um pé no saco. Você tem que fazer concessão demais, tem que engolir sapo dia sim, dia não, você tem que conviver muitas vezes com gente que não suporta. E é obrigado a conviver e às vezes não só conviver, mas compartilhar ações políticas. Mas eu não deixei de fazer política. Continuo fazendo, trabalhei para o Lula, trabalhei para a Marta Suplicy e agora, ano que vem, vou ajudar alguém de algum partido.

**Preá** – O Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, é um reflexo da própria Câmara ou do país?

**Fernando Morais** – Um reflexo do país. O Congresso é a cara do Brasil. O Brasil é um país atrasado, é um país de analfabetos, não é um país de gente progressista, avançada. Talvez o Severino seja um exemplo um pouco radical dessa tragédia brasileira, mas o brasileiro médio não é muito melhor que o Severino, não. Severino pelo menos está melhorando o nosso português. Eu já incorporei às minhas expressões o “mijou na rabichola”. Agora, quando alguém se comporta mal comigo, eu digo: fulano de tal mijou na rabichola, *apud* Severino Cavalcanti.

**Preá** – O Governo Federal quer fazer a inclusão digital. Mas, a grande massa não tem sequer acesso à informação veiculada pela mídia tradicional. Como você vê isso?

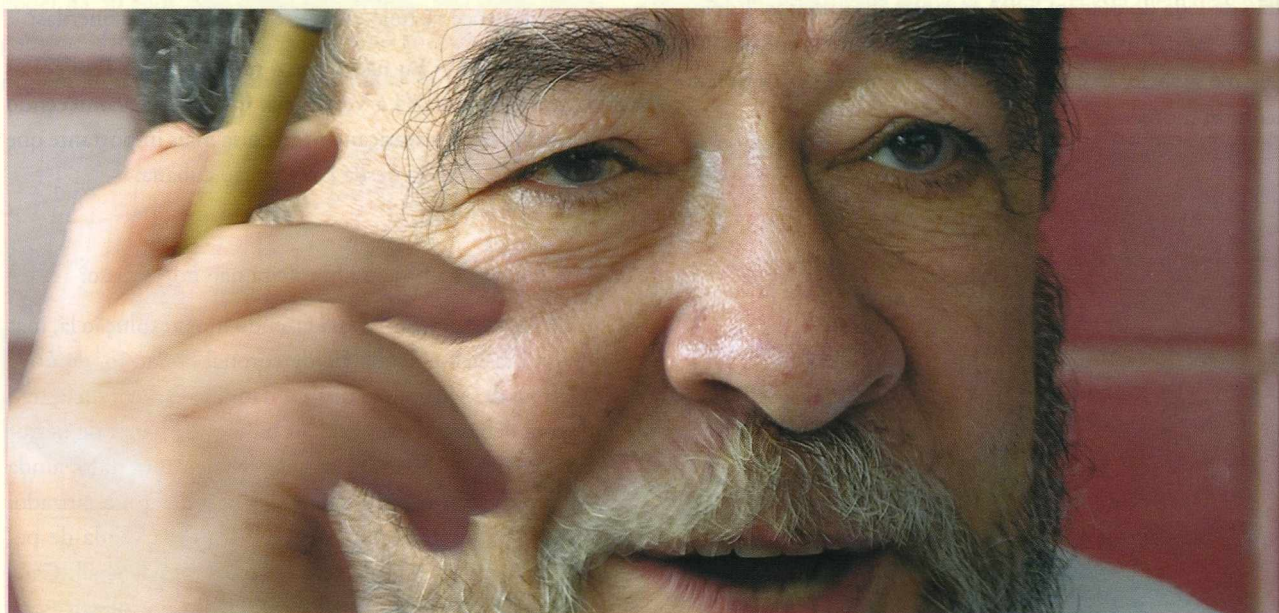
**Fernando Morais** – Uma coisa não colide com a outra. Acho que a grande massa não tem acesso à mídia, porque não sabe ler. Eu, se fosse Presidente da República, provavelmente iria faltar mertiolate em hospital, mas não iria faltar professor bem pago para 1º e 2º graus no Brasil inteiro. Seguramente, seria Presidente de um só mandato, porque educação não reelege.

**Preá** – A Internet ameaça o jornalismo impresso?

**Fernando Morais** – Não. A Internet vai contribuir para a volta da grande reportagem nos jornais diários. A hard news vai ficar com a Internet e o jornalismo diário vai tratar dos grandes assuntos, das grandes reportagens.

**Preá** – E o livro?

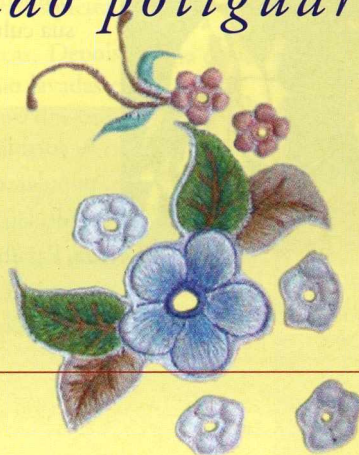
**Fernando Morais** – Também não. O computador, em vários países, na França, nos países hispânicos e em Portugal é chamado ordenador. Na França é ordinator. Em Portugal é ordenador. Na Espanha é ordenador. No fundo, o computador que nós temos é um ordenador de coisas, de idéias que você guardou em vários arquivos. Mas não vai substituir o livro não. Já imaginou você com um PC em uma rede de dormir! 📖





# TIMBAÚBA DOS BATISTAS

*A capital do bordado potiguar*



*Timbaúba dos Batistas,  
Fibra do sertão fiel,  
Timbaúba dos Clementes,  
Minha panela de mel!*

*Tua história está escrita  
Nos teus bordados e rendas,  
Nos engenhos de madeira,  
Que já viraram lendas,  
Onde os bois mansos gemiam  
Na rotação das moendas.*

*Teus currais acordam cedo,  
Ao romper da madrugada,  
Quando as vacas sonolentas,  
Cochilando na malhada,  
Despejam leite nos baldes,  
Pra fazer queijo e coalhada.*

*Pra voar a Timbaúba,  
Meu coração criou asa.  
Ai, que cheiro apetitoso  
De carne assada na brasa!  
E quanto gostinho bom  
De lingüiça feita em casa!*

*Timbaúba dos Pannels,  
Pra te ver, de longe venho!  
O trabalho é teu emblema,  
A bondade é teu desenho,  
Paladar de queijo gordo,  
Panela de mel de engenho!*

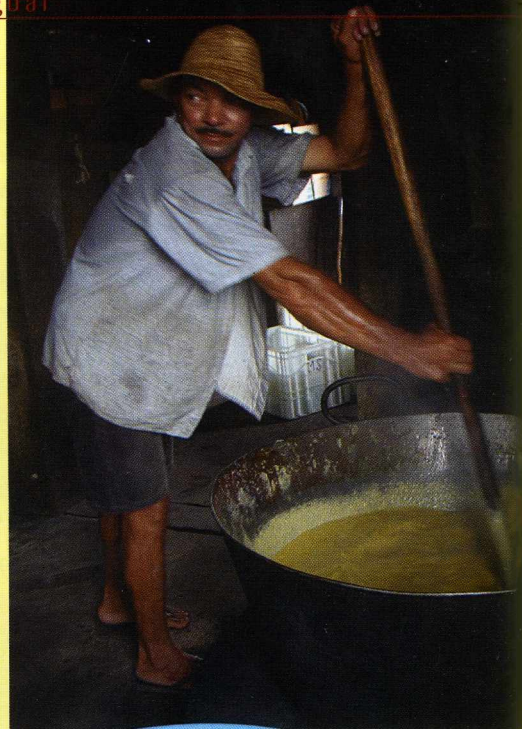
*"Panela de Mel". Letra de José Lucas  
de Barros. Música de Carlos Zens.*

## Por Gustavo Porpino e David Clemente

Fotos: Anchieta Xavier

A região do Seridó guarda muitos segredos. Timbaúba dos Batistas, a 300 km de Natal, é um deles. O município, ofuscado pela proximidade com Caicó, pólo econômico da região, trabalha para mostrar ao povo potiguar que também tem seu valor. O sítio arqueológico do Pintado, tombado em 26 de abril deste ano, é uma das riquezas da terra. Timbaúba quer ser conhecida como a capital do bordado potiguar. As mais de oitocentas bordadeiras, um número bastante expressivo para um município com menos de dois mil e quinhentos habitantes, estão unidas para fazer valer o título. Os bordados, as queijeiras, o doce caseiro, o alfenim, a religiosidade e a longevidade do povo mostram que estamos mesmo numa típica cidade seridoense.

A figura do jumento, aliado do homem sertanejo, também é reverenciada em Timbaúba. O cantor Elini Julião, timbaubense ilustre, já fazia referência ao animal no refrão da música “Rabo do jumento”, de sua autoria, que alcançou grande sucesso. “Eu não quero pagamento Nascimento / eu quero é outro rabo no jumento”. A corrida de jegues, realizada anualmente há 19 anos, chega a reunir 20 mil pessoas no chamado “Jecódromo” do bairro Renascer. Também é no lombo do jumento que alguns timbaubenses vão até Caicó, nas primeiras horas das manhãs dos sábados, para fazer a feira.



A produção do queijo de manteiga, no sítio Clemente, é uma típica tradição sertaneja.

O território de Timbaúba, nome herdado da árvore de copa densa e cujo fruto produz uma espécie de espuma, abundante na época de instalação das fazendas de gado, foi desmembrado de Caicó em 1962. A família Batista, primeira a se instalar e criar raízes na região, completa o nome do município.

A Fazenda Timbaúba, fundada por Vicente Borges Gurjão nas terras frescas do vale, marcou o surgimento da vila que daria origem ao município. Já na segunda metade do século XIX, José Batista dos Santos, um dos herdeiros das terras, expandiu a propriedade agrícola com o plantio de canaviais. A produção de aguardente e rapadura movimentava oito engenhos nos anos 30. A fabricação de alfenim, reduzida a alguns períodos do ano, atraía gente de Serra Negra do Norte, Caicó, Jardim de Piranhas, Acari e outros municípios.

A história de Timbaúba dos Batistas também foi marcada pelo racismo. O cemitério local, até meados dos anos 40, era dividido ao meio para brancos e negros. Os tempos mudaram e os timbaubenses, independente de credo ou cor, bordam juntos sua cultura a cada dia.

A corrida de jegues, evento de maior apelo popular de Timbaúba, costuma reunir uma multidão de curiosos vindos até de municípios da Paraíba, Pernambuco e Ceará. A corrida principal acontece no dia 7 de setembro e já foi destaque do programa Globo Rural.

## Um trabalho que exige tempo e engenho

A milenar arte de bordar está presente em todas as ruas de Timbaúba dos Batistas. O processo de feitura do bordado já não é o mesmo de décadas passadas, mas a necessidade de aumentar a produção parece não ter afetado a qualidade das toalhas, centros de mesa, jogos de cama e diversas outras peças criadas pelos 850 timbaubenses que se dedicam à produção de bordados.

Bordar em Timbaúba não é coisa de mulher. Os homens também participam de parte da produção, seja bordando, lavando ou engomando as toalhas ou outras peças de tecido. Os vários tipos de bordados feitos em Timbaúba são motivo de orgulho e sobrevivência para os timbaubenses.

“Até a década de 30 os trabalhos eram feitos a mão e um número reduzido de mulheres bordava”, comenta Maria Auxiliadora de Araújo Soares, autora de uma pesquisa sobre a industrialização de bordados em Timbaúba dos Batistas. “A fonte de renda principal da cidade recai sobre o bordado”, atesta.

A fabricação de uma toalha de banquete, por exemplo, bordada em organdi, pode levar até seis meses e envolve homens, mulheres e jovens de todas as idades. Depois do tecido ser comprado em Fortaleza ou São Paulo, e cortado conforme o tamanho da peça, a riscadeira transcreve os desenhos do papel para o tecido.

As bordadeiras utilizam as chamadas máquinas de costura artesanais para ir dando a forma artística aos desenhos de flores ou qualquer outra criação. O trabalho é minucioso. Algumas peças bem trabalhadas chegam a ter oito tipos diferentes de ponto - matiz, crivo, richilieu, bainha, ponto arroz, ponto doido, ponto haste e ponto cheio. A renda renascença, aplicada no centro e na barra de algumas toalhas, vem dos municípios pernambucanos de Poção e Pesqueira.

O bordado não é a última etapa na confecção das peças. Depois de passar pelas mãos hábeis das bordadeiras, as peças são lavadas e engomadas. O matame, beira do tecido, é aparado depois dos bordados serem lavados. Por último, as peças são empacotadas para venda. A maior parte da produção é enviada a Caicó.

Salmira de Araújo Torres Clemente, 49 anos, presidente da Associação das Bordadeiras de Timbaúba, fundada em 1984, parece não gostar do fato do município vizinho vender boa parte da produção



das bordadeiras timbaubenses. “A gente borda e Caicó leva a fama. Caicó polariza toda a região. Timbaúba, uma cidade pequena, termina sendo engolida”.

A prefeitura municipal pretende divulgar mais os bordados de Timbaúba. A primeira ação é adotar o título de “capital do bordado potiguar”. As bordadeiras querem ver o título estampado na placa de sinalização da BR 427, que indica a entrada do município. A construção de um centro de artesanato para servir de ponto de venda também está em pauta.

## A toalha do Papa

As bordadeiras veteranas de Timbaúba aparentam ter a paciência de Penélope, a personagem da “Odisséia”, de Homero, que esperava a chegada de Ulisses bordando de dia e desfazendo à noite o que já havia feito. Francisca Evilásia Pereira, 73 anos, é uma das pioneiras reverenciada por todas as bordadeiras de Timbaúba.

Chicola de Alceu, como é mais conhecida, começou a bordar aos 7 anos.

“Criei a família todinha no pé da máquina”. Em 1991, ano da visita do Papa João Paulo II a Natal, pediu ao monsenhor Tércio de Araújo para entregar uma toalha de mão bordada por ela ao supremo pontífice. “A toalhinha foi entregue e recebi esta bênção apostólica enviada pelo Vaticano em janeiro de 92”, comenta, mostrando uma moldura com a carta recebida e a foto do papa já falecido.



A antiga bordadeira ensinou muitas conterrâneas a bordar batinas de padre, vestidos de festa e toalhas. “Ensinava na máquina, mas aprendi na mão”. Depois de ter parado de bordar, há pouco mais de dois anos, Chicola aproveita o tempo livre no Sítio Encampinado para fazer doces caseiros, criar galinhas caipiras e cozinhar no fogão a lenha.



Maria Creuza de Araújo, 76 anos, é bordadeira há quase 40 anos

## Pai de Santo por acaso. Poeta por sensibilidade



*Timbaúba dos Batistas  
de um povo inteligente  
elevou-se a cidade  
orgulho de sua gente.*

*Bendita a mão virtuosa  
de Isabel de Isaías  
que te fundou com a igreja  
um marco de harmonias.*

*De Salviano, Lula e Bastlio  
és o berço onde nasceu  
também Manoel Batista Pereira  
quatro ilustres filhos deu.*

*Também a nossa mãe preta  
rendemos uma homenagem  
zelou tanto por seus filhos  
ajudou a humanidade.*

*Esta era mãe Bastiana  
alma piedosa e boa  
serviu aos nossos avós  
não criou nossos pais à toa.*

*Trecho do "poema à Timbaúba dos  
Batistas", de Antônio Pereira de Azevedo.*

Quando era criança, Antônio de Noca costumava sentir uma vontade incompreensível de correr. Corria desesperadamente até que encontrasse uma grande pedra e a subisse. No alto da pedra, acalmava-se. Nunca conseguiu explicar a ninguém o porquê de tanta correria. Preocupada, sua madrinha, que era adepta da umbanda, saiu da capital da Paraíba até Timbaúba dos Batistas e invocou forças sobrenaturais para ajudar o afilhado. Conseguiu. Antônio deixou o hábito involuntário e a mistura de religião e magia ganhou mais um adepto.

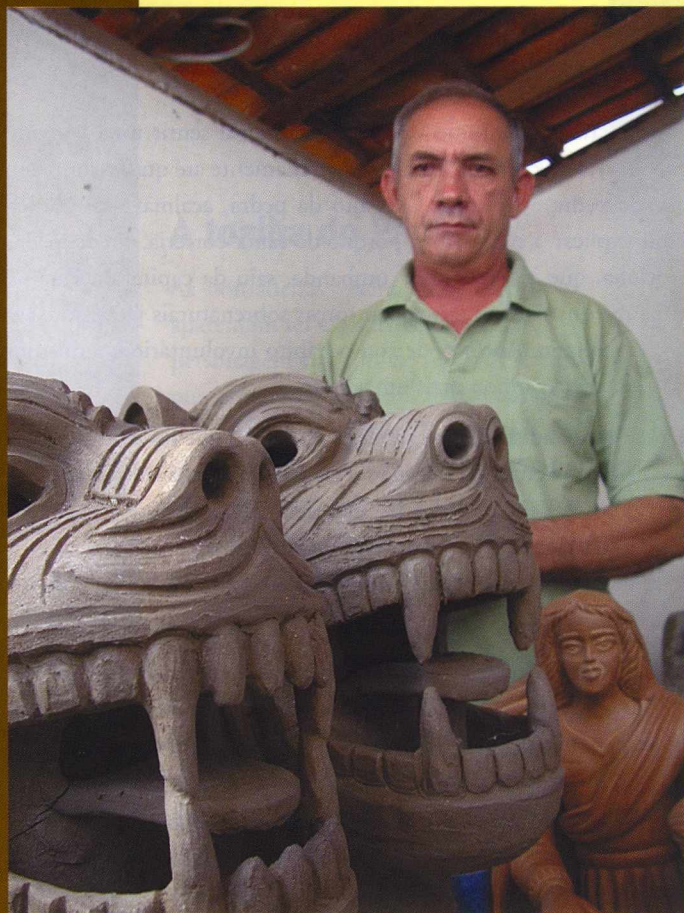
Antes de ser umbandista ele era católico, época em que foi batizado pelo nome de Antônio Pereira de Azevedo. Permaneceu como súdito do Cristianismo até os 18 anos, passando, inclusive, pela função de coroinha da igreja da sua cidade natal. Aos 66 anos, o timbaubense, funcionário público aposentado, veste-se de branco para cultuar a umbanda e ajudar a quem o procura.

Em Timbaúba dos Batistas ele é conhecido por seus rituais que, apesar de despertarem curiosidade, não causam medo nem preconceito. "As pessoas me respeitam", diz ele. Mas não só seus conterrâneos buscam seus préstimos. Antônio conta que já recebeu visitas até de Pernambuco. A maioria quer resolver problemas de, como diz o pai de santo, "loucura e casos de amor". Para cada questão dos seus pacientes existe uma planta específica. A arruda, por exemplo, é utilizada para a cura da inveja e de caminhos fechados. O manjerição é um dos mais usados para problemas de amor.

No sítio onde mora não há nenhum indício de que há um pai de santo habitando o local. A impressão permanece até a porta da casa se abrir. No segundo cômodo ele mantém uma mesa repleta de imagens religiosas, no chão está o desenho de uma seta em forma de ferradura onde Antônio faz as chamadas 'descargas de pólvora'. "Uma vez chegou um pessoal de São Bento com um homem todo amarrado. Ele ficava invocando nomes que a família não conhecia. Fiz uma descarga de pólvora e ele ficou bom de repente", descreve Antônio de Noca.

Seus rituais são de mesa branca. Algumas vezes ele sacrifica galinhas, dependendo da finalidade da cerimônia. Profere expressões como "Corto o braço da galinha para que não abrace outra pessoa que não seja você; Corto os pés para que só caminhe ao seu encontro".

Mas conversando com Antônio de Noca é fácil perceber que ele não é uma figura amedrontadora. Sua sensibilidade sentimental desponta nas páginas meio rasgadas de um caderno velho, usado para escrever poemas. Muitas tão íntimas que nem seus amigos conhecem. Sem dúvida não é em todo sítio que se encontra um pai-de-santo poeta. Timbaúba tem esse privilégio.



## Das panelas às carrancas e santos

Severino Araújo, 60 anos, herdou da mãe, uma antiga louceira, a habilidade manual no trato com o barro. O escultor faz carrancas e imagens sacras como se ainda fosse o menino acostumado a brincar com a terra do Sítio Clemente, localidade rural onde nasceu e foi criado.

A mãe Concessa Araújo era um das antigas louceiras da região, ocupação cada vez mais rara pelos sertões do Seridó. A tia Maria Beatriz de Araújo também foi louceira. A abundância de barro puro e vermelho no Sítio Clemente incentivava Concessa a fabricar alguidares, vasos de barro de bordas largas usados antigamente no preparo do queijo de manteiga.

Bom observador, Severino começou a fazer panelas e potes aos 15 anos. A feitura dos potes, utilizados para carregar água e usados também como depósitos de farinha, ocupavam um bom tempo do seu cotidiano. O artesão foi aprimorando a técnica de moldar o barro e, em pouco tempo, já fazia estátuas para enfeitar as casas. “Já com idade de vinte fazia estátuas”.

Para fazer esculturas mais resistentes e vistosas, Severino mistura o barro com pó de pedra sabão. O barro continua sendo extraído do sítio de sua infância e o pó da pedra vem de Caicó. As carrancas, ricas em detalhes, são as peças mais requisitadas. O artesão também recebe encomendas de imagens de santos. A imagem de Santana, padroeira de Caicó, lidera a lista de pedidos.

A arte rústica de Severino Araújo já esteve presente em algumas feiras. O escultor fez exposição de algumas peças no Festival de Carne e Queijo de Caicó, na Festa de Santana e na Feira dos Municípios, de Parnamirim. A chegada da Casa de Cultura de Timbaúba dos Batistas abre um espaço para o artista mostrar sua produção.

## Um ex-seminarista apaixonado pela história

O caicoense Arysson Soares da Silva, 27 anos, carrega Timbaúba no coração. Apaixonado pela origem da terra que escolheu para morar com a esposa e o filho, o ex-seminarista dedica quase todo seu tempo ao estudo e restauração de antigos inventários timbaubenses. O pesquisador é autor de “José Batista dos Santos, uma figura de patriarca”, relato histórico do fundador de Timbaúba escrito em parceria com Antônio Pereira de Azevedo.

A paixão pelo estudo da história vem desde os tempos do seminário Santo Curad'aris, em Caicó. “Comecei a entrevistar pessoas e procurar arquivos para deixar um registro escrito da história”. Remexendo documentos antigos, Arysson descobriu seu parentesco com José Batista dos Santos, considerado o fundador de Timbaúba. “Meu tetravô, Guilherme Soares Pereira, era casado com a filha dele”.

Arysson não esconde o entusiasmo quando começa a falar sobre genealogia. Quase todos os dias, algum conterrâneo busca ajuda nos conhecimentos do pesquisador para tirar alguma dúvida relacionada com parentescos. O pesquisador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do RN, já publicou “Os Panela”, uma revista que conta a história da família do patriarca Clemente de Araújo Pereira e Ana Francelina de Brito, casal que deu origem ao apelido de “os panela” a seus descendentes.

“É o resultado de um trabalho de pesquisa incansável de Arysson Soares, que não mediu esforços para procurar nos cartórios e nas Igrejas as datas de nascimento, batismo e casamento de todos os que representam os velhos troncos da família”, comentou a professora aposentada Selma Pereira, viúva do jurista Francisco das Chagas Pereira, sobre a publicação.

O pesquisador conta a história da origem do apelido. Segundo Arysson, Clemente de Araújo Pereira, conhecido como o Velho Clemente, trabalhava num engenho no sítio Tapuia e, certa vez, ao final de uma semana de trabalho árduo, ganhou uma panela de barro com mel do patrão, o Major Salviano da Tapuia. “Ele colocou a panela de mel na cabeça, rumou à procura de sua casa, chegando próximo ao sítio Timbaúba, de propriedade de sua irmã Mariana. Ao passar num passageiro, tropeçou em um dos paus e derrubou a panela de mel que se quebrou no chão”.

A queda teria sido presenciada pelo sobrinho Manoel Domingos, que começou a contar a história para os vizinhos. Os



timbaubenses, gozadores como todo povo de interior que se preza, começou então a tratá-lo por Clemente Panela ou Velho Panela. Os descendentes herdaram o apelido, mas até os anos 50 não admitiam ser chamados de “os panela”.

As gerações mais novas resolveram abraçar o apelido com orgulho. A 1ª Festa dos Panela, organizada em 2002, teve como ponto alto a distribuição de um pequeno pote de barro com mel para cada um dos presentes. “A minha contribuição para a festa foi escrever a revista”, recorda Arysson. Foram feitos mil potes de barro na ocasião. O lar doce lar dos “panela” tem mel para dar e vender.



## O tesouro arqueológico do Sítio Pintado

Poucos municípios podem se dar ao luxo de ter um atrativo natural como o Sítio Pintado, a apenas 6 Km do centro de Timbaúba dos Batistas. A estrada de barro que leva até o local das inscrições rupestres, passando pelos sítios Currais e Lago Azul, é cercada de muito verde na época das chuvas. As gravuras feitas nos rochedos estão por toda parte da área de 2 km quadrados, tombada recentemente pela Fundação José Augusto. O sítio arqueológico nunca mereceu a atenção devida. Até bem pouco tempo, a comunidade rural quebrava as pedras para fazer o alicerce das casas.

A variedade das gravuras nas rochas sempre despertou a curiosidade da população, mas nunca foi feito um estudo arqueológico para saber ao certo em que período foram feitas. As inscrições rupestres do sítio de Timbaúba já foram retratadas pelo artista plástico natalense Flávio Freitas, um dos primeiros a atentar para a necessidade de preservar a arte rupestre. As cercas de pedra, feitas há mais de um século, também chamam a atenção de quem visita o local.

Segundo o pesquisador Arysso Soares, “as cercas são do tempo do velho Clementino Batista de Araújo (1833-1926)”, antigo proprietário das terras do Pintado. As cercas servem de morada para muitos mocós. Arysso, um entusiasta do tombamento da área, diz já ter encontrado pedaços de porcelana holandesa no sítio.

O historiador Helder Medeiros de Macedo lembra que as inscrições rupestres encontradas no Sítio Pintado são muito comuns na região do Seridó. Os arqueólogos chamam as marcações feitas nos rochedos de gravuras, incisões ou itaquatiaras (itaquatiara vem do tupi = pedra pintada).

“As itaquatiaras são inscrições que encontram-se nas margens dos rios, córregos, riachos e lagoas, feitas através de processos de raspagem, picoteamento ou polimento da pedra, com a ajuda de

instrumentos como o percutor. As itaquatiaras têm o seu expoente máximo na Pedra do Ingá, na Paraíba. No Rio Grande do Norte há uma enorme profusão de sítios dessa tradição, especialmente na região do Seridó”, explica Helder.

O historiador acredita que as chamadas itaquatiaras estão relacionadas com o culto das águas, devido à sua localização em cursos d’água ou caldeirões, onde a água que cai no inverno fica retida. Podem, ainda, estar relacionadas com cultos das forças naturais e celestes. Algumas inscrições remetem a possíveis representações de astros ou linhas onduladas que imitam o movimento das águas.

O caldeirão “Buraco da Vaca”, um destes locais que acumulam água, é um dos pontos mais interessantes do Sítio Pintado. O buraco, com mais de dois metros de profundidade, possui marcas na borda provavelmente feitas pelos instrumentos pré-históricos de pedra que eram usados para fazer as gravuras. Segundo Arysso Soares, o local era usado para amolar as pedras. “O buraco ganhou este nome por que uma vaca quebrou uma perna dentro e terminou morrendo no local”.

A professora Paula Sônia de Brito, docente do curso de história da UFRN em Caicó, já organizou algumas excursões ao Sítio Pintado. Os professores notaram a semelhança dos grafismos encontrados no Sítio Pintado com algumas das inscrições rupestres de Carnaúba dos Dantas, a 70 km de Timbaúba. “É preciso proteger o local e tornar o acesso mais fácil. Deve ser estruturado de uma forma tal que os visitantes não destruam.”



## Cemitério segregava raças

O cemitério público municipal da pequena Timbaúba dos Bastistas é quase igual a todos os cemitérios do interior potiguar. Quase. A arquitetura dos túmulos, a forma de homenagear os entes falecidos, isso tudo é similar. A exceção é uma particularidade que permaneceu cravada na cultura dos moradores até 1938: os negros e os brancos eram enterrados separadamente.

A idéia de construir um cemitério nasceu devido a dificuldade de se tinha para enterrar os mortos na cidade. Quando alguém falecia em Timbaúba, teria que ser sepultado nos municípios vizinhos, como Caicó, que fica a 27 km de distância. Sem boas estradas, nem bons meios de transporte, a caravana enfrentava despesas financeiras além de desgaste físico pela cansativa viagem.

Foi então que o senhor Joaquim Ábdon, que na época era latifundiário, cedeu o terreno para a construção do cemitério. Desde que fosse atendida uma condição: a metade direita do espaço ficaria reservada para o sepultamento dos seus familiares. Mas por ser uma localidade tão pequena, quem morava lá ou era familiar de Joaquim, ou era empregado dele. E todos os empregados eram descendentes de escravos, ou seja, negros. Com o passar dos anos, a população foi crescendo e ganhou mistura de raças. Mas ainda assim, sem entender exatamente o porquê, os moradores seguiram a tradição até o falecimento de Emília Maria de Araújo, em 1938, a primeira branca a ser enterrada no lado dos negros. Fato que causou inquietude no município.

Hoje em dia não há mais a convenção para a separação das raças no cemitério. Mas é facilmente perceptível a divisão por causa dos tamanhos e beleza dos túmulos. De frente para o cemitério, o lado direito, o dos brancos, é repleto de túmulos arquitetonicamente mais elaborados. Do lado esquerdo, o dos negros, estruturas singelas.

## Um puxador de fole das antigas

Quando as mãos trêmulas do 'Seu' Zé Ananias seguram o fole para extrair o som, seu olhar está vago e direcionado para o chão, como se nada ao seu redor fosse mais importante que a música que sai do instrumento.

José Ananias de Araújo tem 90 anos de idade e algumas décadas de música. Sua memória não permite mais que ele diga com qual idade começou a tocar, mas lembra que seu primeiro instrumento foi um reajo quando ele ainda era menino.

Ao longo da sua vida trabalhou em muitas construções de açudes, cercas de pedra e casas, inclusive a própria, e também ganhou dinheiro com sua música, tocando em casamentos, São João, Festa do Padroeiro. Ele também não tem precisão ao responder quantos filhos têm, mas sabe que dois são músicos, os sanfoneiros Sandoval (Vavá) e Maurício. Ambos aprenderam música com o pai. "Tocávamos forró pé-de-serra à luz do candeeiro, com triângulo, zabumba e pandeiro", lembra Maurício, 56 anos de idade e 30 de músico.

O trabalho árduo para sustentar a família comprometeu a memória de seu Zé Ananias. Hoje ele tem medo das pessoas que não conhece. Sua família teve que identificar a equipe da PREÁ como policiais para que ele ganhasse confiança para conversar. Mas com o fole nos braços, as músicas fluem facilmente. Como se o instrumento fosse seu mais eficiente veículo de comunicação e o prazer que o acompanhará para o resto da vida.



## O santo com fama de preguiçoso

Ao ser iniciada a construção da igreja de São Severino Mártir, em Timbaúba dos Batistas, muitos moradores estranharam a forma como se apresentava a imagem do seu santo padroeiro. Fardado, deitado e de olhos fechados, logo São Severino ganhou a fama de preguiçoso. Mas na verdade ele foi santificado por ter sido um soldado romano que defendeu o exército cristão na época das Cruzadas e morreu em batalha.

São Severino chegou até Timbaúba trazido pela moradora Izabel de Brito, que havia adoecido e prometido ao santo que caso ele a ajudasse a sair da enfermidade, construiria uma capela em sua homenagem. E assim foi. Izabel ficou curada, tornou-se devota dele e deu início, em 1929, à construção que depois se tornaria a igreja principal da cidade.

A primeira imagem foi um quadro. Tempos depois, o padre Walfredo Gurgel doou a estátua que está até hoje na igreja. Mesmo com a fama do santo preguiçoso, os devotos não se deixaram influenciar. Trabalharam para o crescimento do centro religioso, que atualmente mede o triplo do tamanho da primeira construção e possui outras imagens de santos.



## Seguindo os passos do tio

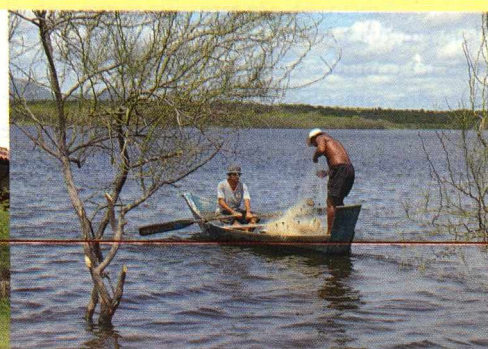
Francisco Monteiro, 14 anos, parece ter herdado do tio, o poeta Ramiro Monteiro Dantas, falecido em 1997, o dom de escrever cordéis e recitar versos. Juninho Poeta, como é carinhosamente chamado pelos conterrâneos, começou a mostrar seu talento literário ao ganhar o concurso de redação da Semana Cultural de Timbaúba, em 2003.

O estudante do 8º ano primário da escola Paulino Batista de Araújo, a exemplo do tio nascido no Sítio Saudade, em Serra Negra do Norte, busca inspiração nas coisas simples da terra para fazer seus versos. “Timbaúba tão querida / linda terra brasileira / és pedaço da minha vida / e és muito hospitaleira / Timbaúba tão bonita / do bordado e do lazer / já faz parte da minha vida / e me dá muito prazer”.



## Casa grande em escombros

A casa grande da Fazenda Lagoinha, antiga propriedade do major Salviano Batista da Natividade, é do início do século XX. O antigo casarão, localizado às margens do açude Lagoinha, construído em 1905, está em ruínas. O açude ainda dá sustento a alguns pescadores.



# Elino Julião

## *à sombra do juazeiro*



Jackson do Pandeiro e Elino Julião

Quem nunca escutou a bronca que Nascimento levou por ter cortado o rabo de um tal jumento? E o pior é que o dono do animal não queria pagamento. Ele queria é outro rabo para o jumento. Essa discussão faz parte da mais famosa música do mais puro forró pé-de-serra escrita por Elino Julião.

O timbaubense, de 69 anos de idade, que se considera músico profissional desde que completou a maioridade, é daqueles artistas que todos já ouviram. Algumas das suas músicas são tão comuns que é possível confundi-las com cânticos de

domínio popular como o “atirei o pau no gato”.

O artista, natural de Timbaúba dos Bastistas, permaneceu na sua terra de origem apenas pelos 12 primeiros anos de vida, quando brincava de bater em latas para tirar som, depois se mudou para Natal, onde passou a participar dos concursos de calouros das rádios. No programa “Domingo Alegre”, da Rádio Poti, conheceu Jackson do Pandeiro, músico já consagrado que o convidou para mudar-se de mala e cuia para o Rio de Janeiro. Lá moraria pelos 48 anos seguintes. A capital carioca não era exatamente o

mesmo mundo que o jovem potiguar de 22 anos conhecia. Foi a saudade que causou a inspiração para produzir música. Assim surgiu “O Relabucho”, a primeira composição de Elino Julião.

A inspiração iniciada pelo período “carioquista” rendeu ao cantor 48 discos de vinil e nove CDs, “sem contar com as coletâneas e os lançamentos remasterizados”, enfatiza o músico. Ao todo, ele contabiliza exatamente 326 músicas de sua autoria. Se somadas às de outros autores que ele gravou, esse número ultrapassa as 700 canções. Vale o destaque para duas músicas especiais: “São Severino Mártir” (homenagem ao santo padroeiro de Timbaúba dos Batistas) e “Os panelas” (homenagem ao apelido do patriarca da sua família).

Elino Julião diz que se não fosse cantor, gostaria de ser advogado porque gosta de justiça. Então, justiça seja feita, poderia um compositor gravado por nomes como Elba Ramalho, Lenine, Dominguinhos e Jackson do Pandeiro ter escolhido profissão mais adequada? Claro que não. 📺



# Livros



## Carlos Magno Araújo

carlos\_magno\_araujo@yahoo.com.br

### O sucesso de Barléu

Há uma explicação para o sucesso neste Rio Grande do Norte da nova edição de “O Brasil Holandês sob o Conde João Maurício de Nassau”, do holandês Gaspar Barléu, editado pelo Senado, e sensação maior da 3ª Bial do Livro de Natal: No Instituto Histórico e Geográfico do RN há um dos raros exemplares da primeira edição deste livro, lançado em 1647. Do ponto de vista histórico, é, portanto, uma relíquia. Do ponto de vista literário, é um prazer descobrir a forma como se escrevia àquela época – é preciso abstrair, entretanto, o tom excessivamente bajulatório. Bem que o IHGRN poderia aproveitar o “gancho” do novo Barléu e fazer uma exposição do que se encontra em seus arquivos, inclusive abrindo para visitação de colégios, professores e pesquisadores. Sobre o tema, a ocupação holandesa, a editora oficial de Pernambuco tem vastíssima coleção. No ano passado, uma outra editora, recém-criada e de alcance nacional, lançou luzes sobre duas figuras-chave daquele período: Gaspar Dias Ferreira, secretário de João Maurício de Nassau, e Jacó Rabi, que se associou aos índios e protagonizou a chacina de Cunhaú, em Canguaretama, em 1647. Em “Príncipe e Corsário – Quase tudo que Gaspar Dias Ferreira escreveu sobre João Maurício de Nassau, o Brasileiro” (editora A

Girafa), a historiadora pernambucana Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque mostra que Nassau não gostou nada do que Rabi fez. O massacre repercutiu muito mal porque Rabi, em vez de apacentar, acendeu ainda mais o ódio dos índios, principalmente contra os portugueses.

### Os contos das mulheres

O escritor Luiz Ruffato, que em 2004 organizou para a Record “25 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira”, lançou em junho, pela mesma editora, uma segunda coletânea de contos para mostrar a quantas anda a produção feminina moderna no País. “Mais 30 Mulheres que estão fazendo a nova literatura brasileira” só surgiu em razão da surpreendente descoberta feita no primeiro volume, a de que é grande o número de mulheres escrevendo contos no Brasil, a maioria das quais desconhecida do grande público. Nesta segunda coleção de contos, como na primeira, prevalecem as autoras do eixo Rio-São Paulo. Do Nordeste, somente dois textos: “Os Inocentes”, de Marília Arnaud (Campina Grande, PB, 1960), e “A Mulher Nua”, de Adeline Souza (Castro Alves, BA, 1973).

### Cabo Josino Viloso

Lúdico e jocosos, adjetivos usados pelo escritor Benedito Nunes, são perfeitos para classificar o livro mais novo do sergipano Francisco J.C. Dantas, “Cabo Josino Vi-

loso”, novela que sai pela editora Planeta e em que o autor, na melhor tradição regionalista, cria um personagem singular: um cabo fanfarrão, medroso, manhoso e malandro, que vê na função de delegado de uma vilarejo pequeno, nos confins do Nordeste, rejeitado por todos, a possibilidade de mudar de vida e ser respeitado, tudo “em nome da Lei e do Estado”. Francisco Dantas repete aqui a beleza de textos anteriores, como em “Coivara da Memória”, de 1993; “Os Desvalidos”, de 1997; “Cartilha do Silêncio”, de 1999; e “Sob o Peso das Sombras”, de 2004.

### O premiado “Telha Crua”

“Telha Crua”, poemas de Lívio Oliveira, Prêmio Luís Carlos Guimarães 2004 e Prêmio Othoniel Menezes 2004, e “Martins – A Cidade e a Serra”, em sua terceira edição, revista e ampliada, foram lançados na Bial de Natal pela editora local Sebo Vermelho. A editora lançou também “Cartas de Cascudo a Oswaldo Lamartine”, uma preciosidade histórica – e literária.

### Actas de Cascudo na NET

As famosas “Actas Diurnas”, de Câmara Cascudo, agora estão disponíveis na Internet. Podem ser lidas no blog [www.memoriaviva.com.br/cascudo](http://www.memoriaviva.com.br/cascudo), produzido pelo jornalista Sandro Fortunato. Estão lá textos publicados na imprensa potiguar entre 1939 e 1960 pelo folclorista, historiador, pesquisador e escritor.

# PS.

▶▶▶▶ A PREÁ é também uma caixa de ressonância do movimento cultural do Rio Grande do Norte. Nesta edição, isso está bem explícito, com as coberturas dadas a três grandes acontecimentos que sacudiram a vida cultural de Natal nos últimos dois meses: a Bienal do Livro, o M8M (Movimento 8 de Maio) e o MADA (Música Alimento da Alma). Eventos importantes nas áreas de Literatura, Artes Plásticas e Música, que mostram a pujança cultural que a cidade atravessa. Paralelamente, dezenas de pequenos e significativos eventos, em todas as áreas, lastreiam esses de grande porte. Assim é que deve ser.

▶▶▶▶ Como vocês devem ter notado – pelo menos os mais atentos – fizemos algumas mudanças gráficas e editoriais na revista. Na parte gráfica, aumentamos o espaço destinado ao índice e colocamos o expediente e a Palavra da Casa abrindo a edição. A idéia é arejar mais o índice, que estava muito espremido em uma página. Mexemos também na primeira página do Poesia Potiguar e do 13 x 1. Ambas, ficaram mais enxutas. No caso do Poesia Potiguar, ganhamos mais espaço para as poesias e o espaço do 13 por 1 foi reduzido para ter ao lado uma novidade, a agenda dos principais eventos culturais do Estado. Criamos a agenda pensando nos leitores do interior do estado e de fora do Rio Grande do Norte, uma vez que os de Natal têm essas informações com facilidade. No caso do leitor

do interior e de fora do estado, que na maioria das vezes não tem acesso à mídia, a agenda poderá ser de grande valia, pois permitirá que ele fique sabendo do que irá acontecer na área cultural e avalie se poderá acompanhar ou não determinada produção artística. A agenda está nas mãos da estagiária Michelle Pessoa, estudante de jornalismo, e quem quiser divulgar seu evento cultural é só entrar em contato com ela através de e-mail ou escrevendo para a Fundação José Augusto. A agenda também está disponível na página da FJA na Internet ([www.fja.rn.gov.br](http://www.fja.rn.gov.br)).

▶▶▶▶ Também a partir desta edição, contamos com a colaboração do jornalista Carlos Magno de Araújo, que passa a assinar a coluna destinada aos livros. Carlos Magno é hoje, na área de Literatura, um dos mais bem informados jornalistas do Estado, sem falar que conhece como poucos a produção literária potiguar. Acredito que a coluna está em boas mãos.

▶▶▶▶ As mudanças que vimos fazendo desde a edição passada, quando acrescentamos crítica de cinema e música, além da incorporação de novas pessoas à revista, tem como única finalidade, melhorar cada vez mais a PREÁ. O objetivo é esse, mas a palavra final é do leitor. Caso algumas das mudanças não tenham o agrado dele, não teremos dificuldade nenhuma em reavaliar e corrigir o rumo.

▶▶▶▶ Sérgio Vilar, que assina duas reportagens nesta edição, é um dos mais promissores talentos que o jornalismo cultural revelou nos últimos anos em Natal. Embora ainda estudante – do curso de jornalismo da UFRN – o baixinho escreve bem como poucos professores que conheço.

▶▶▶▶ Uma professora comentou com o diagramador Lúcio Masaaki que as ilustrações que acompanham os textos da PREÁ não tinham a ver com os textos.

Ela deduziu que escolhíamos as ilustrações aleatoriamente e não, obrigatoriamente, como fazemos, enviando o texto para o artista plástico. Só que o artista plástico faz a sua ‘viagem’ no texto e nós não temos o direito e nem a petulância de nos intrometer nisso. Isso foi explicado por Masaaki à professora. Nessa edição, tem uma ilustração que vai causar estranhamento a professora. A que Vicente Vitoriano fez para a crônica “O carroceiro e o chicote”. Repassei o texto para Vicente e quando fui receber, eu olhei e fiz um ar de riso, no que ele me acompanhou e explicou que a ilustração significava o escritor surrando o ilustrador, ou seja, o escritor seria o carroceiro e o ilustrador o pobre do cavalo.

▶▶▶▶ O poeta Carlos Astral sugeriu e, gentilmente, cedeu o texto sobre o São João antigo, escrito por Ferreira Itajubá.

▶▶▶▶ Alguns leitores já me abordaram querendo saber porque a PREÁ não publica anúncio. Explico. Simplesmente porque até hoje não apareceu nenhuma empresa que se interessasse em anunciar. No começo da revista, ainda fomos atrás de algumas empresas e fizemos contato com agências de publicidade, mas perdemos o nosso tempo. Para se ter uma idéia da situação, a revista foi aprovada pela Lei de Cultura Câmara Cascudo, para receber recursos, via renúncia fiscal, e desde o início do ano que um produtor cultural gasta o sapato tentando uma empresa para financiá-la e não consegue. Vai ver que é porque a revista não tem glamour, nem plumas e paetês. Os marqueteiros, que mandam nas verbas das empresas destinadas à cultura, preferem empregar o dinheiro, que daria para fazer um ano da revista, num único evento, muitas vezes durando uma fêérica noite, que quando acaba foi como uma espuma do mar. Some sem deixar vestígio.

Até a próxima!

*Lúcio Costa*

# A sua arte em mãos de verdadeiros Arquitetos de cores.



[www.mouraramos.com.br](http://www.mouraramos.com.br)

João Pessoa/PB:  
Natal/RN:  
Recife/PE:  
Maceió/AL:

(83) 3221 6587  
(84) 3202 3851  
(81) 3229 1764  
(82) 3337 5290

[grafica.pb@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pb@mouraramos.com.br)  
[grafica.rn@mouraramos.com.br](mailto:grafica.rn@mouraramos.com.br)  
[grafica.pe@mouraramos.com.br](mailto:grafica.pe@mouraramos.com.br)  
[grafica.al@mouraramos.com.br](mailto:grafica.al@mouraramos.com.br)



F U N D A Ç Ã O  
**JOSÉ AUGUSTO**



Novos espaços foram abertos na Fundação José Augusto para o artista potiguar mostrar sua arte: Galeria de Arte Newton Navarro, Espaços Culturais Odilon Ribeiro Coutinho, Leonor Leiros e Emmanoel Bezerra e o auditório Franco Jasiello

**A cultura do  
Rio Grande do Norte  
passa por aqui**